

CONIMBRIGA

MARIA PILAR REIS*
ADRIAAN DE MAN**
VIRGÍLIO HIPÓLITO CORREIA***

Compreender a gestão dos resíduos de uma cidade romana é um exercício difícil, pois requer um conjunto de informação que, na maior parte dos casos, nos chega demasiado fragmentada. Em primeiro lugar, desconhecemos, via de regra, a totalidade das infra-estruturas que existiram numa qualquer cidade; em segundo lugar, o conhecimento teórico que detemos sobre os sistemas e políticas locais de gestão dos resíduos urbanos durante o período imperial é escasso.

Todavia, a cidade lusitana de *Conimbriga* oferece um desses raros exemplos nos quais podemos estudar uma parte significativa das infra-estruturas de gestão dos resíduos e a sua evolução e adaptação ao devir da própria cidade.

1. SISTEMAS DE DRENAGENS URBANOS: UMA VISÃO GLOBAL

Como elemento essencial da gestão de resíduos considerar-se-á aqui o sistema de drenagem construído em *Conimbriga* de finais do séc. I a. C. até aos meados do séc. II d. C.

Nada sabemos das lixeiras que certamente existiram fora dos limites urbanos, com especial destaque para o vale do Rio de Mouros, sumidouro natural da cidade, pelo que se limitará o conceito de «resíduo» às águas residuais das actividades privadas, públicas e industriais, e às águas pluviais. No que diz respeito à qualidade da água consideramos:

- A) águas pluviais: águas não utilizadas nem contaminadas, reutilizáveis;
- B) águas impróprias: águas já utilizadas mas não contaminadas e reutilizáveis;
- C) águas negras: águas contaminadas, não reutilizáveis.

Por outro lado, um esquema simplificado do sistema de drenagem urbano romano deve considerar três ambientes fundamentais: público, privado e industrial.

A drenagem das águas pluviais pode realizar-se directamente para a rede de colectores; ou entrar num esquema misto, reaproveitando essas águas para outros fins e juntando-se posteriormente à rede de colectores das águas impróprias, permitindo a sua reutilização. Esta, por norma, é para limpeza de latrinas ou de outras estruturas, transformando-se por fim em águas negras, que vertiam então para o receptor final - o rio ou as áreas extra-urbanas.

Não existem registos, em *Conimbriga*, de redes de colectores nas vias públicas dedicados exclusivamente às águas pluviais; na grande maioria dos exemplos faz-se a junção, num mesmo colector, de águas impróprias, negras e pluviais; daí a denominação de sistema misto. Este sistema devia apresentar numerosas desvantagens, designadamente o facto de episódios torrenciais com elevados níveis de precipitação excederem rapidamente os níveis de capacidade de escoamento das redes de colectores, com efeitos poluentes generalizados de grande periculosidade. Talvez por este motivo se encontrem algumas soluções *ad hoc* de melhoria dos sistemas de escoamento, como a duplicação de colectores, ou a ampliação de galerias.

Ao considerarmos os volumes e sistemas utilizados para drenagem das águas utilizadas em meio urbano, devemos tomar em linha de conta um outro factor de elevada importância: o espaço urbano representa uma vasta área impermeabilizada. As construções, com as suas coberturas e pátios pavimentados, as praças lajeadas e as ruas pavimentadas oferecem uma superfície que condiciona a absorção das águas pluviais impondo novos percursos no seu escoamento natural. Independentemente dos níveis de permeabilidade de uma determinada pavimentação (uma rua lajeada tem um comportamento diferente de uma rua em terra batida).

* CEAUCP, Universidade de Coimbra.

** Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

*** Museu Monográfico de Conimbriga.

O que se constata é precisamente o sobredimensionamento de algumas condutas públicas, provavelmente como resposta à ausência de cálculos precisos nos volumes de água a serem escoados. Claro que, ao reflectirmos sobre o urbanismo na antiguidade, não deixaremos de considerar a ocorrência de episódios climáticos extremos, cujas consequências dependeriam não só da área impermeabilizada existente no núcleo urbano, como também da topografia de uma ou outra cidade, sendo que a existência de fortes declives urbanos, situação aliás extremamente comum nas cidades lusitanas, poderia agravar os episódios de cheias e inundações no interior do perímetro urbano, e admitindo, como se verifica em *Conimbriga*, que algumas destas construções estariam dotadas de caves e subcaves e que a regulamentação da construção urbana não previa normas específicas sobre cotas de construção em determinadas áreas urbanas, problema aliás de grande actualidade na gestão urbana contemporânea.

Não é possível introduzir neste ponto uma tabela de cálculo das áreas cobertas de *Conimbriga*, já que da cidade apenas conhecemos um 30%, mas certamente que espaços como o *forum*, ou as Termas do Sul, na sua fase trajânica foram locais que mereceram uma especial atenção na organização dos escoamentos.

Para além dos volumes de águas pluviais existe um outro elemento determinante na compreensão destes sistemas de drenagem: o tipo de abastecimento urbano.

A construção de um aqueduto supunha um acréscimo importante no volume de água consumida e utilizada a ser escoada para o exterior do perímetro urbano.

1.2. REDE DE DRENAGEM EM *CONIMBRIGA*: ADAPTAÇÃO E EVOLUÇÃO

O estudo da topografia de *Conimbriga* destaca-se no panorama português¹ pela qualidade da informação disponível, que permite uma abordagem pormenorizada de todas as áreas escavadas e, por extrapolação, um exercício de análise da sua evolução urbana. O mais recente levantamento topográfico permitiu cartografar com rigor e descrever pormenorizadamente a vasta rede de canalizações conservadas na área arqueológica escavada.²

¹ Seríamos incorrectos se nos referíssemos à província Lusitana, já que sobre *Augusta Emerita* existe profícua e actualizada bibliografia sobre a sua topografia urbana.

² Uma abordagem sobre a topografia de *Conimbriga*, com publicação das mais recentes plantas, em Correia e Alarcão

O conhecimento que actualmente detemos sobre a cidade romana não nos permite restituir integralmente a topografia primitiva do planalto, mas a área escavada possibilita uma abordagem que podemos considerar aproximada à sua orografia em período augustano. O planalto, assente sobre os tufo calcários, destaca-se na paisagem pela sua configuração triangular, acompanhado, na sua vertente sul, pelo encaixado vale do Rio de Mouros. A sua cota média é de 107,00 m, enquanto o rio corre a uma cota de 45,50 m. Fruto da sua condição calcária, a meseta apresenta algumas irregularidades, com um ponto mais elevado ao centro, marcando uma espinha dorsal que suavemente se uniformiza ao aproximar-se do limite ocidental do esporão e com algumas pequenas bacias, que escoam as águas para as três linhas de água que a sul, norte e oriente a definem. Este ponto mais elevado do planalto foi, por razões evidentes, o local escolhido para construir o primeiro *forum*, ocupando um espaço importante da cidade pré-imperial (todas as soluções adoptadas para escoar as águas pluviais e residuais seguiram, numa primeira fase, os traçados viários pré-existent) mas com significativas alterações, não só na forma como se operava este escoamento como também na escolha de determinados pontos para a construção de equipamentos que exigiam um grande consumo de água, produzindo consequentemente, um volume considerável de águas residuais.

1.2.1. *A cidade pré-imperial* (Fig. 1)

A evidência do *oppidum* que ocupava o planalto quando tiveram lugar as obras de construção dos edifícios públicos augustanos é reduzida.

A construção das termas públicas, abastecidas por um aqueduto, e um primeiro *forum* constituem estes primeiros programas (a muralha faz parte do programa, mas é de importância reduzida para a problemática aqui tratada). Os vestígios de algumas habitações sob o templo flaviano³ dão apenas uma leitura parcelar do aglomerado pré-imperial. É possível identificar uma rua de 4,75 m de largura, no sentido este-oeste, que a escavação permitiu registar ao longo de 73 m. Este seria um dos eixos vertebrais do aglomerado.⁴

2008, 31-46. Para permitir uma maior coerência na leitura utilizamos aqui a mesma seriação cronológica proposta no citado artigo. Todos os colectores que citamos neste texto estão cartografados nas Estampas acompanhados de um número que corresponde ao inventário «Conimbriga: rede de abastecimento e drenagem» (CRAD).

³ Étienne e Alarcão 1977, 17-25.

⁴ Correia 2004; Correia e Alarcão 2008.

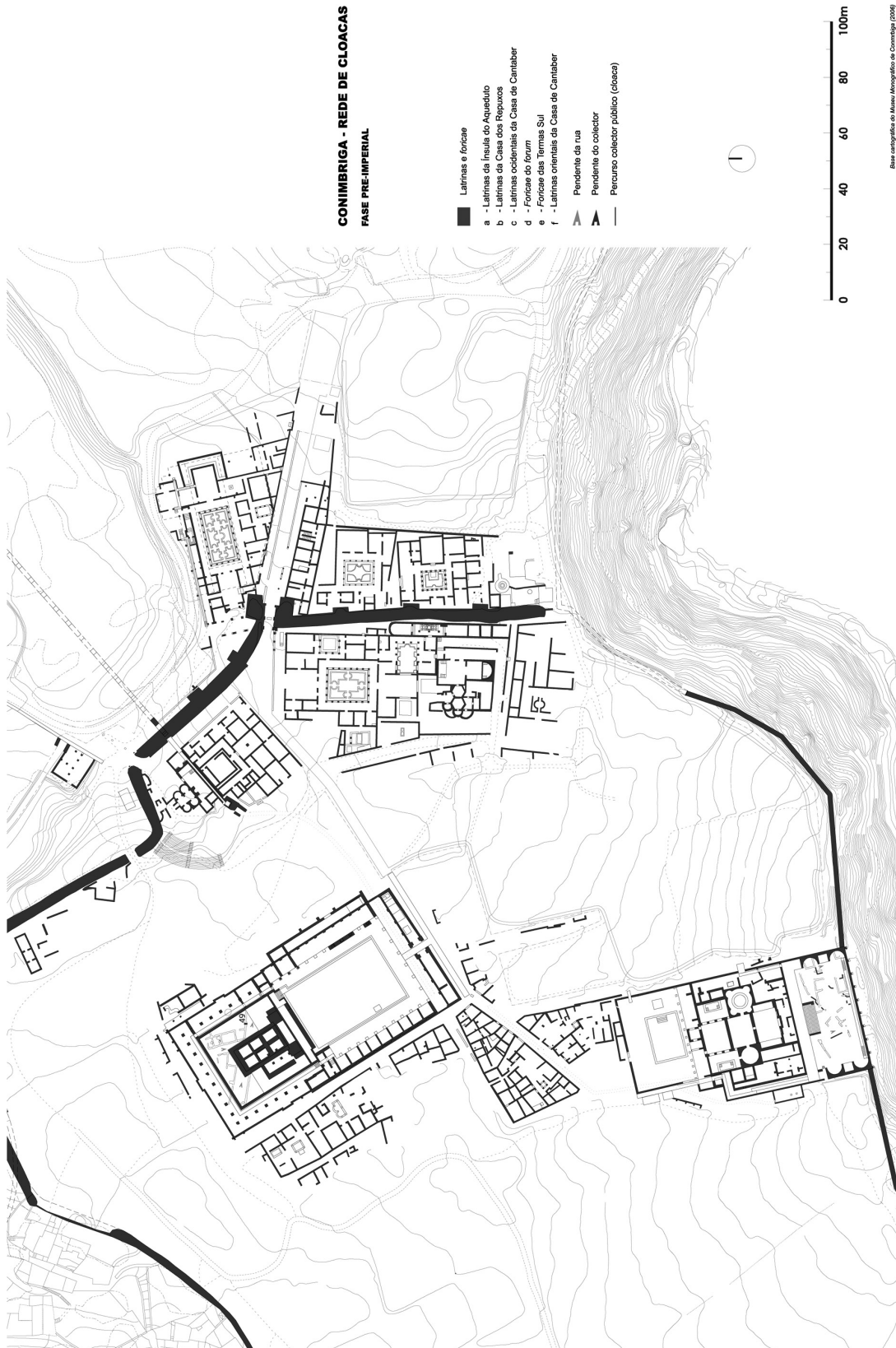


Fig. 1. Conimbriga. Rede de cloacas. Fase pré-imperial.

As construções respeitam a orientação desta rua e o escoamento das águas pluviais far-se-ia livremente, sobre o pavimento. Uma destas casas conserva uma abertura rectangular de 0,30 m por 0,38 m⁵ que abre directamente para a rua; em nenhum trecho foi possível localizar um sistema de canalização das águas domésticas ou pluviais, confirmando-se, neste caso como noutros aglomerados contemporâneos do *oppidum* de *Conimbriga*, a utilização da rua como escoadouro natural dos resíduos líquidos domésticos e canalização aberta das águas pluviais.

Neste núcleo do *oppidum*, uma segunda rua de eixo norte-sul cruza obliquamente a rua principal, sendo a sua largura inferior (3 m).

Esta segunda rua conserva, em melhor estado que a anterior, o pavimento original formado por cascalho, fragmentos de cerâmica cinzenta e alguns ossos animais.⁶ A sua pavimentação apresentava-se sólida, bem executada e corresponde, sem dúvida, a uma acção de impermeabilização do espaço de circulação, o que talvez justifique a ausência de soleiras ao mesmo nível, mas sim a uma cota mais elevada, evitando assim que, em momentos de elevada pluviosidade, se inundasse o interior das habitações. A cota desta rua (104,98 m) é ligeiramente superior à anterior (104,71 m), indicando que o escoamento se processava de norte para sul, dirigindo-se provavelmente para a zona oriental da cidade, talvez em direcção às portas do *oppidum*.

Noutro ponto da cidade, na área a sul das termas, foram detectadas algumas construções atribuíveis à época pré-imperial. Este núcleo não apresentava a mesma coerência urbana que o anterior, o que tem vindo a ser encarado como uma diferenciação cronológica entre ambos.⁷ Aqui a estruturação das habitações apresenta-se de forma menos ordenada, sendo mais difícil identificar o traçado dos possíveis eixos viários pré-imperiais. Todavia a topografia do planalto apresentava aqui um declive forte, ao qual se adaptaram as construções que respeitavam vagamente a orientação dos pontos cardeais, mas não definiam arruamentos, deixando tão só espaços irregulares galgando o desnível; esta situação colocou certamente, desde um primeiro momento, problemas na gestão das águas pluviais. Tal como na área do *forum*, não existe uma rede de escoamento estruturada e adaptada ao traçado viário. Todavia, existe um conjunto de valas escavadas no tufo que, numa pri-

meira análise, se poderiam associar a uma incipiente malha de escoamento. Estas valas foram identificadas a norte do espaço 6, atravessando o espaço entre 1 e 2, bem como no espaço 13⁸ das estruturas meridionais da palestra e estão talvez relacionadas com o escoamento de resíduos líquidos do interior das habitações em direcção ao extremo do planalto, desaguando inevitavelmente no vale do Rio de Mouros. É difícil definir o momento de construção destas valas; contudo, o seu contexto pré-imperial não deixa margem para dúvidas.

1.2.2. *A cidade de Augusto* (Fig. 2)

a. Os monumentos públicos

A planificação das novas estruturas públicas da cidade a partir de cerca de 15-10 a. C. centra-se em dois pontos fundamentais: uma praça, que desde esse momento constituiria o ponto central do aglomerado, e a construção de umas primeiras termas públicas. O projecto inicial para o *forum* respeitou alguns dos limites impostos pela malha pré-existente, mas impõe uma ligeira torção, provavelmente condicionada pelas ruas existentes que conferiam uma planta trapezoidal aos quarteirões pré-imperiais.⁹ O primeiro edifício termal público é um projecto unitário que nasce num dos quarteirões meridionais. Apesar da proximidade do *forum*, não se localizava na sua envolvente imediata, mas sim no limite do planalto. A facilidade no escoamento das águas armazenadas na *natatio* poderá ter sido um argumento a favor desta localização, mas não terá sido o único. Na topografia do planalto este local formava uma pequena depressão, com cotas inferiores em relação a outros pontos da cidade, aproximadamente 3,30 m de diferença em relação ao pavimento augustano da praça do *forum*. Esta implantação facilitava a chegada de água e evitava a necessidade de altear a canalização do aqueduto, o que teria obrigado o arquitecto a projectar um aqueduto aéreo e não subterrâneo, com todos os constrangimentos implícitos pela construção de uma conduta sobre arcos, ou sobre um muro, no centro de um aglomerado urbano.

Na área urbana de *Conimbriga* não existem fontes naturais, nem poços, pelo que a construção deste edifício termal, com uma área útil de 1.372,25 m², implicava um abastecimento por aqueduto que repre-

⁵ R. Étienne e J. Alarcão descrevem esta abertura como uma conduta de águas pluviais, sublinhando a inexistência de soleiras abertas para esta rua (Étienne e Alarcão 1977, 18)

⁶ Étienne e Alarcão 1977, 19.

⁷ Étienne e Alarcão 1977, 22.

⁸ O conjunto de valas escavadas no tufo é registado em Étienne e Alarcão 1977, 22.

⁹ Correia e Alarcão 2008, 41-42 Est. VIII.

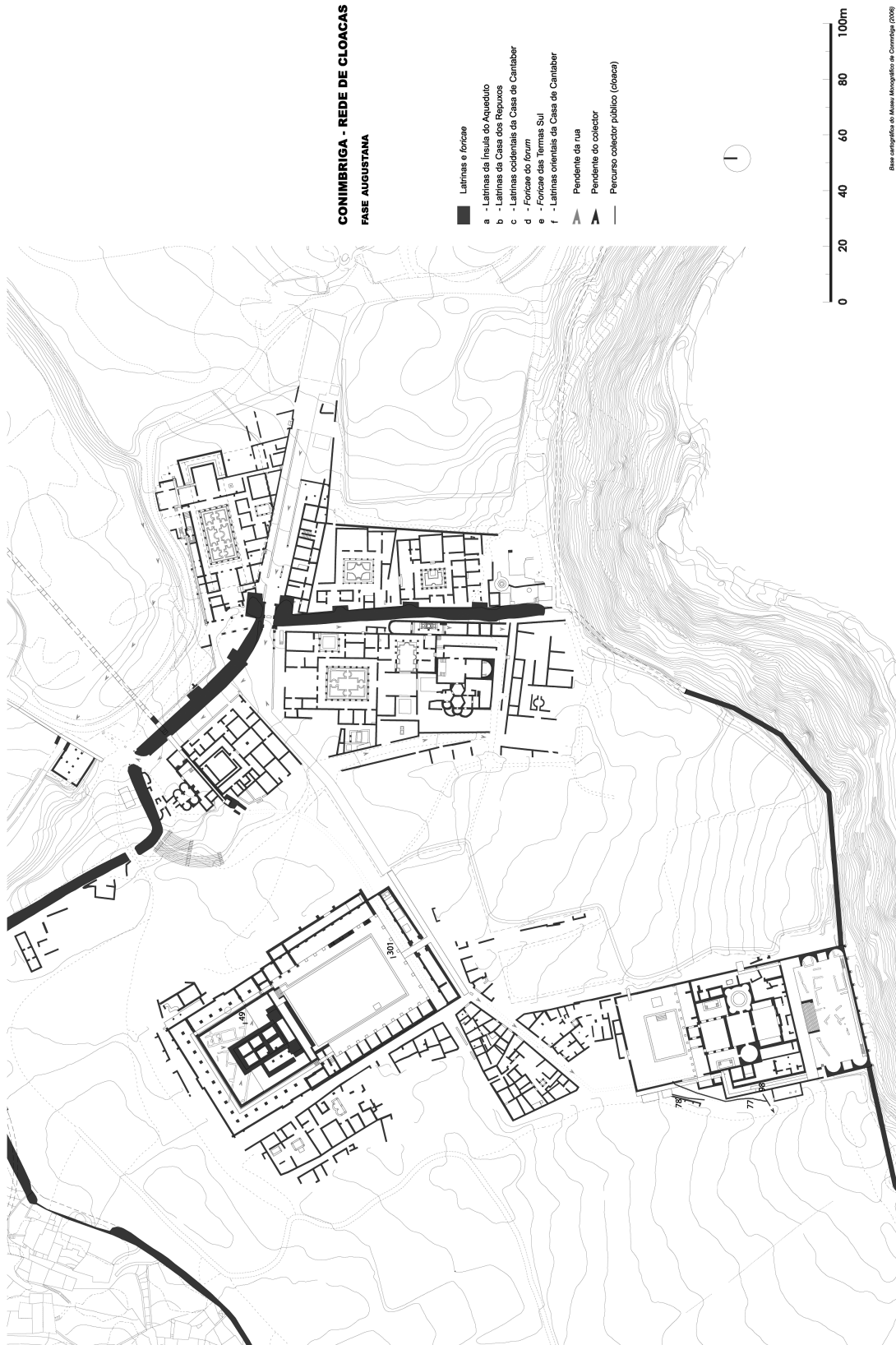


Fig. 2. Conimbriga. Rede de cloacas. Fase augustana.

sentavam um consumo estimado de 192,01 m³ (considerando a *natatio* com uma capacidade máxima de 173,35 m³, um *pediluvium*, com 1,75 m³ e um *alveus* no *caldarium* do qual não sabemos a profundidade mas ao qual atribuímos um valor hipotético de 1 m, perfazendo 13,55 m³ de capacidade máxima). A estes valores deve somar-se o débito representado pelo *labrum* existente no *frigidarium* e um possível segundo *labrum* no *caldarium*, ainda que o *labrum* do *frigidarium* possa ser atribuído a um período posterior e, que o existente no *caldarium* não seja confirmado por qualquer evidência para além de uma ábside situada no lado oposto do *alveus*.

Sem a rigidez e precisão que os cálculos de débito exigiriam, o débito calculado para o aqueduto de *Conimbriga* (0,217 m/segundo) diria que se poderiam encher os três tanques termais em pouco mais de 15 minutos, mas convém sublinhar que o cálculo do débito do aqueduto admitiu,¹⁰ a nosso ver, parâmetros demasiado elevados, visto considerar quase todo o volume da canalização do aqueduto como canal de débito. Os nossos cálculos, que diminuem esse volume, apontam para metade dos valores anteriormente estimados.

Para além deste abastecimento pontual periodicamente renovado, havia um consumo contínuo de água: o *labrum* (um ou dois), estaria(m) em débito constante; o *pediluvium*, que na verdade era uma fonte com espelho de água, também poderia funcionar permanentemente. A gestão dos consumos devia também levar em conta que o aqueduto não aportaria um volume constante de água e que, em períodos estivais, esse volume poderia atingir valores bastante reduzidos.

Quanto aos escoamentos, o sistema debitava integralmente em direcção oeste. Toda a água utilizada no edifício termal, e as águas pluviais das vertentes ocidentais das coberturas, era canalizada em direcção a uma conduta, abobadada e construída em alvenaria, em sentido NE/SW.¹¹ A esta mesma conduta se juntavam as águas remanescentes do aqueduto, tal como indica a existência de uma conduta, semelhante em dimensão e técnica de construção, que deriva do ramal do aqueduto imediatamente antes deste entrar no edifício. Neste último ponto existem alguns vestígios de uma estrutura, revestida a *opus signinum*, situada a 36 cm abaixo da cota do aqueduto que poderá ter funcionado como um pequeno ninfeu ou fonte associada ao abastecimento da *natatio*. Talvez existisse aqui um reservatório que alimentava as calde-

ras que abasteciam o *alveus* do *caldarium*. Neste esquema de escoamento, apenas uma conduta segue no sentido este, vinda provavelmente das coberturas e canalizando estas águas para sul. Por outro lado, não temos qualquer indício de existirem umas latrinas neste primeiro edifício, embora a sul da *natatio* exista um espaço atravessado por duas condutas de escoamento que poderia ter tido essa função.

A construção de dois colectores exteriores claramente não é uma obra menor. Ambos situados no exterior do edifício, seguem em espaços que seriam ocupados por vias. Infelizmente não nos foi possível documentar o ponto em que o colector desaguava. Será que este apenas se limitava a contornar o espaço que mais tarde será destinado a um *horreum* situado a sul do edifício termal?¹² Ou irá recolher outras águas provenientes da zona ocidental do *oppidum* até desaguar no limite do planalto? Só trabalhos arqueológicos fora do perímetro da muralha permitirão dar respostas a estas questões.

O *forum* augustano representa um maior desafio de interpretação. A sua demolição até às fundações para dar lugar em época flávia ao novo *forum*, deixou poucas evidências a par de uma controversa sequência cronológica dos edifícios que o compuseram. Do sistema de escoamento das águas pluviais apenas recolhemos a indicação de uma canalização, construída em alvenaria e com tampas em tijolos *pedales*¹³ situada no extremo sul da praça. O pavimento da praça seria em terra batida.¹⁴

A praça, de contornos trapezoidais, que antecedia o acesso sul ao *forum* era percorrida transversalmente pelo cano do aqueduto no sentido NE/SW, mas existiria um esquema que assegurava a recolha das águas pluviais, provenientes do *forum* e das áreas envolventes, de que nada, ou muito pouco, restou. Por um lado teríamos a rua a oeste do *forum*, que já nesta fase devia apresentar duas pendentes, permitindo o escoamento para norte e sul, por outro, a zona a oriente do *forum* manteria o mesmo esquema de escoamento superficial de época pré-imperial.

b. Os espaços privados

A intervenção augustana tocou também construções privadas da cidade. A evolução urbana da cidade propõe, para o período augustano, a manutenção dos

¹⁰ Utilizamos aqui os valores publicados por R. Étienne e J. Alarcão (1977, 58-60).

¹¹ Étienne e Alarcão 1977, 48-49.

¹² Se assim for esta canalização seria de construção posterior ao período augustano, pois o *horreum* é um edifício claudiano (Correia, 2004)

¹³ Étienne e Alarcão 1977, 39, n.p. 62.

¹⁴ Étienne e Alarcão 1977, 38, n.p. 53.

bairros pré-imperiais existentes no interior do perímetro urbano, e uma ampliação da área residencial através da construção de novas *insulae* ao longo do eixo sudeste. Aqui surgem a insula do Aqueduto e a Casa dos Repuxos (1ª fase) e, a sul, a insula depois ocupada pela Casa de Cantaber e o edifício designado como Lojas a Sul da Via.

Das condutas de escoamento pertencentes a estas quatro estruturas pouco podemos dizer: a Casa dos Repuxos vertia águas residuais para norte, em direcção a uma linha de água depois ocupada por um rua importante; a insula da Casa de Cantaber e as lojas a sul da via escoavam para norte, a primeira incompletamente e as segundas de maneira informal (sem canalizações).

Contudo a Insula do Aqueduto, que encosta toda a fachada norte à estrutura do aqueduto, escoava para este, em direcção a uma rua onde existe um colector de secção rectangular que conduz as águas para norte em direcção à linha de água estruturante do sector Nordeste. Esta insula, estrutura única deste género na cidade, tem uma implantação muito especial em relação ao aqueduto. A altura do edifício ultrapassava o topo do aqueduto, opção extravagante se atendermos à legislação que impedia a construção de edifícios privados paredes meias com os aquedutos. Poderá ter havido uma solução de compromisso, como sempre acontece nas soluções de excepção à regra da lei, e sabemos que estes edifícios augustanos, construídos sobre criptopórticos, representaram um papel na estruturação urbana tão especial que terem sido, noutros campos também, alvo de um tratamento diferenciado, não deve causar especial estranheza.

1.2.3. O projecto Claudio-Neroniano (Fig. 3)

No período Cláudio-neroniano destaca-se a construção de um conjunto importante de obras públicas, como o anfiteatro, o *horreum* a sul das termas sul e a basílica de três naves no *forum*.¹⁵ É também neste mesmo período que se introduz uma nova tecnologia que revolucionará os sistemas de abastecimento da cidade, com a paulatina substituição das redes urbanas de abastecimento. As tradicionais condutas em alvenaria são readaptadas ou integralmente substituídas por canalizações em chumbo.¹⁶ No caso de

Conimbriga, o braço do aqueduto, que da torre de água (erroneamente denominada como *castellum aquae*¹⁷) se dirigia directamente às Termas Sul, é desactivado como conduta de água limpa. A torre de água é reestruturada e a nova rede de abastecimento passaria a funcionar a uma cota mais elevada; na verdade assenta, no início do seu percurso, no extradorso do aqueduto. Esta alteração importa por duas razões: em primeiro lugar porque, não havendo um aumento efectivo do caudal do aqueduto, há um aumento de consumo - a água é transportada para outros pontos da cidade e são construídas fontes públicas¹⁸ (uma delas junto à rua a norte do *forum*) e, para além da nova rede de abastecimento das Termas Sul, outras *insulae*, como as situadas na vertente sul, poderão ter sido abastecidas de «água corrente»; em segundo lugar este aumento exponencial de consumo privado originou um aumento considerável dos caudais de água residuais e novos problemas na gestão dos resíduos.

Desconhecemos qual a dimensão total desta rede de abastecimento, mas ela poderá ter-se limitado às zonas novas da cidade, ou seja, as *domus* de maiores dimensões que, mais tarde, integraram zonas ajardinadas com repuxos e novos edifícios termais situados neste mesmo contexto urbano, e aos dois espaços públicos mais exigentes em questões de abastecimento: as termas e o *forum*. Sendo assim, as reestruturações dos escoamentos poderão ter-se limitado a estas áreas, isto é, aquelas onde a implantação da nova rede de abastecimento exigia *a priori* uma reestruturação da via, que poderá ter procedido simultaneamente à colocação das canalizações em chumbo e à construção de uma rede de escoamento.

Tal sucedeu na praça a sul do *forum*. A 10 m a este do limite do *forum* flaviano, o cano do aqueduto augustano conserva um poço de acesso ao interior, pertencente à primeira fase de construção. Um metro a montante foi aberto, num momento posterior, uma nova caixa de acesso ao *specus*, talvez para receber as águas pluviais ou provenientes de uma construção ainda não escavada e situada a sul. O traçado do aqueduto, agora transformado em cloaca, segue em direcção sudoeste, mas a análise da estrutura permite verificar a existência de um conjunto de cortes e novos acrescentos ao *specus* original. Uma segunda canalização, bastante danificada pela construção do *forum* flaviano, foi parcialmente demolida na área de acesso a este. Esta segunda canalização, com orientação nordeste-sudoeste, pode-

¹⁵ Correia 2004, 268-273.

¹⁶ Em Ostia a mais antiga fistula com inscrição remonta a Calígula, em Roma a Tibério (Ricciardi e Scrinari 1996). Em *Conimbriga* não conservamos nenhuma fistula com inscrição e as cronologias por nós sugeridas baseiam-se na sua contextualização arqueológica.

¹⁷ Reis e Correia 2006.

¹⁸ Reis 2009.

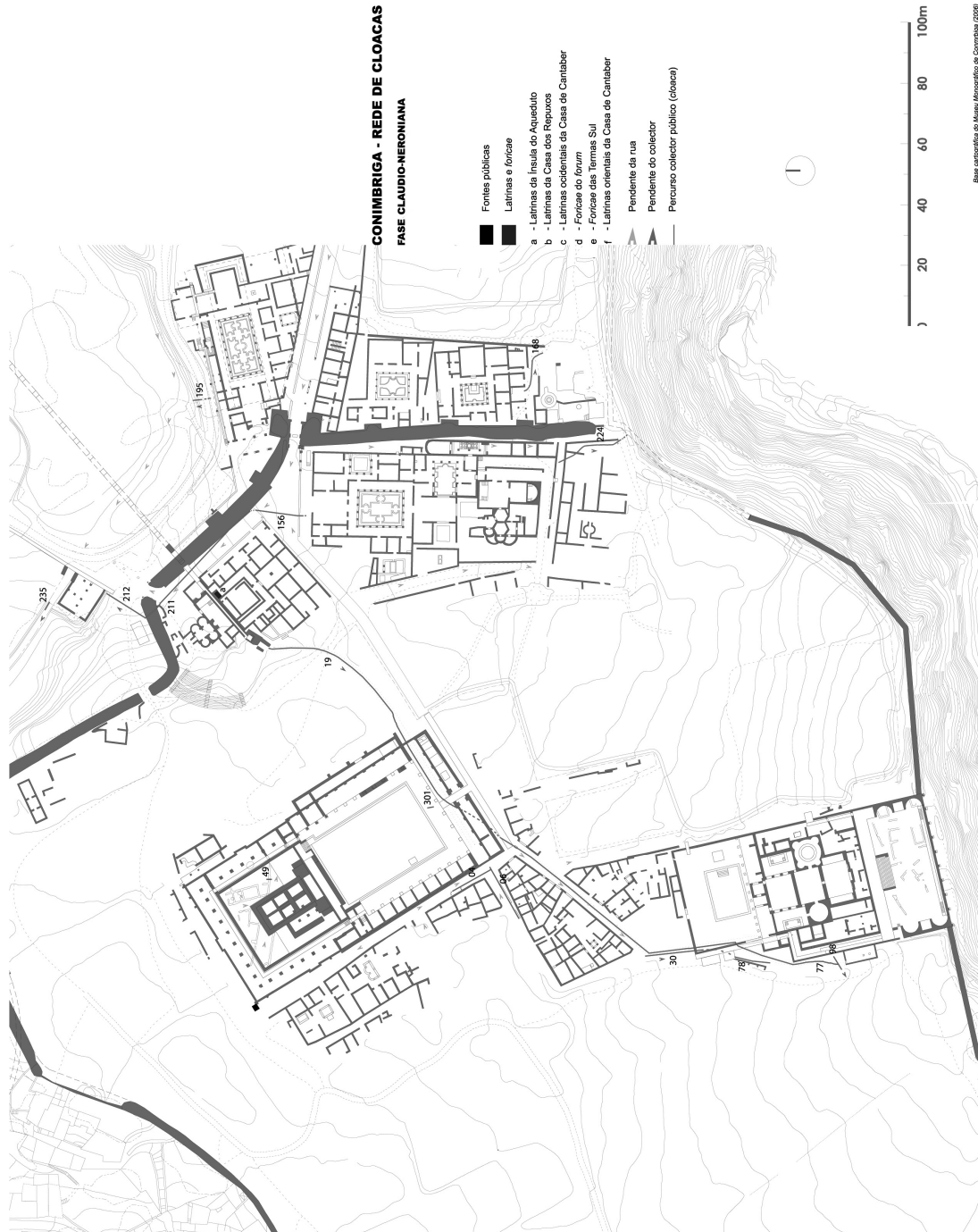


Fig. 3. Conimbriga. Rede de cloacas. Fase claudio-neroniana.

rá coincidir com o traçado original do aqueduto augustano, parcialmente demolido e reajustado às remodelações do sector monumental, pois este troço corresponde à orientação do aqueduto na Rua das Termas, neste momento já transformado em cloaca. A torção da canalização, consequência da alteração da sua natureza, inicia-se no ponto onde referimos a existência de duas caixas de acesso, uma original augustana e outra posterior, e coincidem com o ponto onde foram implantadas as *fistulas* públicas que, neste exacto local, se subdividem em duas canalizações. Infelizmente não se conservou a respectiva caixa de derivação.

A remodelação do sistema e a construção de novas cloacas na praça a sul *forum* deverá ser enquadrada nas suas obras flavianas.

A rua entre o Edifício da Pátera Emanuel e a Casa de Andercus não teve uma cloaca central profunda, mas apenas esgotos superficiais, junto aos muros dos edifícios. Atendendo às pendentes da via as águas teriam sido canalizadas nesta rua em direcção ao limite sul do planalto, só o extremo norte da rua tinha pendente para a praça a sul do fórum, mas o caudal seria diminuto e confundir-se-ia com outros débitos aí reunidos.

Desta praça a sul do fórum, o aqueduto transformado em cloaca, prosseguia pelo centro da rua a norte das termas, entre a ínsula do Vaso Fático e a ínsula a norte das Termas, recebendo todos os escoamentos da ínsula situada a norte, área em que se identificaram numerosas estruturas relacionadas com a pequena indústria urbana entre as quais uma possível *fullonica*. Da ínsula a sul (ínsula a norte das Termas) apenas recebe um escoamento superficial e um segundo, mais tardio, que atravessa longitudinalmente as construções ocidentais, reunindo-se à cloaca no ponto em que esta inflecte para sul em direcção às Termas do Sul.

Não é muito claro como se operou a transformação do aqueduto em cloaca na área das Termas do Sul. Se admitirmos que em época claudiana as Termas Sul são objecto de algumas transformações, com a remodelação do *frigidarium* e a eventual construção do denominado *pediluvium*, pode admitir-se que, no ponto onde o aqueduto entrava no edifício termal, foi construído um novo ramal da cloaca, contornando exteriormente a fachada ocidental do edifício e conduzindo todas as águas negras em direcção sul. É visível no levantamento gráfico das escavações lusofrancesas a existência do negativo da *fistula* em chumbo sobrepondo-se ao antigo aqueduto¹⁹, fistula que

desactivava o aqueduto e permitia a sua transformação em cloaca.

1.2.4. A revolução flaviana (Fig. 4)

O último quartel do séc. I d. C. será um momento vital da remodelação urbana de *Conimbriga*. A demolição do centro monumental augustano e as subsequentes reestruturações cadastrais e viárias, a construção de um grande edifício termal com planta de marcada inspiração imperial, que implicou também a demolição das primeiras termas públicas de *Conimbriga*, e todas as intervenções ocorridas na arquitectura privada, deram à cidade uma nova imagem e reconfiguraram a sua morfologia urbana.

Entre o momento de construção do *forum* flaviano e das novas Termas Sul, são edificadas umas novas termas públicas no *vicus novus*, encaixadas entre a Casa de Tancinus e a Casa dos Esqueletos. Talvez neste mesmo intervalo um outro edifício termal, de menores dimensões, ocupa uma antiga praça junto ao aqueduto, na proximidade da via que conduzia a *Aeminium*.

A arquitectura privada assume maior exuberância. Os tanques que adornam os peristilos recebem fontes de arquitectura complexa nos quais a introdução de um novo sistema de distribuição de água em *fistulae* de chumbo permitirá a criação de jogos de água.²⁰ Mas quais as verdadeiras implicações de todas estas reformas na gestão do crescente volume de consumo em solo urbano? Corresponde esta fase a uma revolução nos sistemas de escoamento?

A resposta é desconcertante: Não.

Seria expectável que no projecto flaviano tivesse sido introduzida uma rede de cloacas públicas que desse vazão a um aumento da produção de resíduos (não só líquidos), mas tal não se verifica.

É neste mesmo período que *Conimbriga* assiste à construção de latrinas públicas e privadas, à instalação de fontes públicas e prováveis ninfeus, e à arquitectura aquática dos jardins privados, mas verifica-se que as quatro redes de cloacas identificadas, e que já estariam em funcionamento em época flávia, se estruturam através de colectores de dimensões e técnicas construtivas díspares. O que encontramos são soluções definidas para cada sector, resolvendo problemas específicos, mas sem coerência entre os diferentes sectores.

Os três sectores que funcionaram de forma independente são os seguintes:

¹⁹ Étienne e Alarcão 1977, Planche III.

²⁰ Reis e Correia 2006.

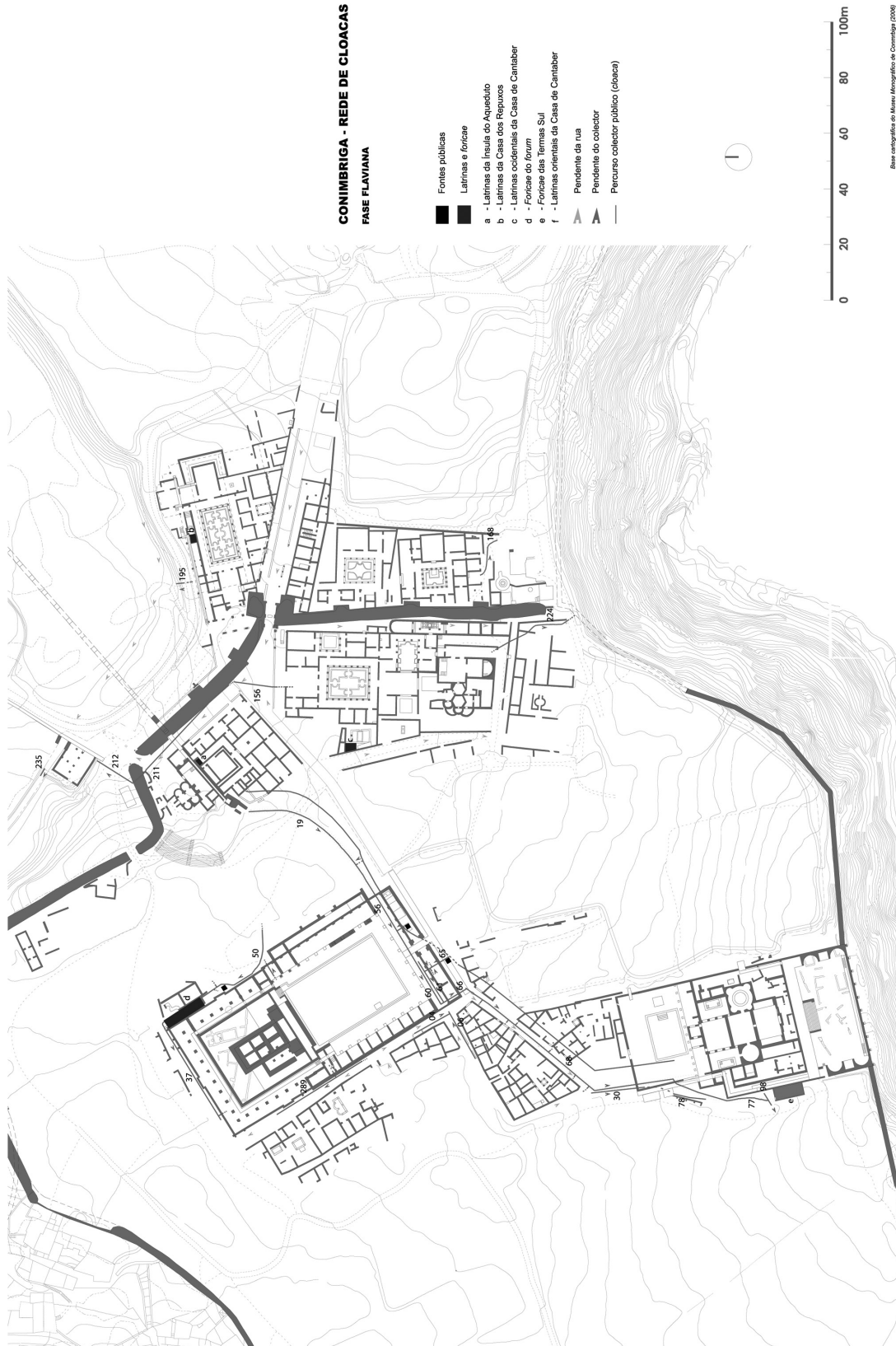


Fig. 4. Conimbriga. Rede de cloacas. Fase flaviana.

A) O *forum* e as Termas Sul: o escoamento das águas pluviais do *forum*, seja das coberturas dos pórticos, seja da praça, foi desenhado em dois sentidos divergentes.²¹ As vertentes das coberturas do templo e do pórtico que envolve o *temenos* desaguvavam através de um colector situado no ângulo noroeste em direcção à rua a norte do *forum*. Uma canalização situada na base da esplanada do templo funcionava como colector de superfície da praça cujo lajeado apresentava uma pendente sul/norte. Esta canalização, de secção rectangular, desembocava nas ruas laterais do *forum*,²² prosseguindo através de colectores situados ao longo das fachadas laterais, reunindo-se no ângulo exterior noroeste do monumento, juntando-se aqui ao colector das coberturas. Desconhecemos o percurso desta canalização para norte, mas certamente seguiria por uma das ruas a norte do *forum* (em direcção ao anfiteatro?).

Diferente tratamento recebeu a zona meridional do *forum*. Aqui estava localizado o seu único acesso directo, ornamentado com um arco *tetrapylon*, provavelmente ladeado por dois templos *in antis* junto aos quais se associaram dois tanques, ou fontes.²³ A zona que medeia entre o acesso ao *forum* e a praça, propriamente dita, tinha no seu subsolo uma rede de colectores que garantiam a circulação das águas residuais provenientes de outros pontos da cidade, integrando a cloaca proveniente de este. É controversa a proposta de funcionamento desta rede de colectores. Um colector setentrional que recebia os escoamentos de águas residuais provenientes da zona oriental da cidade foi readaptado (reutilizando em parte o antigo aqueduto augustano) e redireccionado de acordo com a nova fachada do *forum*, mantendo a pendente este/oeste. Um segundo colector é construído paralelamente ao colector setentrional, apresentando a mesma pendente, recebia as águas pluviais do *tetrapylon*, as transportadas por um terceiro colector (também ele paralelo à fachada) e do colector do extremo norte da Rua da Pátera Emanuel. Estes fluxos reunidos eram canalizados através de um quarto colector, com direcção e pendente norte/sul. A ligação entre os dois colectores (meridional e setentrional) e este último era em ângulo recto, solução que apenas pôde corresponder a colectores de escoamento, nunca a aduções pensadas como tal.

²¹ Étienne e Alarcão 1977, 100.

²² Esta canalização tem pendente dupla, seja para oeste, seja para este.

²³ É controversa a reconstituição da zona sul do *forum*. As propostas mais recentes (Correia 2004) apontam para a existência destes dois templos situados sobre a plataforma sobrelevada, todavia não é muito clara a relação entre as coberturas do pórtico e o arco de acesso ao *forum*.

Nesta secção da fachada do *forum*, os dois colectores norte/sul que referimos permitem a circulação da água através dos colectores este/oeste situados sob a fachada do átrio foral. A estruturação dos colectores, a sua monumentalização exterior através de arcos e o circuito existente entre ambos (sendo que o situado no ângulo sudoeste desaguvava no colector da Rua a norte das Termas) e a existência de um maciço associado ao colector da Rua da Pátera Emanuel (que se destaca do alinhamento), poderá indiciar a existência de um ninfeu, ou fonte monumental,²⁴ situada na fachada do átrio foral, entre o quadrifronte da entrada e o templete oeste. Desta forma estaria justificada a existência de duas *fistulae* de chumbo, de que se conservaram os negativos de assentamento e um troço de aproximadamente 20 cm.²⁵ Uma destas fistulas de chumbo era destinada ao abastecimento das Termas Sul; a segunda abasteceria esta fonte pública.

A relação topográfica entre a praça a sul do *forum* e estes colectores é claramente desnivelada. A rua apresenta um desnível de 1,5 m ao longo dos 48 m de fachada do *forum*, descendo para oeste.²⁶

O ninfeu, ou fonte, estaria colocado no eixo da Rua da Pátera Emanuel, o que lhe dava alguma justificação arquitectónica (substituindo a entrada do *forum* augustano como foco visual), insuficiente, todavia, para eliminar a estranheza que causa um tratamento tão desigual e desequilibrado da fachada do *forum*. Mas faria sentido, desta forma, a existência de um colector, de grandes dimensões, que não pode ser relacionado com a condução de águas residuais da rua Pátera Emanuel, a qual tem uma pendente contrária, em direcção a sul, em quase toda a sua extensão.

Um outro elemento se destaca nesta área do *forum*. Um maciço rectangular (2,50 m por 1,70 m) situado no interior do pórtico sobrepõem-se aos colectores meridional e setentrional; a sua função é desconhecida, mas poderá estar relacionada com uma torre de água²⁷ pertencente ao sistema de abastecimento deste sector da cidade, e especificamente à alimentação dos vários elementos do monumento que indicam o armazenamento e utilização de água.

Em contrapartida, as Termas do Sul apresentam um esquema de evacuação das águas residuais uni-

²⁴ Junto a um destes colectores existe uma pequena pia escavada num bloco de calcário que poderia relacionar-se com um *salientes publici*.

²⁵ Étienne e Alarcão 1977, 109.

²⁶ Correia 2004.

²⁷ Ou torre de pressão (note-se que uma das fistulas se dirige para este local). Uma significativa percentagem de torres de pressão em Pompeia surgem associadas às fontes públicas (Dybkjær-Larsen 1982).

tário e coerente. As águas provenientes da *natatio*, da fonte que a abasteceu e da piscina ocidental do *frigidarium* escoavam para o colector ocidental, exterior ao edifício, o qual reaproveitava em parte o antigo aqueduto augustano. A área oriental do edifício escoava para este. As águas residuais da secção ocidental do edifício eram reaproveitadas na alimentação das *foricae* existentes no exterior das termas, mantendo-se o colector principal que desde época júlio-claudia recolhia todas as águas residuais da zona monumental (*forum*) e as conduzia até esta zona da cidade.

B) Casa de Cantaber, ínsula e termas do aqueduto: esta área da cidade estrutura toda a recolha das águas residuais em direcção a norte. A casa de Cantaber, com excepção do balneário privado de construção mais tardia, conduz todos os escoamentos em direcção a um colector situado na praça em frente à entrada, que prossegue em direcção ao edifício situado junto ao viaduto. Este colector público integra um sistema de escoamento direccionado para a linha de água existente no vale nordeste, onde existiria uma cloaca ou colector que transportaria as águas e os resíduos produzidos pela Casa dos Repuxos e por toda a faixa ocidental da cidade, escoando sob o anfiteatro cujas águas também escoaria; seria portanto um colector de grandes dimensões, encanando uma antiga linha de água. Uma estrutura subterrânea situada nas imediações da via de *Aeminium* e que alberga um sistema composto por duas (ou três) noras accionadas por uma conduta do aqueduto, interpretada como um moinho hidráulico,²⁸ também estaria conectado com esta grande cloaca ocidental.

C) o *vicus novus*: o balneário da Casa de Cantaber, a Casa de Tancinus e as Termas da Muralha escoavam para uma outra cloaca, dirigida a sul. Simultaneamente, um outro colector, com a mesma direcção mas de menores dimensões, permitiria o escoamento das águas residuais da Casa dos Esqueletos e da secção ocidental das Termas da Muralha para sul, assumindo o limite do planalto e consequentemente o Rio de Mouros como receptor final do sistema de drenagem.

A complexidade do sistema de escoamento de águas residuais da cidade de *Conimbriga* demonstra a inexistência de um projecto urbano unitário, assistindo-se à adaptação pontual de estruturas anteriores e à construção de soluções individuais.

Toda esta rede se manterá em funcionamento por um longo período, apesar da transformação urbana decorrida nos finais do séc. III d. C.

1.3. FORICAE E LATRINAS DE CONIMBRIGA

1.3.1. Foricae

Em *Conimbriga* encontramos duas latrinas públicas, ou *foricae*, de utilização generalizada pela população, situadas nos espaços mais movimentados da cidade.

As *foricae* do *forum* (Fig. 5) são um edifício com 16 m de comprimento e 4,30 m de largura, construídas junto à parede exterior do criptopórtico flaviano.²⁹ Adaptadas a este espaço integravam os contrafortes do criptopórtico, o que, na verdade, reduziu o espaço de utilização interno para 3,10 m de largura. Estas latrinas têm dois acessos localizados a sul e a norte. O pavimento, revestido com placas de calcário e com marcas de desgaste bem evidentes no sector ocidental, apresenta um alinhamento vertical que delimita longitudinalmente uma divisão do espaço de utilização.³⁰ O lajeado ocidental assentava com orientação este-oeste, enquanto o do sector oriental, que delimitava a área de utilização propriamente dita, assentava em sentido transversal ao primeiro. Esta linha longitudinal coincide com a localização das bases das colunas, também esculpidas em calcário e sobre as quais assentaram colunas construídas em tijolo e revestidas com estuque. A existência destas colunas em espaço tão exíguo justifica-se pela opção de cobertura adoptada, que presumimos tenha sido a uma só água, encostada à parede exterior do criptopórtico. Não se deverá descartar a existência de um segundo piso, como se regista noutros exemplos, apesar da volumetria deste espaço e a inexistência de evidências de uma escada de acesso a um segundo piso não autorizarem, para já, esta solução. Por baixo dos assentos localizados ao longo da parede este corria o canal de evacuação, construído com tijolos bessales. Em frente aos assentos, ao nível do pavimento, conserva-se o *canaliculus*, que supomos teria sido abastecido por uma pequena fonte situada a sul, mas da qual não se conserva qualquer vestígio. A água que percorria o colector destas latrinas provinha de um colector exterior que recolhia as águas de superfície da rua situada a sul cujo traçado define o limite meridional desta ínsula,³¹ colector no qual também desaguava a fonte pública que antecedia as latrinas.

²⁹ Étienne e Alarcão 1977, 146-150.

³⁰ Não existem registos sobre a utilização de divisórias internas nas latrinas, provavelmente por que de assim ser estas seriam em madeira, contudo é credível que houvesse pelo menos uma separação entre o espaço feminino e masculino se é que este tipo de equipamento era utilizado pela população feminina.

³¹ Correia 2004, 65.

²⁸ Brun 1997, 30-31.

Fig. 5. *Foricae* do *Forum*.

Robert Étienne e Jorge Alarcão³² atribuíram uma cronologia baixo-imperial a este edifício, baseando-se no perfil desenhado pela primeira das canalizações descrita, argumento ao nosso ver, pouco evidente. A canalização desenha uma curva contornando o limite exterior do *forum* e a fonte pública, mas a técnica de construção do esgoto interior da latrina é idêntico ao dos primeiros metros do seu traçado exterior, precisamente até à derivação com o esgoto da fonte. É só no seu percurso meridional que observamos uma técnica construtiva diferente, com tampas que claramente reaproveitam material construtivo de outra proveniência, entre o qual um fragmento que consideramos como parte da pia da fonte, o que deve corresponder a reparações posteriores. O escoamento das latrinas implicava o funcionamento da fonte pública, que é contemporânea à remodelação flaviana do *forum*.³³ É evidente que estas *foricae* são construídas após a remodelação flaviana do centro monumental, mas terá decorrido em época pouco posterior, talvez durante o reinado de Trajano no mesmo momento em que a cidade assiste à construção de umas segundas *foricae* nas Termas do Sul. As latrinas do *forum* in-

tegraram um edifício mais amplo parcialmente escavado que pode ser interpretado como sede de uma *schola*. A construção deste edifício vedava o acesso à rua a norte do *forum*, ou pelo menos obrigava o transeunte a um rodeio completo dele, a menos que preferisse entrar nas latrinas e atravessá-las.

Com alguma coerência estrutural e arquitectónica com as agora descritas, as *foricae* das Termas do Sul (Fig. 6), as únicas que lhe conhecemos, estão situadas no exterior do edifício termal, no extradorso do pórtico ocidental de acesso à palestra. Para alcançar estas latrinas o cidadão poderia contornar externamente o edifício termal, ou aceder através duma porta, situada no corredor porticado que a norte antecedia o acesso principal ao interior do edifício termal. A sua localização não deixa margem para dúvidas em classificá-las como *foricae*. As suas dimensões internas são de 9,75 por 3,85 m, menores, portanto, que as do *forum*. Terão sido construídas pouco depois da conclusão do edifício termal durante o reinado de Trajano. O seu estado de conservação não permite uma descrição muito pormenorizada, mas deixa entrever o seu funcionamento geral. Os assentos localizavam-se no sector oriental sob os quais se implantou um colector, de técnica construtiva semelhante ao descrito para as latrinas do *forum*, que escoava para sul. O pavimento, que neste edifício não se conservou, era também revestido com lajes, provavelmente de calcário. Conserva a base de quatro colunas e de duas pilastras junto aos muros norte e sul. O edifício assentou sobre os vestígios dos *horrea* claudianos e o canal que abastece o esgoto rompe a abobada do esgoto augustano. O abastecimento deste edifício poderá ter sido assegurado por um depósito situado alguns metros a norte, de que se conservam vestígios, e que é relacionável com o sistema de abastecimento das Termas.

Fig. 6. *Foricae* das Termas Sul.

³² Étienne e Alarcão 1977, 149.

³³ Reis 2009.

1.3.2. *As latrinas privadas*

Na esfera doméstica, *Conimbriga* dá-nos mais quatro exemplos de latrinas. As mais antigas, pelo seu contexto arquitectónico, estão localizadas na insula do Aqueduto, único edifício do seu género identificado em *Conimbriga*, construído nos finais do séc. I a. C. (Fig. 7).

As latrinas são instaladas no criptopórtico que rodeou o pátio central da ínsula, encostadas à estrutura de suporte do aqueduto. Com uma planta quadrada de 2,20 m de lado, acedia-se ao seu interior pelo corredor do criptopórtico através de uma larga abertura de 1,50 m, fechada por uma porta de três ou quatro folhas, permitindo um certo arejamento do espaço. Uma segunda porta dava acesso a um compartimento lateral. Os assentos situavam-se ao longo da parede norte e assentavam sobre um colector construído em tijolo. No compartimento lateral referido, o colector desenha, claramente, uma inflexão para o interior da estrutura de suporte do aqueduto e na qual é visível um rombo, mas sem qualquer tipo de estrutura de escoamento associada. Aliás, se aqui existiu algum tipo de esgoto, ele só poderia ser anterior à construção do aqueduto, o que não faz qualquer sentido. Além do mais, a cota de implantação destas latrinas é superior à do edifício termal³⁴ situado no outro lado do aqueduto, pelo que este esgoto não poderia limitar-se a atravessar a parede de suporte do aqueduto, mas teria de atingir a cota da rua que lhe é confinante e assim alcançar a cloaca pública.

Mais evidente se nos afigura o abastecimento desta latrina, pois dela se conserva o negativo do cano, fossilizado pelas concreções calcárias. Este era assegurado desde o pátio, em fase tardia transformado em cisterna, conservando uma derivação que alimentou o *canaliculus* ou uma pequena fonte para a higiene pessoal.

A sua localização no criptopórtico garantia-lhe a cobertura pelo próprio piso do pórtico superior, enquanto permitia a sua utilização pelos habitantes dos vários *cenacula* que a insula incluía.

Não temos dados seguros para estabelecermos a cronologia desta latrina, mas não a poderemos atribuir ao momento de construção da insula, tratando-se certamente de uma adaptação em período posterior.

Na Casa de Cantaber, a mais emblemática *domus* de *Conimbriga*, encontramos duas latrinas privadas. As primeiras, construídas na primeira fase de remo-

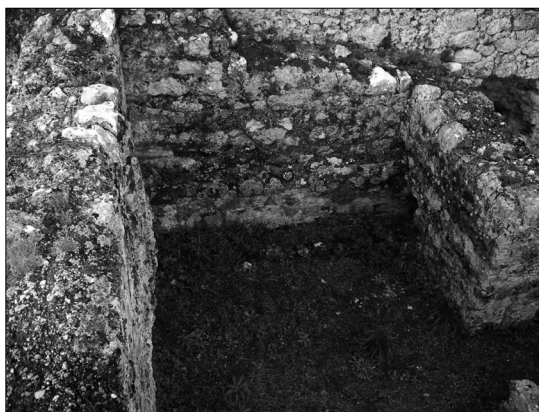


Fig. 7. Latrinas de Ínsula do aqueduto.

delação da *domus* (Fig. 8), ocupavam um espaço trapezoidal entre a rua a oeste e o limite exterior dos *cubiculae* que ladeavam o peristilo central da casa. Estas interessantes latrinas apresentam 15 m de comprimento total, por uma largura máxima de 5 m. Todavia, a sua particularidade reside na duplicação dos espaços. A norte é perfeitamente visível o esgoto interior da latrina com planta em U, construído em tijolo. Uma abertura na zona central do esgoto mostra que existiu um escoamento ligado ao colector privado que atravessava parte deste sector da *domus* e desaguava na cloaca central. Contígua a esta pequena latrina, um outro espaço de planta trapezoidal apresenta um esgoto ao longo da parede este, sugerindo a existência de uma segunda latrina.

A colocação das latrinas resolveu um problema arquitectónico criado pela divergente orientação do muro limite da casa e do seu eixo principal: as latrinas ocuparam o triângulo e permitiram a orientação normal do peristilo de serviço a que estão associadas.

Recentemente foi encontrada uma placa com 40 cm por 23 cm identificável com um dos elementos verticais que compunham os assentos da latrina, que mostra serem em pedra as construções acessórias necessárias à utilização das instalações.

Numa fase posterior, quando a casa ganha espaço entre o seu limite este e a muralha baixo imperial, são construídas umas segundas latrinas. Originalmente era um espaço duplo com 12 m por 4 m e dois acessos situados a norte e a sul. O colector destas latrinas desenhava um L ao longo da parede sul, desaguando por fim numa cloaca remodelada aquando da construção da muralha, que ocupará a antiga rua que desembocava na entrada principal das Termas da Muralha.

³⁴ Sensivelmente uma diferença de 1,75 m entre o pavimento das latrinas e o nível de utilização das Termas do Aqueduto.



Fig. 8. Latrinas occidentais da Casa de Cantaber.



Fig. 9. Latrinas da Casa dos Repuxos.

Um dos acessos (a Sul) a estas latrinas é posteriormente eliminado, passando estas a ser servidas exclusivamente pelo acesso norte.

Por fim, encontramos as pequenas latrinas da Casa dos Repuxos, que são as mais bem conservadas da cidade (Fig. 9). De planta quadrangular, com 3 m de lado, foram construídas na segunda fase da casa, presumivelmente no momento em que a remodelação se concentrou no eixo principal da *domus* com a criação de um *impluvium* ajardinado e a construção da entrada monumental, datável genericamente da primeira metade do séc. II d. C.³⁵ As latrinas

são construídas no fundo de uma escada que dava ao exterior da *domus*, no que era parte do sistema de caves e criptopórticos da primeira fase da casa, quase completamente amortizado em época hadriânica, com esta excepção. O colector das latrinas é alimentado por uma canalização proveniente do *impluvium* do peristilo. A canalização de abastecimento, construída com tijolos *lydion* (de 51 cm por 31 cm de lado), desembocava no interior da latrina directamente para o colector que lhe percorre três das suas paredes, desaguando por fim através duma abertura na parede norte, supomos em direcção a uma cloaca situada na rua a norte da *domus*. Um *canaliculus*, esculpido nas lajes que cobrem o pavimento, era por sua vez ali-

³⁵ Oleiro 1992.

mentado por uma segunda canalização, presumimos em chumbo, proveniente do andar superior. Da fístula de chumbo apenas ficaram as concreções calcárias. No *canaliculus* que bordeja os assentos são visíveis as marcas dos grampos que suportavam as placas dos assentos. O rebordo superior dos assentos dá-nos 48 cm de altura em relação ao pavimento. Internamente a latrina estava decorada com pintura mural representando uma decoração geométrica em espinha de peixe, com tons ocres, motivo comum neste tipo de ambientes. A porta de acesso às latrinas, que conserva na soleira as marcas do sistema de fecho, tinha uma janela anteposta que permitia o seu arejamento. As exíguas latrinas da Casa dos Repuxos são uma prova arquitectónica do engenho com que se reaproveitavam as águas em ambiente urbano.

1.4. A MURALHA BAIXO IMPERIAL (Fig. 10)

A construção da muralha³⁶ nas últimas décadas do séc. III d. C. talvez terminada nos inícios do séc. IV, impôs algumas alterações no sistema de escoamento da zona oriental da cidade. A demolição dos sectores urbanos situados no exterior da cintura defensiva ter-se-á reflectido no abandono dos colectores associados às casas da Cruz Suástica dos Esqueletos e das Termas da Muralha, e forçado a readaptação do colector proveniente do balneário da Casa de Cantaber e da Casa de Tancinus e a anulação de uma possível cloaca situada na rua das Termas da Muralha, abolida pela construção da muralha.

Todavia, a área compreendida entre a Casa de Cantaber, Ínsula e Termas do Aqueduto não reflecte qualquer alteração no sistema de cloacas. Bem pelo contrário, o colector situado junto às Termas do Aqueduto, mantém-se em funcionamento após a construção da muralha baixo-imperial, que encontrou uma solução para o seu atravessamento (como também aconteceu, aparentemente, com o sector este da casa de Cantaber e na área da casa do Tridente e da Espada). Mas não se conhece o modo de resolver a manutenção das cloacas direccionadas para o limite norte do planalto.

Com os dados de que dispomos é difícil delinear o reajustamento das cloacas e colectores públicos da cidade decorrido nos finais do baixo-império e até que ponto a vitalidade urbana de *Conimbriga* impôs a manutenção de uma rede de escoamento.

2. GESTÃO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS: CONTEXTOS PÓS-IMPERIAIS

Se para a gestão dos resíduos líquidos da cidade imperial encontramos um conjunto numeroso de dados, o mesmo não podemos afirmar sobre o destino de um conjunto de resíduos sólidos que garantidamente não poderiam ser integralmente evacuados pela rede de cloacas urbanas. Supomos que o vale do Rio de Mouros seria um dos destinos do considerável volume de resíduos sólidos urbanos, mas provavelmente existiram zonas de deposição de lixeiras localizadas no exterior da muralha augustana, zona onde contamos com escassas intervenções arqueológicas. Um pouco diferente se nos afigura o panorama baixo-imperial da cidade.

Encontram-se hoje razoavelmente documentadas diversas transformações urbanas ao longo do século V, reflectindo um câmbio social provocado pela acção de actores exógenos, mas acima de tudo uma evolução interna que se encontrava já em marcha em 409, até então contida a custo através de legislação teodosiana e honoriana. Seria inútil reflectir de forma contrafactual sobre a evolução urbanística ocidental sem invasões germânicas, mas aceita-se uma tendência clara para a autarcia económica e acima de tudo para improvisações motivadas por interesse pessoal e não público. Apesar da heterogeneidade interna de cada cidade, aquilo que se constata numa grande maioria de casos são as graves alterações topológicas, bem como as adaptações na arquitectura e função de unidades residenciais. Em particular na cidade de *Conimbriga*, foram criados depósitos de detritos em estruturas negativas, que nos primeiros anos daquele século V dificilmente teriam podido existir nas localizações em questão. Trata-se quase invariavelmente de covas abertas em contextos domésticos tardo-romanos, e surgem dispersas por toda a área escavada, baseando-se o seguinte raciocínio apenas nos casos seguramente datados pelo radiocarbono.³⁷ A primeira e mais evidente causa para a aparição massiva deste género de estruturas negativas dever-se-á às limitações gerais da administração local, um fenómeno com amplas repercussões urbanísticas, não apenas a nível da gestão de resíduos.

Um exemplo elucidativo da amplitude de tais efeitos é a já bem conhecida instalação de um forno metalúrgico dentro da casa de Cantaber, apenas concebível num contexto de desarticulação funcional. A desconexão da *domus* e, para o efeito, da generalidade das *insulae*, é uma acção degenerativa do ponto de

³⁶ Correia 1997; De Man 2009, 741-748.

³⁷ De Man e Soares 2007, 285-294.

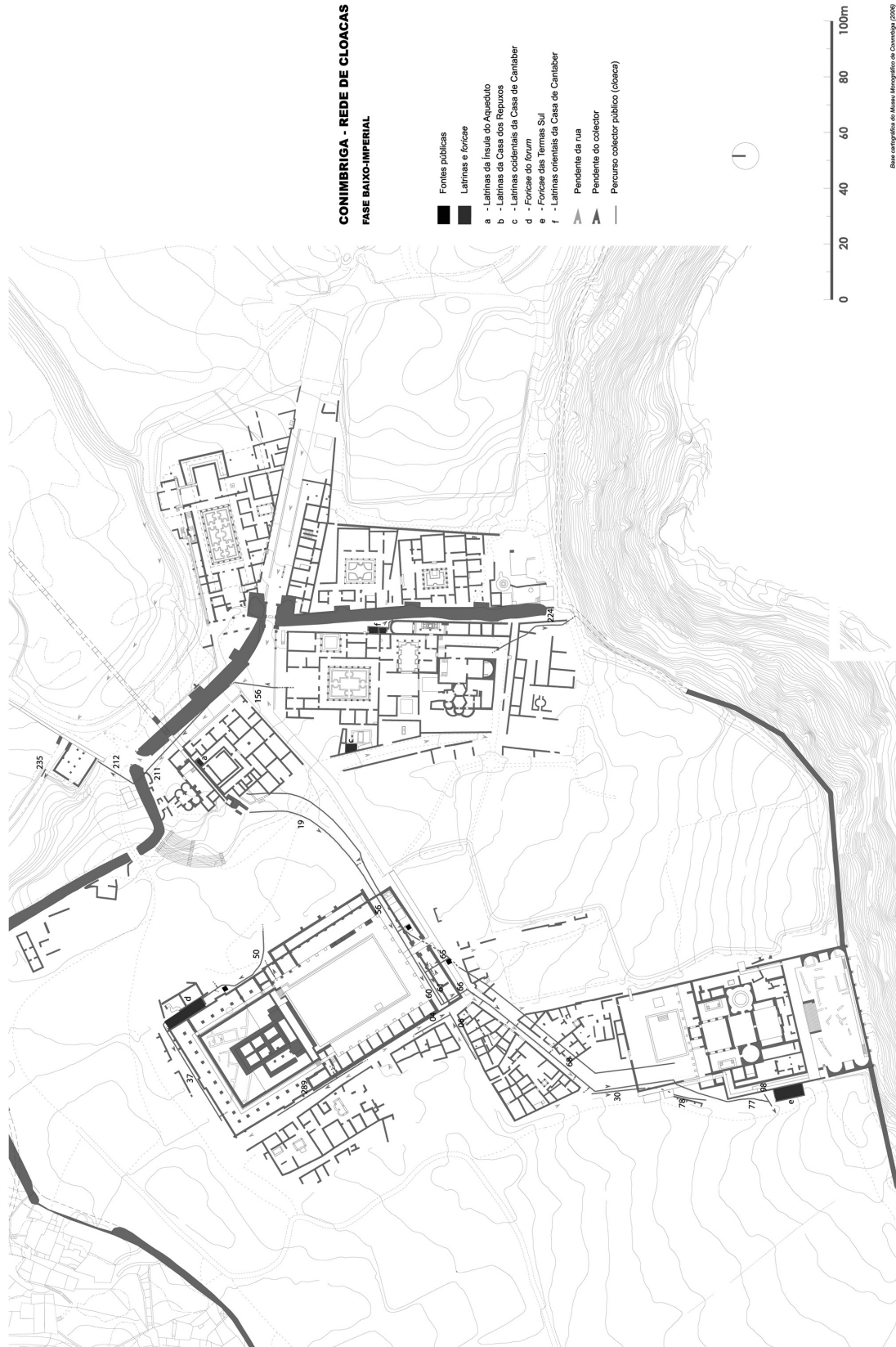


Fig. 10. Conimbriga. Rede de cloacas. Fase baixo-imperial.

vista puramente romano, contudo não o é necessariamente na perspectiva alto-medieval. O fenómeno é recorrente em cidades tardo-antigas, mas o que interessa em particular a este texto é a abertura de uma estrutura negativa para lidar com um problema imediato, o do despejo de escória de ferro e de cinza. De facto, o conteúdo reflecte diversos momentos de limpeza do forno, e a única fauna, em quantidade muito reduzida, é avícola. Na prática, terá sido assada e consumida uma ave num dado momento, aproveitando-se o forno, mas sem que esse comportamento fosse recorrente. Outra estrutura próxima, sem ligação à estrutura de combustão, continha igualmente alguns ossos, bem como uma peça de cerâmica, e também se encontra numa divisão romana.

Na casa do Tridente e da Espada, uma escavação em curso de José Ruivo identificou uma série de covas semelhantes, três das quais foram datadas, sendo todas atribuíveis ao século V. A hipótese de se situarem num pórtico anulado, ideia preliminar avançada noutro lado, veio a ser rebatida muito recentemente pelo avanço dos trabalhos arqueológicos, sendo a extensão da casa para oeste mais ampla do que se supunha. Em todo o caso, documenta-se uma modificação no tratamento de resíduos domésticos em diversas estruturas romanas habitacionais que, do ponto de vista cronológico, vai a par da desconexão política imperial. Caso o lixo se concentrasse em particular em espaços públicos, o processo seria razoavelmente compreendido, mesmo através de meros argumentos historiográficos. O que salta à vista, porém, é uma alteração súbita nos modos de vida domésticos, talvez no espaço de apenas uma geração.

Como é sabido, existem equivalências interessantes em contexto rural. Muitas *villae* tardias são abandonadas ou contraem seriamente a sua actividade no mesmo período de tempo. Apontando apenas um caso no território conimbrigense, Coles de Samuel revela ocupações de cronologia imediatamente pós-romana, com depósitos de lixo doméstico associados a um espaço com um buraco de poste perfurando o *opus signinum*. Ou seja, este género de continuidade, já adaptativa, vai a par de soluções de tratamento de detritos análogas às urbanas. No entanto, a origem desta lixeira pode estar na espoliação de pedra reutilizável: a cova situa-se directamente sobre o negativo do cruzamento de dois muros, situação que se vai repetindo de modo mais ou menos claro noutras partes da *villa*. Mas no interior de *Conimbriga*, as casas de Cantaber e do Tridente e da Espada evidenciam um período bem definido, entre os finais do século V e os inícios do VI, durante o qual foram perfurados pavimentos internos e externos, com o único intuito

de depositar resíduos, nada tendo pois a ver com alterações arquitectónicas, como é o caso em Coles de Samuel. Aponte-se, porém, a fraca concentração de fauna e cerâmica, e as dimensões relativamente reduzidas, não ultrapassando o metro de diâmetro. Pondo de parte o caso da produção metalúrgica, não fica por isso evidente que tenha existido um real problema de tratamento de lixo doméstico, questão que já viria a pôr-se dois séculos mais tarde.

De facto, as lixeiras de época alto-medieval distinguem-se não apenas pela irregularidade e pela maior dimensão, mas acima de tudo pelo seu conteúdo: passa a haver acumulações massivas de fauna porcina, bovina e malacológica, com proporções muito mais modestas de cerâmica. Um caso extremo desta realidade é a estrutura que foi escavada na casa do Mediano Absidado. Trata-se de um único depósito de fauna porcina e bovina, dentro dos limites da casa romana. Só foram recolhidos uns vinte fragmentos de cerâmica muito fragmentada, bem como uma lâmina de ferro. Em termos práticos, está-se perante três ou quatro despejos num curto espaço de tempo. Uma razão para este processo de despejo pode ter a ver com motivos de conservação, ou então de actividade comercial. Abater o menor número de cabeças de gado que se calculava não ser possível alimentar durante o Inverno, e conservar a respectiva carne é um hábito medieval documentado. No segundo caso, teríamos de admitir a existência de um talho ou local de venda de carne nos arredores.

Por fim, os depósitos medievais do anfiteatro, entre os séculos IX e XII, são muitíssimo mais amplos, mais irregulares e cortam-se mutuamente de forma sucessiva. O maior de todos corresponde a uma grande vala, ainda nem sequer completamente escavada, e que corta todos os níveis islâmicos, visigóticos e tardo-romanos, até se deter, precisamente, na base do anfiteatro demolido. Tratando-se de uma constatação muito localizada, não se pretende identificar uma regra com base nas dimensões ou no conteúdo, porque nada impede que no futuro seja definido um grande depósito tardo-romano no interior da cidade. Em todo o caso, não se conhece por ora uma lixeira de tal tamanho que possa corresponder a épocas mais antigas, e é quase obrigatório reconhecer um sistema edilício de recolha e evacuação de lixo para as fases imperiais. Julga-se razoável apontar uma tendência segundo a qual, em *Conimbriga*, as lixeiras intramuros da Tardo-Antiguidade se resumem a fenómenos domésticos específicos, enquanto no período medieval existe muito menos pudor em abrir grandes valas, mais ou menos comunitárias, para despejo de todos os restos da vida quotidiana.

3. REFLEXÕES FINAIS

O crescente interesse pelo estudo dos sistemas de evacuação de resíduos urbanos na antiguidade, que tem um ponto de partida na reunião organizada em Roma em 1996,³⁸ comprova que, pese embora o silêncio das fontes literárias, este foi um aspecto de grande importância para as cidades antigas exigindo, no seu momento, avultados investimentos de forma a resolver problemas urbanos do quotidiano, garante da sobrevivência de aglomerados populacionais complexos.

A história e evolução dos sistemas de drenagem europeus em ambiente urbano são suficientemente ilustrativos do problema que representava uma desadequada rede de colectores.³⁹ Inundações, deslizamentos de terras e desmoronamentos de alguns edifícios como consequência de um sistema de drenagem deficitário eram situações comuns na antiguidade.

Um dos problemas que as cidades da antiguidade tiveram de enfrentar era a condução das águas pluviais, agravada pelas áreas pavimentadas urbanas que impermeabilizavam áreas consideráveis resultando num aumento de caudais.

Mas são poucos os dados sobre a climatologia durante os primeiros séculos da nossa era e mais escassos o são quando o quadrante geográfico se circunscreve à Lusitânia,⁴⁰ vetando qualquer projecção de valores médios de precipitação.

No que diz respeito ao abastecimento de água aos núcleos urbanos a Hispânia constitui um diversificado catálogo dos métodos e soluções encontrados.

Se, por um lado, houve cidades como Ampurias, onde todo o abastecimento era assegurado através de uma rede de cisternas, temos, por outro, exemplos

como Augusta Emerita, abastecida por três aquedutos. Esta diversidade existente nos sistemas de abastecimento era correlativa às soluções encontradas para a drenagem das águas remanescentes, admitindo que o sistema de drenagem de um determinado núcleo estaria, *a priori*, adaptado ao sistema de abastecimento.

A existência de uma rede de cloacas não é, por si só, prova da existência de um aqueduto, como demonstra o exemplo de *Pax Iulia*, dotada de uma vasta rede de cloacas, mas aparentemente abastecida exclusivamente por cisternas e poços.

Outro exemplo é Pompeia, que contava com um aqueduto, construído durante o reinado de Augusto, mas sem uma rede de cloacas. Nesta cidade da Campânia existem alguns sistemas de escoamento associados a alguns dos pontos mais problemáticos, como o *forum* ou as termas Stabianas, mas em Pompeia, como em Herculano, a rua foi assumida como colector público de águas pluviais e impróprias, dotada de um passeio sobrelevado e um sistema de «poldras» que permitia o seu atravessamento enquanto outras ruas apresentavam lombas laterais, que permitiam a canalização das águas para a sua evacuação pelas portas da cidade;⁴¹ também em Pompeia as fontes públicas desaguavam directamente sobre a via e as águas, impróprias ou negras, vertiam em muitas situações directamente sobre a rua; noutras eram canalizadas para fossas localizadas em jardins situados nas traseiras das casas, onde também se depositavam os dejectos, evitando assim a sua evacuação na via pública,⁴² pelo menos temporária senão definitivamente.

A inscrição EXEMTA STERCORA ASSIBUS XI,⁴³ de Herculano, refere o preço que os *stercolari* cobravam para esvaziar estas fossas.

Um outro exemplo útil na análise de *Conimbriga* é o de Ostia. O porto de Roma, cidade que teve como génese um possível acampamento fundado no séc. IV a. C., tem um complexo sistema de esgotos, ainda não estudado em profundidade, que percorre as principais vias da cidade. Por ele eram recolhidas as águas provenientes das casas e latrinas, dos espaços comerciais, dos ninfeus, fontes e também as águas pluviais. Nalguns exemplos ostienses documentou-se a existência de canalizações realizadas por canos cerâmicos encastrados nas paredes das casas através das quais se escoavam as águas das coberturas directamente para os esgotos.⁴⁴ A rede de dis-

³⁸ Dupré y Remolà 2000.

³⁹ Uma breve abordagem sobre a história da gestão de resíduos urbanos permite-nos estabelecer algumas comparações com as cidades da antiguidade e, fundamentalmente, entender algumas das soluções que observamos no terreno. A história da cidade de Dijon representa um interessante exemplo das soluções encontradas pelas sociedades urbanas pré-industriais na gestão dos seus resíduos (Jolivet 2008). Actuais estudos e reflexões sobre esta temática dedicadas às grandes metrópoles, como o são a cidade do México ou São Paulo, são de grande interesse para analisarmos os factores a serem ponderados quando nos debruçamos sobre uma cidade da antiguidade (Miziara 2008; Mora Reyes 2004). Desde 1985 designa-se por *rudología* (do latim *rudus*, escombros) o estudo dos sistemas de esgotos e gestão dos resíduos.

⁴⁰ Entre os numerosos estudos dedicados ao clima na antiguidade destacamos o artigo de Pierre Jaillete sobre o exaltado «determinismo climático» que sugere a degradação climática como uma das causas para a crise económica e social ocorrida na antiguidade tardia. O autor apresenta uma recolha bibliográfica importante sobre esta temática (Jaillete 2005, 309-335).

⁴¹ Jansen 2000, 40.

⁴² Jansen 1991; 2000.

⁴³ CIL IV. Supl. 3.4.10606 (Cfr. Jansen 1991, 43).

⁴⁴ Jansen 2000.

tribuição ostiense era assegurada até época de Tibério (14-37 d. C.) pelos numerosos poços privados e públicos, a par de um expressivo número de cisternas que eram em muitos dos casos duplamente alimentadas pelas águas pluviais e pelo lençol freático, este último a escassos 2 m de profundidade. É só em época de Tibério que o volume de consumo aumenta significativamente com a construção de um aqueduto.⁴⁵ É após a sua construção que a cidade é dotada por numerosos edifícios termiais, com especial ênfase durante o reinado de Adriano, responsável por uma visão mais completa do urbanismo ostiense baseada num conceito de «serviço ao cidadão».⁴⁶ Este aumento de edifícios termiais, a par das surpreendentes 180 fontes, das quais 31 públicas e 28 ninfeus, entre os quais se contabilizam 10 públicos, representavam um elevado volume de água que alimentava a rede de esgotos da cidade. A estes dados, impressionantes pelo seu número, devemos acrescentar as características freáticas do local, como referimos com um lençol freático a escassos 2 m de profundidade, cuja existência não permitia a construção de fossas para deposição dos dejectos e resíduos líquidos produzidos por uma população que está calculada em 50.000 habitantes.⁴⁷ Este facto motivou, certamente, uma utilização sistemática da rede de esgotos como meio de evacuação de todo o tipo de lixo produzido pelos seus habitantes, à luz do qual se entende a preocupação em canalizar para a rede de esgotos grandes percentagens das águas pluviais, bem como as reservas acumuladas e não utilizadas das numerosas cisternas públicas e privadas.⁴⁸ Estas águas, pluviais e sabão, asseguravam uma limpeza eficaz da rede de esgoto, obviamente completada pelos trabalhos de limpeza manuais, possíveis através das caixas de visita existentes nas principais vias da cidade. Ao contrário de Pompeia e Herculano, Ostia não utiliza a rua como colector, existindo inclusive sumidouros e sarjetas que permitiam a entrada directa nos esgotos da chuva acumulada nas ruas.

⁴⁵ A cronologia tiberiana do aqueduto de Ostia é discutida por alguns autores, que sugerem a sua construção apenas em época de Trajano (Calza *et al.* 1953, 123) utilizando como argumento uma inscrição funerária (CIL XIV, 4326) na qual se refere um operário que possivelmente trabalhou na *Aqvae Traianee*, todavia esta obra de Trajano deve corresponder à remodelação e ampliação do aqueduto até novas áreas urbanas (Ricciardi e Scrinari 1996, 247-261). Note-se que a mais antiga *fistula* com inscrição remonta a Cálfgula.

⁴⁶ Ricciardi e Scrinari 1996, 254.

⁴⁷ Ricciardi e Scrinari 1996, 266; G. Jansen apresenta um número significativamente inferior de 20.000 habitantes (Jansen 2000, 45).

⁴⁸ Jansen 2000, 46-47.

As soluções da rede de drenagem ostiense, com o seu imponente reaproveitamento das águas pluviais, conduzem-nos a uma outra questão.

O estudo da transformação urbana, ocorrida em território lusitano entre os finais do séc. I a. C. e os inícios da nova era, tem-se pautado por uma abordagem «monumentalista» que assume a arquitectura pública augustana como prova irrefutável da aplicação prática das políticas no reordenamento económico e administrativo, das recém-criadas províncias hispanas. Mas, no difícil diálogo entre o cosmopolitismo romano e a rusticidade lusitana⁴⁹ prevalecem os ensaios excessivamente concentrados na análise dos centros monumentais, em detrimento de uma visão global do aglomerado urbano, na qual deveríamos assumir, a par das revolucionárias políticas de Augusto e de um conceito de «espaço público» que transformará a forma de pensar a cidade, a persistência de conceitos, estruturas e filosofias urbanas pré-romanas.

Nas primeiras décadas que medeiam o final do séc. I a. C. e os inícios do séc. I d. C. há, sem dúvida, um projecto político de mutação dos territórios indígenas e da sua «poliadisation»,⁵⁰ assente em princípios claros e simples.

A cidade é cabeça deste processo romanizante, dotada de estatuto jurídico e de infra-estruturas que asseguravam a aplicação dessa nova dinâmica política. Neste cenário não será difícil entender a construção de projectos urbanos coesos mas com características muito específicas, fruto da readaptação de um «plano base» às condicionantes locais, sejam elas de natureza geográfica, ou relacionadas com a natureza e composição das comunidades que ocuparão as «novas cidades».

Não é difícil imaginar que questões *prima facie* «menores», como a construção de uma rede de escoamento, acompanhassem a mecânica do desenvolvimento urbano, permitindo a sua utilização pelo arqueólogo hodierno como argumento caracterizador das diferentes etapas que compunham a construção da cidade, mas a questão final que importa ressaltar é a ausência de coerência fundamental entre desenvolvimento urbano e implantação de estruturas de gestão de resíduos, que tanto se apresentam sobre-dimensionadas como se suspeitam gravemente abaixo

⁴⁹ Assumir a rusticidade da sociedade lusitana pré-imperial corresponde, na verdade, a uma visão distorcida de uma realidade, difícil de apreender no curso actual da investigação por ausência de dados e de projectos de investigação sobre as últimas fases dos aglomerados urbanos da II Idade do Ferro e da sua transformação em *oppida* ou *municipia* de direito romano.

⁵⁰ Le Roux 1995.

do desempenho necessário, indicando-nos que esta «matéria escatológica», importante como necessariamente não pode deixar de ser, não esteve no centro das preocupações da gestão urbana.

Por outro lado, a questão da gestão dos resíduos sólidos mostra uma cesura que, certamente de forma

não casual, é coincidente com um conjunto de factos históricos de primeira importância para a vida da cidade e do mundo onde ela se inseriu, o que só pode ser tomado na justa medida de um sintoma, porventura menor (na óptica dos coevos), de uma evolução muito significativa.

ÍNDICE DE ABREVIATURAS BIBLIOGRÁFICAS

<i>AEspA</i>	<i>Archivo Español de Arqueología</i>
<i>AAA</i>	<i>Anuario Arqueológico de Andalucía</i>
<i>AAC</i>	<i>Anales de Arqueología Cordobesa</i>
<i>Anejos de AEspA</i>	<i>Anejos de Archivo Español de Arqueología</i>
<i>AnMur</i>	<i>Anales de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Murcia</i>
<i>APL</i>	<i>Archivo de Prehistoria Levantina</i>
<i>EAE</i>	<i>Excavaciones Arqueológicas en España</i>
<i>BAR</i>	<i>British Archaeological Reports</i>
<i>JRA</i>	<i>Journal of Roman Archaeology</i>
<i>JRS</i>	<i>Journal of Roman Studies</i>
<i>MemAmAc</i>	<i>Memoirs of the American Academy in Rome</i>
<i>Mérida excav. arqueol.</i>	<i>Mérida. Excavaciones Arqueológicas. Memoria</i>
<i>Quarhis</i>	<i>Quaderns d'arqueologia i historia de la ciutat de Barcelona.</i>

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- AA.VV. 1981: *Atlante delle forme ceramiche I. Ceramica fine romana nel bacino mediterraneo. Medio e Tardo Imperio. Enciclopedia dell'Arte Antica, Classica ed Orientale*. Roma.
- AA.VV. 1990: *Conspectus Formarum Terrae Sigillatae Italico Modo Confectae*, *Materialien zur Römischgermanischen Keramik* 10. Bonn.
- AA.VV. 1992: *L'Avinguda de la catedral. De l'ager de la colonia Barcino a la Vilanova dels Arcs*. Barcelona.
- AA.VV. 2000: *Museo Nazionale Romano Crypta Balbi*. Milano.
- AA.VV. 2006: *Actas de las I Jornadas Internacionales de Baelo Claudia. Balance y perspectivas (1966-2004) (Cádiz, 25-27 octubre 2004)*. Sevilla.
- ABADÍA DOÑAQUE, J.C. 1995: «Algunos comentarios sobre el abastecimiento de agua a Caesar Augusta», *Cuadernos de Aragón* 23, 5-32.
- ABASCAL PALAZÓN, J.M.; RAMALLO ASENSIO, S. F. 1997: *La ciudad de Carthago Nova, la documentación epigráfica*. Murcia.
- ACERO PÉREZ, J. en prensa: «Case study: Public Latrines in Augusta Emerita», G.C.M. Jansen; A. Koloski-Ostrow; E. Moormann (eds.), *Roman Toilets, Their Archaeology and Cultural History*. Leiden, 119-121.
- ACERO PÉREZ, J. 2007: «La gestión de los residuos líquidos en Augusta Emerita: fuentes documentales y bibliográficas para su estudio», *Mérida excav. arqueol. 2004, Memoria* 10, 457-477.
- ACERO PÉREZ, J.; MÁRQUEZ PÉREZ, J.; PÉREZ MAESTRO, C.; RODRÍGUEZ CALDERA, G. 2010: «Los marginados de Mérida hace 2000 años y sus actitudes ante la muerte. Implicaciones sociales y antropológicas a través de un reciente descubrimiento arqueológico», J. Marcos; S. Rodríguez; E. Luque (eds.), *Nos-otros: Miradas antropológicas sobre la diversidad*, vol. I. Mérida, 205-220.
- ADAM, J.P. 1996: *La construcción romana. Materiales y técnicas*. León.
- AGUAROD OTAL, M.C. 1991: *Cerámica romana importada de cocina en la Tarraconense*. Zaragoza.
- AGUAROD OTAL, M.C.; ERICE LACABE, R. 1991: «El ajuar doméstico», *Zaragoza: prehistoria y arqueología*. Zaragoza, 36.
- AGUAROD OTAL, M.C.; ESCUDERO, F. de A. 1986: «Excavaciones en Caesar Augusta (Zaragoza), 1985», *Museo de Zaragoza. Boletín* 5, 429-431.
- AGUARD OTAL, M.C.; LAPUENTE MERCADAL, M.P.; MINGUEZ MORALES, J.A.; PÉREZ ARANTEGUI, J. 1999: «Primeros resultados del estudio arqueométrico de un alfar de época romana en Zaragoza», *Caesaraugusta* 73, 77-87.
- AGUELO, J.; HUERTAS, J. 2009: «Una terrisseria epigráfica: el solar del mercat de Santa Caterina de Barcelona en el moment altimperial romà», C. Carreras Monfort; J. Guitart Durán (ed.), *Barcino I. Marques i terrisseries d'àmfores al Pla de Barcelona*. Barcelona, 89-96.
- AGUILAR CAMACHO, G. 2004: «La necrópolis romana occidental de la Algodonera. Écija (Sevilla)», *AAA 2001*, III.2. Sevilla, 891-898.
- AGUILERA, I. 1991: «Caesaraugusta: Excavaciones en el Instituto Nacional de Bachillerato, Mixto 4», *Arqueología Aragonesa 1988-1989*. Zaragoza, 325-7.
- AGUILERA, I. 1992: «Excavaciones en el solar de la C/ Palafox, 26 (Zaragoza)», *Arqueología Aragonesa 1990*. Zaragoza, 211-215.
- AGUILERA, I. 1992a: «Excavaciones en el nº 3 de la Plaza de Asso (Zaragoza)», *Arqueología Aragonesa 1990*. Zaragoza, 217-220.
- AGUILERA, I. 1992b: «Excavaciones en el vial de la Plaza de la Magdalena / calle Mayor. Zaragoza», *Arqueología Aragonesa 1990*. Zaragoza, 221-223.
- AGUILERA, I.; PÉREZ-CASAS, J.A. 1991: «Caesaraugusta: C/ D. Jaime 56», *Arqueología Aragonesa 1988-1989*. Zaragoza, 329-331.
- AGUILERA, I.; PÉREZ-CASAS, J.A. 1991a: «Excavaciones arqueológicas en el solar de la Plaza de La Seo, nº 3 (Campaña de 1989)», *Arqueología Aragonesa 1988-1989*. Zaragoza, 297-300.
- ALAPONT MARTÍN, L.; RIBERA I LACOMBA, A. 2008: «Los cementerios tardoantiguos de Valentia: ar-

- queología y antropología», D. Vaquerizo; J.A. Garriguet; A. León (eds.), *Espacio y usos funerarios en la ciudad histórica*, AAC 17, 161-194.
- ALAPONT MARTÍN, L.; RIBERA I LACOMBA, A. 2008a: «Topografía y jerarquía funeraria en la Valencia tardo-antigua», *Morir en el Mediterráneo Medieval. Archaeological Studies on Late Antiquity and Early Medieval Europe (400-1000 AD). Conference Proceedings 3*, BAR Int.Ser. 2001, 59-88.
- ALAPONT MARTÍN, L.; CALVO GÁLVEZ, M.; RIBERA I LACOMBA, A. 2010: *La destrucción de Valencia por Pompeyo*, Quaderns de Difusió Arqueològica 6. Valencia.
- ALARCÃO, J. 1994: «Lisboa Romana e Visigótica», *Lisboa Subterrânea. Catálogo*. Lisboa, 58-63.
- ALARCÓN CASTELLANO, F. 2002: «El agua en la ciudad de Baelo Claudia», *Patrimonio Histórico Hidráulico de la Cuenca del Guadalquivir*. Sevilla, 461-493.
- ALARCÓN CASTELLANO, F. 2006: «La excavación de la Puerta de Carteia», *Actas de las I Jornadas Internacionales de Baelo Claudia. Balance y perspectivas (1966-2004) (Cádiz, 25-27 octubre 2004)*. Sevilla, 61-78.
- ALARCÓN CASTELLANO, F. 2009: «Agua para la vida en una ciudad romana: el sistema hídrico en Baelo Claudia», L. Lagóstena Barrios; F. Zuleta Alejandro (coords.), *La captación, los usos y la administración del agua en Baetica. Estudios sobre el abastecimiento hídrico en comunidades cívicas del Conventus Gaditanus*. Cádiz, 171-202.
- ALBA CALZADO, M. 2000: «Intervención arqueológica en el solar de la c/ Suárez Somonte, esquina con c/ Sáenz de Buruaga. Transición de un espacio doméstico y viario de época romana a la Tardoantigüedad», *Mérida excav. arqueol.* 1998 4, 277-303.
- ALBA CALZADO, M. 2001: «Apuntes sobre la red de aguas de Mérida en época romana», *Mérida. Ciudad y Patrimonio* 5, 59-78.
- ALBA CALZADO, M. 2001a: «Características del viario urbano de Emerita entre los siglos I y VIII», *Mérida excav. arqueol.* 1999 5, 397-423.
- ALBA CALZADO, M. 2004: «Evolución y final de los espacios romanos emeritenses a la luz de los datos arqueológicos (pautas de transformación de la ciudad tardoantigua y altomedieval)», Nogales Basarrate, T. (ed.), *Augusta Emerita. Territorios, espacios, imágenes y gentes en Lusitania romana*, Monografías Emeritenses 8. Mérida, 207-255.
- ALBA CALZADO, M. 2005: «La vivienda en Emerita durante la Antigüedad Tardía: propuesta de un modelo para Hispania», *VI Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica (Valencia, 2003)*. Barcelona, 121-150.
- ALBA CALZADO, M. 2005a: «Un área funeraria islámica emplazada sobre un barrero de época romana. Intervención arqueológica realizada en un solar situado en la confluencia de la calle Dámaso Alonso y la avenida de Lusitania (Mérida)», *Mérida excav. arqueol.* 2002 8, 343-374.
- ALBA CALZADO, M. 2007: «Contribuciones al estudio de las infraestructuras hidráulicas de Augusta Emerita», J. Mangas; S. Martínez Caballero (eds.), *El agua y las ciudades romanas*. Móstoles, 147-182.
- ALBA CALZADO, M.; MATEOS CRUZ, P. 2006: «Epílogo: Transformación y ocupación tardoantigua y altomedieval del llamado Foro Provincial», P. Mateos Cruz (ed.), *El «Foro Provincial» de Augusta Emerita: un Conjunto Monumental de Culto Imperial*, Anejos de AEspA XLII. Madrid, 355-380.
- ALBA CALZADO, M.; MÉNDEZ GRANDE, G. 2005: «Evidencias de industria paleolítica y de un alfar altomedieval en Augusta Emerita. Intervención arqueológica realizada en el solar de esquina entre la prolongación de la calle Anas y el final de la avenida de Lusitania», *Mérida excav. arqueol.* 2002 8, 375-409.
- ALBIACH DESCALS, R. 1990: *Informe de l'excavació del carrer Costera del Toledà nº 6 (gener-març 1990)*, Memoria de Intervención Arqueológica depositada al Servei d'Investigacions Arqueològiques Municipals de València (SIAM). Valencia.
- ALBIACH DESCALS, R.; BADÍA CAPILLA, À.; CALVO GÁLVEZ, M.; MARÍN JORDÁ, C.; RIBERA LACOMBA, A. 1998: *Memòria de l'excavació arqueològica al solar de l'Almoina (Valencia). 8ª Campanya (maig 1997-gener 1998)*, Memoria de Intervención Arqueológica depositada al Servei d'Investigacions Arqueològiques Municipals de València (SIAM). Valencia.
- ALBIACH DESCALS, R.; BADÍA CAPILLA, À.; CALVO GÁLVEZ, M.; MARÍN JORDÁ, C.; RIBERA LACOMBA, A. 2000: «Las últimas excavaciones (1992-1998) del solar de L'Almoina: Nuevos datos de la zona episcopal de Valentia», *V Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica (Cartagena, 1998)*. Barcelona, 63-86.
- ALBIACH DESCALS, R.; BALLESTER MARTÍNEZ, C.; ROSSELLÓ MESQUIDA, M. (1999): *Control arqueològic de la campanya de consolidació, protecció i reconstitució d'elements arqueològics. L'Almoina (València). 10ª campanya (Gener-Desembre 1999)*, Memoria de Intervención Arqueológica de-

- positada al Servei d'Investigacions Arqueològiques Municipals de València (SIAM). València.
- ALBIACH DESCALS, R., ESPÍ PÉREZ, I.; RIBERA LACOMBA, A. 2008: «El agua sacra y su vinculación con el origen y el desarrollo urbano de una fundación romana. El santuario (¿*Asklepeion*?) de *Valentia* (Hispania)», P. Mateos, P.; S. Celestino, A. Pizzo; T. Tortosa (eds.), *Santuarios, oppida y ciudades: arquitectura sacra en el origen y desarrollo urbano del Mediterráneo occidental. IV Simposio de Arqueología de Mérida (Mérida, 2005)*, Anejos del AEspA 45. Mérida, 417-437.
- ALCORTA IRASTORZA, E. 2007: «Muros, torres y escaleras. Aproximación al modelo constructivo de la Muralla Romana de *Lucus Augusti* (Lugo)», A. Rodríguez Colmenero; I. Rodà de Llanza (eds.), *Murallas de ciudades romanas en el occidente del imperio. Lucus Augusti como paradigma*. Lugo, 285-311.
- ALMAGRO BASCH, M. 1955: *Las necrópolis de Ampurias*. Barcelona.
- ALMAGRO BASCH, M. 1976: «La topografía de *Augusta Emerita*», *Simposio «Ciudades Augusteas de Hispania» (Zaragoza, 1976)*. Zaragoza, 189-211.
- ALONSO, C.; MÉNANTEAU, L.; GRACIA, F.J.; OJEDA, R. 2007: «Geoarqueología y paleomorfología litoral de la ensenada de Bolonia. Primeros resultados y nuevas propuestas», A. Arévalo; D. Bernal (eds.), *Las cetariae de Baelo Claudia. Avance de las investigaciones arqueológicas en el barrio meridional (2000-2004)*. Sevilla, 521-545.
- ALTUNA, J.; MARIEZKURRENA, K. 1996: «Estudio arqueológico de los restos hallados en las excavaciones romanas de Lugo», A. Rodríguez Colmenero (coord.), *Lucus Augusti, I. El amanecer de una ciudad*. La Coruña, 55-106.
- ALVARADO GONZALO, M.; MOLANO BRÍAS, J. 1995: «Aportaciones al conocimiento de las cerámicas comunes altoimperiales en Augusta Emerita: el vertedero de la calle Constantino», *Cerámica Comuna Romana d'època Alto-Imperial a la Península Ibèrica. Estat de la Qüestió (Empúries, 1994)*, Monografies Emporitanes 8. Barcelona, 281-295.
- ÁLVAREZ ASOREY, R.; CARREÑO GASCÓN, M.C.; GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, E. 2003: *Aqua Urbi. Historia do abastecimento de auga á cidade de Lugo*. Serie Trabajos de Arqueología 1. Lugo.
- ÁLVAREZ GARCÍA, N.; RIBERA I LACOMBA, A. 2002: *Informe arqueológico de la excavación de l'Almoina (Valencia). 11ª Campaña (Febrero-Noviembre 2002)*, Memoria de Intervención Arqueológica depositada al Servei d'Investigacions Arqueològiques Municipals de València (SIAM). València.
- ÁLVAREZ GARCÍA, N.; BALLESTER MARTÍNEZ, C.; ESPÍ PÉREZ I.; MAÑEZ, J.; MARÍN JORDÁ, C.; PASCUAL, BERLANGA, G.; RIBERA LACOMBA A.; ROSSELLÓ MESQUIDA, M. 2003: «Las cerámicas de tres nuevos depósitos votivos de fundación de las excavaciones de l'Almoina (Valencia)», *Actes du Congrès de la SFECAG (Saint-Romain-en-Gal, 2003)*. Marseille, 369-396.
- ÁLVAREZ GARCÍA, N.; BALLESTER MARTÍNEZ, C.; CARRIÓN MARCO, Y.; GRAU ALMERO, E.; PASCUAL BERLANGA, G.; PÉREZ JORDÀ, G.; RIBERA LACOMBA, A.; RODRÍGUEZ, SANTANA, C.G. 2005: «L'àrea productiva d'un edifici del fòrum de *Valentia* al Baix imperi (s. IV-V)», *VI Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica (Valencia, 2003)*. Barcelona, 251-260.
- ÁLVAREZ GRACIA, A. 2004: «Notas sobre topografía urbana de Zaragoza tras la reconquista y sus ecos posteriores», A. Álvarez Gracia (coord.), *Zaragoza. Visiones de una ciudad*. Zaragoza, 35-52.
- ÁLVAREZ GRACIA, A.; MOSTALAC CARRILLO, A. 1997: «Informe sobre las excavaciones arqueológicas en el antiguo Instituto de Bachillerato Mixto 4. Plaza de San Pedro Nolasco-San Vicente de Paúl. Zaragoza», *Arqueología Aragonesa 1994*. Zaragoza, 249-255.
- ÁLVAREZ GRACIA, A.; MOSTALAC CARRILLO, A.; AGUAROD OTAL, M.C.; GALVE IZQUIERDO, M.P.; ESCUDERO, F. 1986: *Arqueología urbana en Zaragoza 1984-1986*. Zaragoza.
- ÁLVAREZ MARTÍNEZ, J.M. 1983: *El puente romano de Mérida*, Monografías Emeritenses 1, Badajoz.
- ÁLVAREZ MARTÍNEZ, J.M.; NOGALES BASARRATE, T. 2003, *Forum Coloniae Augustae Emeritae. Templo de Diana*. Mérida.
- ÁLVAREZ MARTÍNEZ, J.M. 2006: «Los accesos al recinto de la Colonia Augusta Emerita. La Puerta del Puente», T.G. Schattner; F. Valdés Fernández (eds.), *Puertas de ciudades. Tipo arquitectónico y forma artística, Actas del coloquio en Toledo del 25 al 27 de septiembre 2003*. Madrid, 221-251.
- ÁLVAREZ SÁENZ DE BURUAGA, J. 1976: «La fundación de Mérida», *Augusta Emerita. Actas del Simposio Internacional Conmemorativo del Bimilenario de Mérida (Mérida, 1975)*. Madrid, 19-32.
- AMANTE SÁNCHEZ, M. 1993: «El vertedero romano-tardío del cine Serrano C/ Cartagena (Puerto de Mazarrón, Mazarrón, Murcia). Primeras jornadas de arqueología regional (Murcia, 21-24 marzo 1990)», *Memorias de arqueología* 4, 217-223.
- AMARO, C. 1994: «A industria conserveira na Lisboa romana», *Lisboa Subterrânea. Catálogo*. Lisboa, 69-74.

- AMARO, C. 1995: «Urbanismo Tardo-Romano no Claustro da Sé de Lisboa», *IV Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica (Lisboa, 1992)*. Barcelona, 337-342.
- AMARO, C. 2000: «Presença muçulmana no Claustro da Sé Catedral. Três contextos com cerâmica islâmica», *Garb. Sítios Islâmicos do Sul Peninsular*. Lisboa-Badajoz, 165-197.
- AMARO, C.; RAPOSO, J. 1982: «Casa dos Bicos noticia histórico-arqueológica», *Revista Arqueologia* 6, 96-110.
- AMARO, C.; SEPÚLVEDA, E. 2007: «Casa dos Bicos 25 anos depois: as marcas de oleiro em terra sigillata», *Almadan II Série-15 (Adenda electrónica-IX)*.
- AMOR MEILÁN, M. 1919: *Historia de la Provincia de Lugo*, tomo II. Lugo.
- AMORES CARREDANO, F.; KEAY, S.J. 1999: «Las sigillatas de imitación tipo Peñaflor o una serie de Hispánicas precoces», M. Roca Roumens; M.I. Fernández García (coords.), *Terra Sigillata Hispánica: Centros de fabricación y producciones altoimperiales*. Málaga, 235-255.
- ANDRADE YÁÑEZ, A. 1837: *Memoria sobre las antigüedades de Lugo*.
- ANGLADA, R. 2001: «Excavaciones arqueológicas de urgencia en la calle Fermín Molpeceres núm. 23 de Carmona (Sevilla)», *AAA 1998*. Sevilla, 451-463.
- ANGLADA, R. 2004: «Excavaciones de urgencia en la calle San Ildefonso de Carmona. Nuevos datos sobre la ciudad romana», *AAA 2001*, III. Sevilla, 858-871.
- ANGLADA, R.; CARDENETE, R.; JIMÉNEZ, A.; LINEROS, R.; RODRÍGUEZ, I., 1995: «Excavaciones arqueológicas de urgencia en el solar nº 35 A de la calle San Felipe de Carmona (Sevilla)», *AAA 1992*. Sevilla, 676-684.
- ANGLADA, R.; LINEROS, R.; ROMÁN, J.M. 2010: «Excavación arqueológica preventiva en la calle Diego Navarro núm. 1 de Carmona (Sevilla)», *AAA 2005*. Sevilla, 2742-2761.
- ANTEQUERA, F.; ARROYO, S. 2010: *Memòria de la intervenció arqueològica al carrer Pujol núm. 36-ciutat romana Baetulo (Badalona, Barcelonès)*. Abril 2006-Gener 2007. Badalona, inédito.
- ANTOLINOS MARÍN, J.A. 2003: «Excavación arqueológica de urgencia en calle del Aire nº 34-36, esquina callejón de Estereros», *XIV Jornadas de Patrimonio Histórico y Arqueología de la Región de Murcia*, Murcia, 68-71.
- ANTOLINOS MARÍN, J.A. 2006: «Hallazgos íberos, púnicos y romanos en Cartagena: excavación en calle Palas 5-7», *XVII Jornadas de Patrimonio Cultural*. Murcia, 101-104.
- ANTOLINOS MARÍN, J.A. 2008: «Intervención arqueológica en el sector septentrional del cabezo del Pino: mina Balsa, Depositaria y Eloísa (Sierra Minera de Cartagena-La Unión)», *XIX Jornadas de Patrimonio Cultural de la Región de Murcia*. Murcia, 125-128.
- ANTOLINOS MARÍN, J.A.; FERNÁNDEZ HENAREJOS, D. 2004: «Intervención arqueológica en el yacimiento romano de Los Tinteros de Isla Plana (Cartagena)», *XV Jornadas de Patrimonio Histórico y Arqueología de la Región de Murcia*. Murcia, 88-91.
- ANTOLINOS MARÍN, J.A.; LÓPEZ ROSIQUE, M.C.; SOLER HUERTAS, B. 2002: «Excavación arqueológica de urgencia en calle Mayor 41 (Cartagena)», *XIII Jornadas de Patrimonio Histórico y Arqueología de la Región de Murcia*. Murcia, 52.
- ARANDA CISNEROS, J.A. 2006: «Primeros avances en el estudio de la industria ósea de época romana y tardoantigua hallada en las excavaciones del solar de la calle Almendralejo nº 41 (Mérida)», *Mérida excav. arqueol.* 2003 9, 573-588.
- ARCE, J. 2000: «Prólogo», X. Dupré Raventós; J.A. Remolà Vallverdú (eds.), *Sordes Urbis: la eliminación de residuos en la ciudad romana: actas de la reunión de Roma (15-16 noviembre de 1996)*. Roma, XI-XII.
- ARCE, J. 2002: *Mérida Tardorromana (300-580 d.C.)*, Cuadernos Emeritenses 22. Mérida.
- ARÉVALO, A.; BERNAL, D. (eds.) 2007: *Las cetariae de Baelo Claudia. Avance de las investigaciones arqueológicas en el barrio meridional (2000-2004)*. Cádiz.
- ARÉVALO, A.; BERNAL, D.; MUÑOZ, A.; GARCÍA, I.; MACÍAS, M. 2006: «El mundo funerario tardorromano en Baelo Claudia. Novedades de las intervenciones arqueológicas del 2005 en la muralla oriental», D. Vaquerizo; J.A. Garriguet; A. León (eds.), *Espacio y usos funerarios en la ciudad histórica*, AAC 17-2, 61-84.
- ARIÑO GIL, E. 1990: *Catastros romanos en el Convento Jurídico Caesaraugustano. La región aragonesa*. Zaragoza.
- ARIÑO GIL, E., GURT ESPARRAGUERA, J.M.; PALET I MARTÍNEZ, J.M. 2004: *El pasado presente. Arqueología de los paisajes en la Hispania romana*. Salamanca.
- ARIÑO GIL, E. PEROPADRE, A.; SOUTO LASALA, J.A. 1989-1990: «Restos romanos en el subsuelo de La Seo del Salvador (Zaragoza), 1980-1986», *Caesaraugusta*, 66-67, 143-158.
- ARTIGUES CONESA, P. LI. 2001: *Memòria de la intervenció arqueològica al solar de l'antiga escola Jungfrau 2001*. Badalona, inédito.

- AYERBE VÉLEZ, R. 2005: «La llamada «Basílica de Laborde»: identificación, ubicación y cronología. Intervención arqueológica realizada en el solar nº 8 de la calle Calvario (Mérida)», *Mérida excav. arqueol.* 2002 8, 89-120.
- AYERBE VÉLEZ, R., BARRIENTOS VERA, T. y PALMA GARCÍA, F. (eds.) 2009: *El Foro de Augusta Emerita. Génesis y evolución de sus recintos monumentales*, Anejos de AEspA LIII. Mérida.
- BADÍA CAPILLA, Á.; ESCRIVÀ TORRES, V.; MARÍN JORDÁ, C.; PASCUAL PACHECO, J.; RIBERA I LACOMBA, A. 1992: *Intervención arqueológica realizada en la Plaza de la Almoina (Valencia). 6ª Campaña 1991-92*, Memoria de Intervención Arqueológica depositada al Servei d'Investigacions Arqueològiques Municipals de València (SIAM). Valencia.
- BAENA ALCÁNTARA, M.D. 1998: «En torno al urbanismo septentrional de Colonia Patricia Corduba en época altoimperial. El foro colonial», *Arte, Arqueología e Historia* 5, 39-47.
- BALLET, P.; CORDIER, P.; DIEUDONNÉ-GLAD, N. (dirs.) 2003: *Le ville et ses déchets dans le monde romain: rebuts et recyclages. Actes du Colloque de Poitiers (19-21 septembre 2002)*. Montagnac.
- BARRIENTOS VERA, T. 1997: «Baños romanos de Mérida. Estudio preliminar», *Mérida excav. arqueol.* 1994-1995 1, 259-284.
- BARRIENTOS VERA, T. 2000: «Intervención arqueológica realizada en la esquina de las calles Francisco Almaraz y Forner y Segarra. Nuevos datos del varío romano en la zona norte», *Mérida excav. arqueol.* 1998 4, 59-81.
- BARRIENTOS VERA, T. 2001: «Secuencia ocupacional en las proximidades de la muralla romana. Intervención arqueológica realizada en el solar nº 38 de la calle Muza», *Mérida excav. arqueol.* 1999 5, 85-118.
- BARRIENTOS VERA, T. 2007: «Una *figlina* emeritense extramuros del siglo I d. C. y la ocupación funeraria del espacio en épocas bajoimperial y andalusí. Intervención arqueológica realizada en el solar nº 19 de la calle Concejo (Mérida)», *Mérida excav. arqueol.* 2004 10, 371-407.
- BASSI, C. 1997: «La città di Trento in età romana: l'impianto fognario. Scavi 1994-1996», L. Quilici; S. Quilici Gigli (eds.), *Architettura e pianificazione urbana nell'Italia antica*. Roma, 217-227.
- BEJARANO OSORIO, A. 1999: «Intervención arqueológica en el solar de la C/ Santa Lucía, nº 21. Una calzada de época altoimperial», *Mérida excav. arqueol.* 1997 3, 109-124.
- BEJARANO OSORIO, A. 2005: «Evolución de un espacio periurbano en la zona norte de *Augusta Emerita*. Intervención arqueológica realizada en los solares nº 2, 3, 6, 10 y 11 de las C/ J. R. Mérida-Pontezuelas-Travesía de Rambla», *Mérida excav. arqueol.* 2002 8, 131-157.
- BEJARANO OSORIO, A. 2007: «Una *domus* extramuros en los límites de la ciudad: nuevos aspectos de la urbanística y el trazado de la muralla de *Augusta Emerita* en la zona nororiental. Intervención arqueológica realizada en la C/ Hernán Cortés, nº 37», *Mérida excav. arqueol.* 2004 10, 233-256.
- BELÉN, M.; LINEROS, R.; RODRÍGUEZ, I.; ANGLADA, R.; JIMÉNEZ, A. 1995: «Excavaciones arqueológicas de urgencia en el solar nº 2 de la calle Arellano de Carmona (Sevilla) », *AAA* 1993, III. Sevilla, 655-666.
- BÉMONT, C.; JACOB, J.P. (dirs.) 1986: *La terre sigillée gallo-romain*. Paris.
- BELMONTE SANTISTEBAN, C. 2008: «L'ocupació de l'extrem Sud-oest del Suburbium de Barcino entre els segles I-IV d.C.: les troballes del Carrer d'Avinyó», *Quarhis* 4, 90-105.
- BELTRÁN DE HEREDIA, J. 2000: «Los restos arqueológicos de una *fullonica* y una *tintoria* en la colonia romana de *Barcino* (Barcelona)», *Complutum* 11, 253-259.
- BELTRÁN DE HEREDIA, J. (dir.) 2001: *De Barcino a Barcinona (sigles I-VII). Les restes arqueològiques de la Plaça del Rei de Barcelona*. Barcelona.
- BELTRÁN DE HEREDIA, J. 2005: «La *Cetaria* de Barcino. Una factoría de salazón del siglo III d.C. en el yacimiento de la plaza del Rey de Barcelona», *III Congreso internacional de estudios Históricos. El Mediterráneo: La cultura del mar y de la sal (Santa Pola, 25-29 octubre, 2004)*. Santa Pola, 187-193.
- BELTRÁN DE HEREDIA, J. 2006: «Los contextos altomedievales de la Plaza del Rey de Barcelona: La cerámica de tradición carolingia (siglos IX-X)», *Quarhis* 2, 108-139.
- BELTRÁN DE HEREDIA, J. 2007: «*Cetariae* bajo imperiales en la costa catalana: el caso de Barcino», *Salsas y salazones de pescado en occidente durante la antigüedad. Actas del Congreso Internacional *Cetariae* (Cádiz, 7-9 Noviembre, 2005)*. Cádiz, 277-284.
- BELTRÁN DE HEREDIA, J. 2009: «Premses vineres i instal·lacions vinícoles a *Barcino*», *Barcino I. Marques i terrisseries d'àmfores al pla de Barcelona*. Barcelona, 119-130.
- BELTRÁN DE HEREDIA, J. 2010: «*Barcino*, de colonia augustea a *sede regia* en época visigoda. Las transformaciones urbanas a la luz de las nuevas apor-

- taciones de la arqueología», *Arqueologia, Patrimonio y Desarrollo Urbano. Problemática y soluciones*. Girona, 31-49.
- BELTRÁN DE HEREDIA, J.; BONNET, Ch. 2007: «Nouvelles données sur le baptistère de Barcelone», *Atti del Convegno Internazionale: Tempi e dinamiche della cristianizzazione tra Liguria di Ponente e Provenza (Albenga, settembre 2006)*. Albenga, 771-820.
- BELTRÁN DE HEREDIA, J.; COMAS, M. 2009: «Instal·lacions vinícoles vinculades a domus: Els exemples de Barcino i Baetulo», *El vi Tarraconense i Laietà ahir i avui. Actes del simpòsium (Tarragona-Teià, maig 2007)*. Tarragona, 151-165.
- BELTRÁN DE HEREDIA, J.; JUAN TRESSERRAS, J. 2000: «Nuevas aportaciones para el estudio de las *fulonicae* y *tinctoriae* en el mundo romano. Resultados de las investigaciones arqueológicas y arqueométricas en las instalaciones de la colonia Barcino (Barcelona, España)», T. Cardon (ed), *Archéologie des textiles des origines au Ve siècle (Actes du Colloque de Lattes, 1999)*, Monographies Instrumentum 14. Montagnac, 241-246.
- BELTRÁN LLORIS, M. 1979: «El nivel augusteo de la Casa-Palacio de los Pardo, en Zaragoza», *XV Congreso Nacional de Arqueología (Lugo, 1977)*. Zaragoza, 943-966.
- BELTRÁN LLORIS, M. 1982: *La arqueología de Zaragoza: Últimas investigaciones*. Zaragoza.
- BELTRÁN LLORIS, M. 1983: *Los orígenes de Zaragoza y la época de Augusto. Estado actual de los conocimientos*. Zaragoza.
- BELTRÁN LLORIS, M. 2007: «Topografía y evolución urbana», F. Beltrán Lloris (coord.), *Ciudades romanas de Hispania. Las capitales provinciales 4. Zaragoza. Colonia Caesar Augusta*. Roma, 29-42.
- BELTRÁN LLORIS, M.; AGUAROD OTAL, C.; HERNÁNDEZ PRIETO, M.A.; MÍNGUEZ MORALES, J.A.; PAZ PERALTA, J. 1998: *Colonia Victrix Iulia Lepida Celsa, El Instrumentum domesticum de la Casa de los delfines*. Zaragoza.
- BELTRÁN LLORIS, M.; AGUAROD OTAL, M.C.; MOSTALAC CARRILLO, A.; PAZ PERALTA, J.A. 1983: «Excavaciones en Caesaraugusta (Zaragoza)», *Museo de Zaragoza. Boletín 2*, 226-229.
- BELTRÁN LLORIS, M.; MOSTALAC CARRILLO, A. 2008: «La colonia Lepida/Celsa y Salduie: sus testimonios arqueológicos durante el segundo triunvirato y comienzos del Imperio», M.P. García-Bellido, A. Mostalac y A. Jiménez (eds.), *Del Imperium de Pompeyo a la Avtoritas de Augusto. Homenaje a Michael Grant*, Anejos de AEspA XLVII. Madrid-Zaragoza, 107-127.
- BELTRÁN LLORIS, M.; PAZ PERALTA, J.A., FERRERUELA GONZALVO, A.; ORTIZ PALOMAR, E.; SIMÓN CAPILLA, M.P. 1992: «Excavación en el teatro romano de Caesaraugusta. Campaña 1990», *Arqueología Aragonesa 1990*. Zaragoza, 175-177.
- BELTRÁN LLORIS, M., SÁNCHEZ NUVIALA, J.J.; AGUAROD OTAL, M.C.; MOSTALAC CARRILLO, A. 1980: *Caesaraugusta I (Campaña 1975-1976)*, EAE 108. Madrid.
- BELTRÁN MARTÍNEZ, A.; SAN MARTÍN MORO, P.A. 1983: «Cartagena en la Antigüedad: estado de la cuestión», *XVI Congreso Nacional de Arqueología (Murcia, 1982)*. Zaragoza, 867-880.
- BELLO RODRIGO, J.R.; MÁRQUEZ PÉREZ, J. en prensa: «Los primeros contextos romanos de Augusta Emerita: el vertedero de «Los Columbarios»», *Contextos cerámicos de época augustea en el Mediterráneo Occidental (Barcelona, abril de 2007)*. Barcelona.
- BÉMONT, C.; JACOB, J.P. (eds.) 1986: *La terre sigillée gallo-romaine, lieux de production du Haut Empire*. Paris.
- BENDALA GALÁN, M.; DURÁN CABELLO, R.M. 1995: «El anfiteatro de Augusta Emerita: rasgos arquitectónicos y problemática urbanística y cronológica», J.M. Álvarez Martínez; J.J. Enríquez Navascués (coords.), *El anfiteatro en la Hispania romana. Coloquio Internacional (Mérida, 1992)*. Mérida, 247-264.
- BERNAL, D.; DÍAZ, J.J.; EXPÓSITO, J.A.; SÁEZ, A.M.; LORENZO, L.; SÁEZ, A. 2003: *Arqueología y Urbanismo. Avance de los hallazgos de época púnica y romana en las obras de la Carretera de Camposoto (San Fernando, Cádiz)*. Jerez de la Frontera.
- BERNAL, D.; ROLDÁN, L.; BLÁNQUEZ, J.; PRADOS, F.; DÍAZ, J.J. 2004: «Villa Victoria y el barrio alfarero de Carteia en el s. I d. C. Avance de la excavación del año 2003», *Actas del Congreso Internacional FIGLINAE BAETICAE. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a. C. - VII d. C.)*, BAR Int.Ser. 1266, II. Oxford, 457-472.
- BERNAL, D.; ARÉVALO, A.; SÁEZ, A.M. 2007: «Nuevas evidencias de la ocupación en época republicana (ss. II-I a. C.)», A. Arévalo; D. Bernal (eds.), *Las cetariae de Baelo Claudia. Avance de las investigaciones arqueológicas en el barrio meridional (2000-2004)*. Sevilla, 237-353.
- BERNAL, D.; ARÉVALO, A.; LORENZO, L.; CÁNOVAS, A. 2007a: «Abandonos en algunas *insulae* del barrio industrial a finales del s. II d.C.», A. Arévalo; D. Bernal (eds.), *Las cetariae de Baelo Claudia*.

- Avance de las investigaciones arqueológicas en el barrio meridional (2000-2004)*. Sevilla, 383-453.
- BERNAL, D.; ARÉVALO, A.; EXPÓSITO, J.A. DÍAZ, J.J. 2007b: «Reocupaciones del espacio y continuidad habitacional en el Bajo Imperio (ss. III y IV d. C.)», A. Arévalo; D. Bernal (eds.): *Las cetariae de Baelo Claudia. Avance de las investigaciones arqueológicas en el barrio meridional (2000-2004)*. Sevilla, 455-489.
- BERNAL, D.; ARÉVALO, A.; AGUILERA, L.; LORENZO, L.; DÍAZ, J.J.; EXPÓSITO, J.A. 2007c: «La topografía del barrio industrial. *Baelo Claudia*, paradigma de la industria conservera urbana hispanorromana», A. Arévalo; D. Bernal (eds.), *Las cetariae de Baelo Claudia. Avance de las investigaciones arqueológicas en el barrio meridional (2000-2004)*. Sevilla, 91-221.
- BERNAL, D.; ARÉVALO, A.; DÍAZ, J.J.; EXPÓSITO, A.A. 2009: «Un nuevo conjunto industrial salazonero en el barrio meridional de *Baelo Claudia*», *Caetaria* 6-7, 453-458.
- BERROCAL CAPARRÓS, M.C. 1996: «Late Roman Unguentarium en Carthago-Nova», *XXIII Congreso Nacional de Arqueología (Elche 1995)*, vol. II. Elche, 119-128.
- BERROCAL CAPARRÓS, M.C. 1998: «Arqueología preventiva en el Casco Histórico de Cartagena: realización de sondeos geotécnicos con finalidad arqueológica en el PERI CA-4», *Memorias de Arqueología* 13, 129-170.
- BERROCAL CAPARRÓS, M.C.; CONESA SANTACRUZ, M.J. 1996: «Informe de excavaciones arqueológicas realizadas en el solar de la calle Jara nº 19-23, (Cartagena)», *Memorias de Arqueología* 5, 204-226.
- BINFORD, L. 1983: *En busca del pasado*. Barcelona.
- BLANCO FREIJEIRO, A. 1982: «La Itálica de Trajano y Adriano», *Itálica (Santiponce, Sevilla)*, EAE 121. Madrid, 291-298.
- BLANCO MORTE, A.; CEBOLLA BERLANGA, J.L. 1993: «Excavación del solar de calle Alcalá 9-11 (Zaragoza)», *Arqueología Aragonesa 1991*. Zaragoza, 267-270.
- BLANCO MORTE, A.; CEBOLLA BERLANGA, J.L. 1996: «Excavación arqueológica del terreno denominado U.A-1 por el Plan Especial de la plaza de san Antón de Zaragoza situado entre las calles de Murallas, Danzas, Prudencio y Salduba. Zaragoza. Casco Histórico», *Arqueología Aragonesa 1993*. Zaragoza, 181-186.
- BLANCO MORTE, A.; CEBOLLA BERLANGA, J.L. 1996a: «Excavación arqueológica del solar situado en la calle Teniente Coronel Valenzuela nº 6. Zaragoza. Casco Histórico», *Arqueología Aragonesa 1993*. Zaragoza, 199-203.
- BLANCO MORTE, A.; CEBOLLA BERLANGA, J.L. 1997: «Intervención arqueológica en el solar de calle Manuela Sancho, nº 23. Zaragoza. Casco histórico», *Arqueología Aragonesa 1993*. Zaragoza, pp. 205-207.
- BLASCO, J., CAMPS GARCÍA, C.; CHULIÀ GONZÁLEZ, R.M.; ESCRIVÀ TORRES, V.; RIBERA I LACOMBA, A.; RIVAS, L. 1991: «La intervención arqueológica», *El Palau de l'Almirall*. Valencia, 173-192.
- BLASCO, J., ESCRIVÀ TORRES, V.; RIBERA I LACOMBA, A.; SORIANO SÁNCHEZ, R. 1994: «Estat actual de la investigació arqueològica de la l'antiguitat tardana a la ciutat de València», *III Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica (Mahón, 1988)*. Barcelona, 185-197.
- BLÁZQUEZ HERRERO, C. 2005: *Zaragoza. Dos milenios de agua*. Zaragoza.
- BLOCH, R. 1978: *Prodigi e divinazione nel mondo antico*. Roma.
- BONIFAY, M. 2004: *Études sur la ceramique romaine tardive d'Afrique*, BAR Int.Ser. 1301, Oxford.
- BORRÁS I QUEROL, C. 1990: «Avance de las excavaciones en la villa romana del Mas d' Aragón», *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología castelloneses* 13, 379-398.
- BOSCH, M.; PADRÓS, P. 1999: *Memòria dels treballs d'excavació arqueològica d'urgència al solar del carrer Lladó números 55-67 (Badalona, Barcelonés)*. Ciutat romana de Baetulo. Novembre desembre 1998. Badalona, inédito.
- BOTELLA ORTEGA, D.; SÁNCHEZ VELASCO, J. 2008: *La basílica de Coracho, Lucena (Córdoba)*. Lucena.
- BROGIOLO, G.P. 1987: «La città tra tarda-antichità e Medioevo», *Archeologia urbana in Lombardia. Valutazione dei depositi e inventario dei vincoli*. Modena, 48-56.
- BRUUN, C. 1991: *The water supply of ancient Rome. A study of Roman imperial administration*. Helsinki.
- BUGALHÃO, J. 2000: «Mandarim Chinês- Contextos Romanos», *Actas do Quarto Encontro de Arqueologia Urbana (Amadora, 2000)*. Amadora, 127-146.
- BUGALHÃO, J. 2001: *A Indústria Romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo*. Lisboa.
- BURÉS VILASECA, L. 1998: *Les structures hidràuliques a la ciutat antiga: l'exemple d'Empúries*, Monografies Emporitanes 10. Barcelona.
- BURÓN ÁLVAREZ, M. 2006: «El trazado urbano de *As-turica Augusta*. Génesis y evolución», *Nuevos elementos de Ingeniería Romana. III Congreso de*

- Obras Públicas Romanas (Astorga, 2006)*, 289-312.
- BURRIEL ALBERICH, J.; RIBERA I LACOMBA, A.; SERRANO MARCOS, M.L. 2004: «Un área portuaria romana al norte de Valentia». G. Pascual Berlanga; J. Pérez Ballester (eds.), *Actas de las IV Jornadas de Arqueología Subacuática. Puertos fluviales antiguos: ciudad, desarrollo e infraestructuras (Valencia, 2003)*. Valencia, 127-142.
- BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M. en prensa: «Representaciones imperiales en pequeño formato. El caso de la terra sigillata hispánica», *Actas del XVII International Congress of Classical Archaeology: «Meetings between cultures in the Ancient Mediterranean» (Roma, 22 a 26 de septiembre de 2008)*.
- BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M. 2007: *El comercio de Terra Sigillata Alto-Imperial en el Círculo del Estrecho. Balance historiográfico y nuevas líneas de investigación*, Trabajo de Investigación de Tercer Ciclo, Universidad de Cádiz.
- BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M. 2008: «Terra sigillata gálica en el Círculo del Estrecho. Balance historiográfico y nuevas líneas de investigación», *Actes du Congrès de la SFECAG (L'Escala-Empúries, 2008)*. Marseille, 503-527.
- BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M. 2010: *Terra sigillata hispánica en Augusta Emerita (Mérida, Badajoz). Valoración tipo-cronológica a partir de los vertederos del suburbio norte*, Tesis Doctoral inédita, Universidad de Cádiz.
- BUZÓN ALARCÓN, M. 2009: «El templo astigitano de la calle Galindo: análisis e interpretación de un puzle arqueológico», *Romula* 8, 65-123.
- BRUN, J.-P. 1997: «Um primeiro moinho hidráulico romano na Península Ibérica, em Conimbriga», *Portugal Romano. A exploração dos recursos naturais*. Lisboa, 30-31.
- CABALLERO, M. 2008: *Memòria de la Intervenció arqueològica al pati de l'antiga escola Jungfrau. 4 d'octubre-12 de novembre 2004*. Badalona, inédito.
- CABRERA BARRIGÜETE, J.J.; CARRASCO GÓMEZ, I. 2005: *Informe. Vigilancia arqueológica. Calle San Bartolomé nº 3. Écija (Sevilla)*. Informe inédito depositado en el Área de Urbanismo del Ayuntamiento de Écija.
- CALADO, M. 2008: *Lisboa Pré-Romana*. Lisboa.
- CALERO CARRETERO, J. A. 1986: *La muralla romana de Augusta Emerita: contexto histórico y arqueológico*, Memoria de Licenciatura inédita. Universidad de Extremadura. Cáceres.
- CALVO GÁLVEZ M.; MARÍN JORDÁ, C.; MARTÍNEZ VALLE, R.; MATAMOROS DE VILLA, C. 1998: *De Valentia a Les Corts*. Valencia.
- CALZA, G.; BECATTI, G.; GISMONDI, I. 1953: *Scavi di Ostia. I. Topografia Generale*, Scavi di Ostia 11. Roma.
- CARMONA GONZÁLEZ, P. 1990: *La formació de la plana al·luvial de València. Geomorfologia, hidrologia i geoarqueologia de l'espai litoral del Túria*, Estudis Universitaris, Sèrie Major 5, Institució Alfons el Magnànim. Valencia.
- CARMONA GONZÁLEZ, P. 2002: «Geomorfología de la llanura de Valencia. El río Turia y la ciudad», *Historia de la ciudad II. Territorio, sociedad y patrimonio*. Valencia, 29-54.
- CAMMAS, C.; CHAMPAGNE, F.; DAVID, C.; DESACHY, B.; GUYARD, L. 1995: «Le probleme des «terres noires» sur les sites urbains tardo-antiques et médiévaux: reflexions et propositions méthodologiques à partir de l'exemple des fouilles du Collège de France à Paris», *Les nouvelles de l'Archéologie* 61, 22-29.
- CANO ORTIZ, A.I. y ACERO PÉREZ, J. 2004: «Los usos del plomo en la ingeniería hidráulica romana. El caso de Augusta Emerita», *Mérida excav. arqueol.* 2001 7, 381-396.
- CANTO DE GREGORIO, A. 1979: «El acueducto de Itálica», *Madrid Mitteilungen* 20, 282-338.
- CARABIA, J. 1989-1991: «Hécate, garante de la propreté: Défense de déposer des ordures sous peine de...», *Pallas, revue d'études antiques* XXXV, 25-63.
- CARANDINI, A. 1993: «L'ultima civiltà sepolta o del massimo oggetto desueto, secondo un archeologo», *Storia di Roma, III.2. L'età tardoantica. I luoghi e le culture*, Roma, 11-38.
- CARANDINI, A. 2000: «I rifiuti finalmente accolti. Appunti per l'utilizzo investigativo delle immondizie e per una teologia della purificazione», X. Dupré Raventós; J.A. Remolà Vallverdú (eds.): *Sordes Urbis: la eliminación de residuos en la ciudad romana: actas de la reunión de Roma (15-16 noviembre de 1996)*. Roma, 1-2.
- CARDENETE, R.; LINEROS, R. 1990: «Excavaciones arqueológicas de urgencia practicadas en el Huerto de las Descalzas, C/ Argollón. Carmona, Sevilla», *AAA 1988, III*. Sevilla, 251-256.
- CARDENETE, R.; GÓMEZ, M.T.; LINEROS, R.; RODRÍGUEZ, I. 1990: «Informe de las excavaciones realizadas en el solar situado en la calle Carpinteros nº 27 (Carmona (Sevilla))», *AAA 1987, III*. Sevilla, 556-560.
- CARDENETE, R.; GÓMEZ, M.T.; LINEROS, R.; RODRÍGUEZ, I. 1992: «Excavaciones arqueológicas de urgencia en el solar de la Plazuela de Lasso s/n. Carmona (Sevilla)», *AAA 1990, III*. Sevilla, 503-509.
- CARRÉ, M.B.; GAGGADIS-ROBIN, V.; HESNARD, A.;

- TCHERNIA, A. 1995: *Recueil de timbres sur amphores romaines II*, Travaux du Centre Camille Jullian 16. Aix-en-Provence.
- CARREÑO GASCÓN, M.C. en prensa: «Memoria de los sondeos arqueológicos realizados en el entorno del antiguo matadero municipal de Lugo», *Larouco* 5.
- CARRERAS, C. 1998: «Els abocadors en el món romà: el cas de Londinium i Barcino», *Pyrenae* 29, 147-160.
- CARRERAS MONFORT, C. 2006: «A quantitative approach to the amphorae from Xanten: a more comprehensive view of the long-distance Roman trade», *Xantener berichte* 14, 25-39.
- CARRERAS MONFORT, C. 2009: «Preliminars: l'estudi del territori de la colònia i les primeres terrisseries», C. Carreras Monfort; J. Guitart Durán (ed.), *Barcino I. Marques i terrisseries d'àmfores al Pla de Barcelona*. Barcelona, 11-20.
- CARRERAS MONFORT, C.; NADAL LORENZO, J. 2003: «Reflexiones en torno a la cultura material: nuevas aproximaciones», *Pyrenae* 33, 65-80.
- CARVER, M.O.H. 1987: «The nature of the urban deposits», J. Schofield; R. Leech (eds.), *Urban archaeology in Britain*. CBA 61. London, 9-26.
- CASABONA SEBASTIÁN, J.F. 1992: «La excavación de Sepulcro 1-15. Zaragoza», *Arqueología Aragonesa* 1990. Zaragoza, 185-190.
- CASABONA SEBASTIÁN, J.F. 1993: «Excavación del solar de la calle Pardo Sastrón, 7 angular con C/ Verónica de Zaragoza», *Arqueología Aragonesa* 1991. Zaragoza, 279-281.
- CASABONA SEBASTIÁN, J.F.; DELGADO CEAMANOS, J. 1991: «Informe de la excavación del solar de la C/ San Agustín, 13-15 (Zaragoza)», *Arqueología Aragonesa* 1988-89. Zaragoza, 349-351.
- CASABONA SEBASTIÁN, J.F.; DELGADO CEAMANOS, J. 1991a: «Informe de la excavación del solar de C/ M. Carrillo, C/ Universidad y C/ Órgano (Zaragoza)», *Arqueología Aragonesa* 1988-1989. Zaragoza, 337-339.
- CASABONA SEBASTIÁN, J.F.; DELGADO CEAMANOS, J. 1991b: «Excavación arqueológica del solar de C/ Fuenclara - C/ Candalija», *Arqueología Aragonesa* 1988-1989. Zaragoza, 341-344.
- CASABONA SEBASTIÁN, J.F.; DELGADO CEAMANOS, J.; PAZ PERALTA, J.A. 1991: «Informe de las excavaciones realizadas en la Torre Nueva de la Plaza San Felipe (Zaragoza)» en *Arqueología Aragonesa* 1988-1989. Zaragoza, 319-324.
- CASAS, J. 2009: «Una terrisseria del Pla de Barcelona: l'excavació del carrer Princesa, número 21», C. Carreras Monfort; J. Guitart Durán (ed.), *Barcino I. Marques i terrisseries d'àmfores al Pla de Barcelona*. Barcelona, 63-88.
- CASTILLO ELSTIDIÉ, L.G., ACERO PÉREZ, J. y GARCÍA LEÓN, J. 2008: «Estimación teórica de la capacidad hidráulica de las cloacas romanas de Mérida», *IV Congreso de las Obras Públicas en la Ciudad Romana (Lugo-Guitiriz, 2008)*. Madrid, 251-262.
- CASTILLO PÉREZ DE SILES, F. 2003: «Intervención arqueológica de urgencia en la calle Concepción nº 5 (Córdoba)», *Arte, Arqueología e Historia* 10, 54-59.
- CASTRO DEL RÍO, E. 2006: «El conjunto arqueológico del Parque Infantil de Tráfico de Córdoba: La ocupación tardoantigua del suburbio occidental de Colonia Patricia Corduba», *AAC* 17-2, 103-118.
- CEBOLLA BERLANGA, J.L. 1997: «Excavación arqueológica del solar de C/ Predicadores 12-16. Zaragoza. Casco Histórico», *Arqueología Aragonesa* 1994. Zaragoza, 281-285.
- CEBOLLA BERLANGA, J.L. 2006: «Informe sobre las excavaciones arqueológicas en el solar de la calle Alonso V, Nº 7-11. Zaragoza. Centro Histórico». Informe inédito.
- CEBOLLA BERLANGA, J.L.; BLANCO MORTE, A. 1993: «Excavación del solar de la calle Coso 168-170 y calle San Agustín 3 (Zaragoza)», *Arqueología Aragonesa* 1991. Zaragoza, 257-2.
- CEBOLLA BERLANGA, J.L.; BLANCO MORTE, A. 1993a: «Excavación arqueológica del solar de la calle Espoz y Mina nº 19 (Zaragoza)» *Arqueología Aragonesa* 1991. Zaragoza, 263-265.
- CEBOLLA BERLANGA, J.L.; BLANCO MORTE, A. 1997: «Excavación arqueológica de los solares de C/ Predicadores 18 y Calle del Arpa 4. Zaragoza. Casco Histórico», *Arqueología Aragonesa* 1993. Zaragoza, 173-179.
- CEBOLLA BERLANGA, J.L.; DOMÍNGUEZ ARRANZ, M.A.; RUIZ RUIZ, F.J. 2005: «La excavación arqueológica del solar de la Plaza de las Tenerías, Nº 3-5 (Zaragoza)», *Salduie* 4, 463-472.
- CHIOFFI, L. 1999: *Caro: il mercato della carne nell'Occidente romano: riflessi epigrafici ed iconografici*. Roma.
- CHULIÀ GONZÁLEZ, R.M.; CAMPS GARCÍA, C.; PÉREZ, C.; ROSELLÓ MESQUIDA, M. 1989: *Informe: Excavaciones en los Baños del Almirante. Sector C (Campaña 1989)*. Memoria de Intervención Arqueológica depositada al Servei d'Investigacions Arqueològiques Municipals de València (SIAM). Valencia.
- CIARALLO, A. 1992: *Orti e Giardini della antica Pompei*. Napoli.

- CINCA MARTÍNEZ, J.L. 2002: «La red de saneamiento», AA.VV., *Así era la vida en una ciudad romana*: Calagurris Iulia. Calahorra, 61-72.
- CLEARY, S.E. 1987: *Extra-mural areas of Romano-British towns*. BAR Brit.Ser. 169, Oxford.
- COARELLI, F. 1983: *Il foro romano I. Il periodo arcaico*. Roma.
- COARELLI, F. 1985: *Roma*, Guida Archeologica Laterza. Bari.
- COARELLI, F. 1986: *Fregellae 2. Il santuario di Esculapio*. Roma.
- COELHO, A.B. 1989: *Portugal na Espanha Árabe*. Lisboa.
- COMAS I SOLÀ, M. 1997: *Baetulo. Les marques d'àmfores*. Barcelona.
- COMAS I SOLÀ, M.; GUITART I DURAN, J.; PADRÓS I MARTÍ, P. 1999: *Història de Badalona*. Badalona.
- CONLIN HAYES, E. 2003: «Los inicios del III milenio a.C. en Carmona: las evidencias arqueológicas», *CAREL* 1, 83-143.
- CONLIN HAYES, E.; CABRERA BARRIGÜETE, J.J. 2009: «Intervención Arqueológica Preventiva, calle Arroyo número 8. Écija. Sevilla», *AAA 2004*, I. Sevilla, 3283-3291.
- CONNOLLY, P.; DODGE, H. 2000: *La città antica. La vita quotidiana a Roma e Atene*. Milano (1ª ed. 1998).
- CORDIER, P. 2003: «Les mots pour le dire: le vocabulaire des rebuts et leurs représentations», P. Ballet; P. Cordier; N. Dieudonné-Glad (dir.), *Le ville et ses déchets dans le monde romain: rebuts et recyclages. Actes du Colloque de Poitiers (19-21 septembre 2002)*, Montagnac, 19-26.
- CORREIA, V.H. 1997: «Nouvelles recherches à Conimbriga», *Itinéraires Lusitaniens. Trente années de collaboration archéologique luso-française*. Paris, 35-48.
- CORREIA, V.H. 2004: «Coexistência e revolução. Urbanismo e arquitectura em Conimbriga», M.C. Lopes; R. Vilaça (eds.), *O passado em cena: narrativas e fragmentos. Miscelânea oferecida a Jorge Alarcão*. Coimbra-Porto, 261-298.
- CORREIA, V.H.; ALARCÃO, P. 2008: «Um ensaio de topografia histórica», *Conimbriga XLVII*, 31-46.
- CORZO SÁNCHEZ, R. 2002: «La fundación de Itálica y su desarrollo urbanístico», J.L. Jiménez; A. Ribera A. (eds.), *Valencia y las primeras ciudades romanas de Hispania*, Grandes Temas Arqueológicos 3. Valencia, 123-135.
- CRUZ ANDREOTTI, G.; ROSADO CASTILLO, V. (eds.) 2001: *Monográfico: Las Leyes municipales en Hispania. 150 aniversario del descubrimiento de la Lex Flavia Malacitana*, Mainake 23. Málaga.
- CURADO, B. 2004: *La medicina en Mérida según la Vida de los Padres emeritenses*, Cuadernos Emeritenses 25. Mérida.
- CURTI, E. 2008: «Il tempio di Venere Fisica e il porto di Pompei», P.G. Guzzo; M.P. Guidobaldi (eds.), *Nuove Ricerche archeologiche nell'area vesuviana (scavi 2003-2006)*. *Atti del Convegno Internazionale (Roma, 2007)*. Roma, 47-60.
- CUYÁS TOLOSA, J. M. 1977: *Historia de Badalona, vol III. Badalona romana i visigòtica*. Badalona.
- DARDAINE, S.; DIDIERJEAN, F.; LUNAI, S.; PAULLIAN, A. 1979: «La treizième campagne de fouilles de la Casa de Velázquez à Belo (Bolonía – Cadix), en 1978», *Mélanges de la Casa de Velázquez XV*, 515-557.
- DARDAINE, S.; FINCKER, M.; LANCH, J.; SILLIÈRES, P. 2008: *Belo VIII. Le sanctuaire d'Isis*, Collection de la Casa de Velázquez 107. Madrid.
- DDCM 2006: «Intervención arqueológica realizada en la travesía de Pizarro, nº 9», *Mérida excav. arqueol.* 2003 9, 261-267.
- DE HAAN, N.; JANSEN, G.C.M. (eds.) 2001: *Cura Aquarum in Campania*. Leiden.
- DE LOS RÍOS, D. 1867: *Informe sobre las excavaciones últimamente ejecutadas en las ruinas de Itálica y sobre las que conviene hacer en lo sucesivo*. Original conservado en la Real Academia de la Historia.
- DE MAN, A. 2008: *Defesas urbanas tardias da Lusitânia*. Dissertação para obtenção do grau de Doutor em Arqueologia (policopiado). Porto.
- DE MAN, A. 2009: «Late Urban Defences of the Lower Mondego: the cases of Aeminium and Conimbriga», *20th International Congress of Roman Frontier Studies (León, 2006)*, Anejos de Gladius 13. Madrid.
- DE MAN, A.; SOARES, A.M. 2007: «A datação pelo radiocarbono de contextos pós-romanos de Conimbriga», *Revista Portuguesa de Arqueologia* 10-2. Lisboa, 285-294.
- DE MATA CARRIAZO, J. 1982: «La puerta del Anfiteatro en el recinto de Itálica», *Homenaje al prof. Dr. Hernández Díaz*, vol. 1. Sevilla, 35-49.
- DE MIQUEL SANTED, L.E. 1987: «El Trazado viario de Carthago-Nova. (Nuevos hallazgos del Decumano Máximo)», *AnMurcia* 3, 145-151.
- DE MIQUEL SANTED, L.E.; ROLDÁN BERNAL, B. 1995: *Informe preliminar del proyecto de sondeos arqueológicos en el P.E.R.I. del Molinete (Cartagena)*.
- DE MIQUEL SANTED, L.E.; ROLDÁN BERNAL, B. 2000: «Actuaciones arqueológicas en el área meridional del Molinete», *XI Jornadas de Patrimonio Histórico y Arqueología Regional*. Murcia, 32-37.

- DE RUYT, C. 1983: *Macellum: marché alimentaire des romains*. Louvain-La-Neuve.
- DEBARY, O. 2008: «Déchets et mémoires», J-F. Bernard; Ph. Bernardi; D. Espósito (eds.), *Il reimpiego in architettura: recupero, trasformazione, uso*, Collection de l'École Française de Rome 418. Roma, 683-688.
- DELGADO CEAMANOS, J. 1992: «Informe de la excavación realizada del solar de la C/ Universidad 7 angular C/ Torrellas (Zaragoza)», *Arqueología Aragonesa 1990*. Zaragoza, 205-210.
- DELGADO CEAMANOS, J. 1993: «Informe de la excavación realizada en el solar sito en C/ La Cadena, 23», *Arqueología Aragonesa 1991*. Zaragoza, 297-299.
- DELGADO CEAMANOS, J.; PÉREZ-CASAS, J.A. 1997: «Informe acerca de las actuaciones arqueológicas en el solar del antiguo Colegio Palafox, en la calle Palafox angular con calle San Vicente de Paúl (Zaragoza)», *Arqueología Aragonesa 1994*. Zaragoza, 293-295.
- DELGADO CEAMANOS, J., REAL IZQUIERDO, B. del 1994: «Informe de la excavación arqueológica del solar de la calle La Cadena, números 24-26, Zaragoza», *Arqueología Aragonesa 1992*. Zaragoza, 189-194.
- DELGADO CEAMANOS, J., REAL IZQUIERDO, B. del 2006, «Intervención arqueológica en C/ San Agustín Nº 5-7 angular a C/ Alcober Nº 8. Zaragoza». Informe inédito.
- DELOGU, P. 1990: «Longobardi e romani: altre congetture», *Langobardia*, 111-168.
- D'ENCARNAÇÃO, J. 2009: «As termas dos Cássios em Lisboa: ficção ou realidade?», J.G. Gorges; J. d'Encarnação; T. Nogales; A. Carvalho (eds.), *Lusitânia Romana entre o Mito e a Realidade. Actas da VI Mesa-Redonda Internacional sobre a Lusitânia Romana*. Cascais, 481-493.
- DENEAUVE, J. 1969: *Lampes de Carthage*. París.
- DESBAT, A. 2003: «La gestion des déchets en milieu urbain: l'exemple de Lyon à la période romaine», P. Ballet; P. Cordier; N. Dieudonné-Glad (dirs.), *Le ville et ses déchets dans le monde romain: rebuts et recyclages. Actes du Colloque de Poitiers (19-21 septembre 2002)*. Montagnac, 117-120.
- DI GIUSEPPE, H.; SERLORENZI, M. (eds.) 2010: *I riti del costruire nelle acque violate*, (Roma, 2008). Roma.
- DIDIERJEAN, F.; NEY, C.; PAILLET, J.L. 1986: *Belo III. Le macellum*. Madrid.
- DÍES CUSÍ, E.; ESCRIVÀ TORRES, V.; RIBERA I LACOMBA, A. 1998: «Ampliació urbana de Valentia a partir de l'època flàvia», J. Pardo Pastor; J.M. Nolla Brufau; M. Mayer Olivé (eds.), *De les estructures indígenes a l'organització provincial romana de la Hispània citerior. Homenatge a Josep Estrada i Garriga. Actes de les Jornades Internacionals d'Arqueologia Romana (Granollers, 1987)*. Barcelona, 193-200.
- DYBKJER-LARSEN, J. 1982: «The water towers in Pompeii», *Analecta Romana Instituti Danici* 11, 41-67.
- DIOGO A.M.D. 1993: «Teatro Romano de Lisboa: notícia sobre as actuais escavações», *Cuadernos de Arquitectura Romana* 2, 217-224.
- DIOGO, A.M.D.; TRINDADE, L. 1999: «275- Homenagem a Lucius Cornelius Boccus encontrada nas Termas dos Cássios (Lisboa)», *Ficheiro Epigráfico* 60.
- DIOGO, A.M.D.; TRINDADE, L. 2000: «Vestígios de uma unidade de Transformação do pescado descobertos na Rua dos Fanqueiros, em Lisboa», *Revista Portuguesa de Arqueologia* 3-1, 181-204.
- DIOSONO, F. 2008: *Il legno: produzione e commercio*. Roma.
- DOLCI, N. 1992: «Le fogne di Fano», F. Milesi (ed.), *Fano romana. Mostra storico-archeologica*. Fano, 329-342.
- DOLCI, N. 2000: «La città augustea e infrastrutture urbane di pubblica utilità», M. Luni (ed.), *Studi su Fanum Fortunae*. Urbino, 329-342.
- DOMERGUE, C. 1990: *Les mines de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité romaine*. Roma.
- DOMERGUE, C. 2008: *Les mines antiques: la production des métaux aux époques grecque et romaine*. Paris.
- D'ORS, A. 1986: *La ley Flavia municipal. Texto y comentario*. Roma.
- D'ORS, A.; D'ORS, J. 1988: *Lex Irnitana (Texto bilingüe)*. Santiago de Compostela.
- DUPRÉ RAVENTÓS, X.; REMOLÀ VALLVERDÚ, J.A. (eds.) 2000: *Sordes Urbis: la eliminación de residuos en la ciudad romana: actas de la reunión de Roma (15-16 noviembre de 1996)*. Roma.
- DUPRÉ RAVENTÓS, X.; REMOLÀ VALLVERDÚ, J.A. 2000a: «Sordes urbis, per concludere...», X. Dupré Raventós; J.A. Remolà Vallverdú (eds.), *Sordes Urbis: la eliminación de residuos en la ciudad romana: actas de la reunión de Roma (15-16 noviembre de 1996)*. Roma, 95-105.
- DUPRÉ RAVENTÓS, X.; REMOLÀ VALLVERDÚ, J.A. 2002: «A propósito de la gestión de los residuos urbanos en Hispania», *Romula* 1, 39-56.
- DURÁN CABELLO, R.M. 2004: *El teatro y al anfiteatro de Augusta Emerita. Contribución al conocimiento histórico de la capital de Lusitania*, BAR Int.Ser. 1207. Oxford.

- DURAN I SANPERE, A. 1973: *Barcelona i la seva història. La formació d'una gran ciutat*. Barcelona.
- EGEA VIVANCOS, A. 2002: «Características principales del sistema de captación, abastecimiento, distribución y evacuación de agua de Carthago Nova», *Empúries* 53, 13-28.
- EGEA VIVANCOS, A. 2003: «Ingeniería hidráulica romana en Carthago Nova: Las cisternas», *Mastia* 2, 109-127.
- EGEA VIVANCOS, A. 2004: «Ingeniería hidráulica romana en Carthago Nova: Las cloacas», *Mastia* 3, 71-94.
- EGEA VIVANCOS, A. DE MIQUEL SANTED, L.E.; MARTÍNEZ SÁNCHEZ, M.A.; HERNÁNDEZ ORTEGA, R. 2006: «Evolución urbana de la zona «Morería». Ladera occidental del Cerro del Molinete (Cartagena)», *Mastia* 5, 11-59.
- ESCRIVÀ TORRES, V. 1989: *Cerámica romana de Valentia. La Terra Sigillata Hispánica*, Serie Arqueológica Municipal 8. Valencia.
- ESCRIVÀ TORRES, V. 1990: «C/ del Mar, 19. València, l'Horta», *Excavacions arqueològiques de salvament a la Comunitat Valenciana 1984-1988. I. Intervencions urbanes*. Valencia, 183-185.
- ESCUDERO, F. de A.; GALVE IZQUIERDO, M.P. 2003: «El teatro de Caesaraugusta. Espacios y formas», I. Rodà de Llanza; O. Musso (dirs.), *El teatro romano. La puesta en escena. Catálogo de la exposición*. Zaragoza, 75-86.
- ESCUDERO, F. de A.; GALVE IZQUIERDO, M.P. 2006: «Vista de Caesaraugusta», A.L. Sánchez Montes; S. Rascón Marqués (eds.), *Civilización. Un viaje a las ciudades de la España antigua. Catálogo de la exposición*. Alcalá de Henares, 189-197.
- ESCUDERO, F. de A.; SUS, M.L. de 2003: «La muralla romana de Zaragoza», F. Cadiou, D. Hourcade y A. Morillo (coords.), *Defensa y territorio en Hispania de los Escipiones a Augusto, Espacios urbanos y rurales, municipales y provinciales* (Madrid, 19-20 marzo 2001). León-Madrid, 391-425.
- ESCUDERO, F. de A., HERNÁNDEZ VERA, J.A.; NÚÑEZ MARCÉN, J. 2007: «Arquitectura oficial», F. Beltrán Lloris (coord.), *Ciudades romanas de Hispania. Las capitales provinciales 4*. Zaragoza. *Colonia Caesar Augusta*. Roma, 43-56.
- ETIENNE, R.; ALARCÃO, J. 1977: *Fouilles de Conimbriga*, vol. 1. Paris.
- FARIA, A. 1995: «Plínio-O-Velho e os estatutos das cidades privilegiadas Hispano-Romanas localizadas no actual território português», *Vipasca. Arqueologia e História* 4, 89-99.
- FEAR, A.T. 1996: *Rome and Baetica: urbanization in southern Spain, c. 50 BC-AD 150*. Oxford.
- FEDELLI, P. 1990: *La natura violata. Ecologia e mondo romano*. Palermo.
- FEIJOO MARTÍNEZ, S. 2000: «Generación y transformación del espacio urbano romano de Augusta Emerita al exterior de la muralla», *Mérida excav. arqueol.* 1998 4, 571-581.
- FEIJOO MARTÍNEZ, S.; ALBA CALZADO, M. 2008: «Consideraciones sobre la fundación de Augusta Emerita», *IV Congreso de las Obras Públicas en la Ciudad Romana (Lugo-Guitiriz, 2008)*. Madrid, 97-124.
- FEISSEL, D. 1985: «Deux listes de quartiers d'Antioche astreints au creusement d'un canal (73-74 ap.J.-C.)», *Syria* 62, 77-103.
- FERNANDES, L. 1997: *Os capitéis da Lusitânia Central*. Dissertação de Mestrado em História da Arte na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (policopiado). Lisboa.
- FERNÁNDEZ CASADO, C. 1972: *Acueductos romanos en España*. Madrid.
- FERNÁNDEZ ESPINOSA, T.; SÁNCHEZ GIL DE MONTES, J. 2010: *Informe de la intervención arqueológica al c/ Termes Romanes nº 3, connexió Termes Romanes amb l'àrea arqueològica de la plaza de Font i Cussó (Badalona, Barcelonès), 2009*. Badalona, inédito.
- FERNÁNDEZ FREILE, B.E. 2003: *León I. La época romana en León: aspectos arqueológicos. Estudio arqueológico de un vertedero romano situado en la C/ Maestro Copín c/v San Salvador del Nido en la ciudad de León*. León.
- FERNÁNDEZ GARCÍA, M.; RUIZ MONTES, P. 2005: «Sigillata hispana de origen bético», M. Roca Roumens; M.I. Fernández García (coords.), *Introducción al estudio de la cerámica romana: una breve guía de referencia*. Málaga, 139-182.
- FERNÁNDEZ GÓMEZ, F. 1998: *Las excavaciones de Itálica y Don Demetrio de los Ríos a través de sus escritos*. Córdoba.
- FERNÁNDEZ MATALLANA, F.; ZAPATA PARRA, J.A. 2005: «Excavación arqueológica de urgencia en el solar de la calle Jara nº 26 de Cartagena», *XVI Jornadas de Patrimonio Histórico. Intervenciones en el Patrimonio arquitectónico, Arqueológico y Etnográfico de la Región de Murcia*. Murcia, 283-284.
- FERNÁNDEZ MATALLANA, F.; ZAPATA PARRA, J.A.; TERCERO GARCÍA, J.A. 2007: «Excavación arqueológica de urgencia en la calle Honda número 17 de Cartagena», *XVIII Jornadas de Patrimonio Cul-*

- tural. Intervenciones en el Patrimonio Arquitectónico, Arqueológico y Etnográfico de la Región de Murcia*. Murcia, 125-127.
- FERNÁNDEZ VEGA, P.A. 1994: «Las áreas periurbanas de las ciudades altoimperiales romanas. Usos del suelo y zonas residenciales», *Hispania Antiqua* XVIII, 141-158.
- FERNÁNDEZ VEGA, P.A. 2003: *La casa romana*. Madrid.
- FERNÁNDEZ-HENAREJOS JIMÉNEZ D.; LÓPEZ ROSIQUE, C.; BERROCAL CAPARRÓS, M.C. 2005: «Excavación arqueológica de urgencia en el solar situado en la C/ Serreta nº 3-7 y C/ San Vicente nº 10-18, en Cartagena», *XIV Jornadas de Patrimonio Histórico y Arqueología de la Región de Murcia*. Murcia, 64-66.
- FERRER ÁLVAREZ, C.; SÁNCHEZ GIL DE MONTES, J. 2010: *Informe de la intervenció arqueològica a la plaça Font i Cussó (Badalona, Barcelonès)*. Agost-Novembre de 2009. Badalona, inédito.
- FILIPE, V. 2009: *As ânforas do teatro romano de Lisboa*. Dissertação para a obtenção do grau de Mester em Arqueologia e Pré-História na Faculdade de Letras de Lisboa (policopiado). Lisboa.
- FILIPE, V.; CALADO, M. 2007: «Ocupação romana no Beco do Marquês de Angeja, Alfama: evidências de estruturas termas junto da porta Nascente de Olisipo», *Almadan II Série-15* (Adenda electrónica-IX).
- FONT I CUSSÓ, J. 1980: *Joaquim Font i Cussó: 62 articles*. Badalona.
- FORBES, R.J. 1964-72: *Studies in ancient technology*. Leiden.
- GALVE IZQUIERDO, M.P. 1991: «Arqueología urbana en Zaragoza. Calle Predicadores 24-26», *Arqueología Aragonesa* 10, 289-291.
- GALVE IZQUIERDO, M.P. 2004: «Una ciudad consolidada: *Caesaraugusta* a mediados del siglo I», A. Álvarez Gracia, *Zaragoza. Visiones de una ciudad*. Zaragoza, 15-33.
- GALVE IZQUIERDO, M.P. 2009: *La necrópolis occidental de Caesaraugusta en el siglo III*, (*Calle Predicadores 20-30, Zaragoza*). Zaragoza.
- GALVE IZQUIERDO, M.P.; ERICE LACABE, R. 1991: «Arqueología en Zaragoza. Calle de Santiago, 14-20», *Arqueología Aragonesa 1986-1987*. Zaragoza, 293-294.
- GALVE IZQUIERDO, M.P.; PARACUELLOS MASSARO, P.A. 2000: «Ánfora de *muria* hallada en *Caesaraugusta*», *Salduie* 1, 241-246.
- GALVE IZQUIERDO, M.P.; BLANCO MORTE, A.; CEBOLLA BERLANGA, J.L. 2007: *La calle Alfonso I de Zaragoza: hallazgos arqueológicos durante las obras de peatonalización en 2001*. Cuadernos de Zaragoza 69. Zaragoza.
- GALVE IZQUIERDO, M.P.; AGUAROD OTAL, M.C.; ESCUDERO, F. DE A.; PARACUELLOS MASSARO, P.A. 1996: *Los antecedentes de Caesaraugusta. Estructuras domésticas de Salduie (calle Don Juan de Aragón, 9 Zaragoza)*. Zaragoza.
- GAMBARO, L. 2002: «Luna», J.L. Jiménez Salvador; A. Ribera i Lacomba (eds.), *Valencia y las primeras ciudades romanas de Hispania*, Grandes Temas Arqueológicos 3. Valencia, 71-80.
- GARCÍA GARCÍA, M.A. 2007 «*El Castellum Aquae de Hispalis*», *La Catedral en la Ciudad (III)*, *Los caños y los difuntos*. Sevilla, 5-20.
- GARCÍA GARRIDO, M.J. 2000: *Diccionario de jurisprudencia romana*. Madrid.
- GARCÍA I LLINARES, G.; MORO GARCÍA, A.; TUSET BERTRÁN, F. 2009: *La seu episcopal d'Egara. Arqueologia d'un conjunt cristià del segle IV al IX*, Documenta 8. Tarragona.
- GARCÍA MARCOS, V.; VIDAL ENCINAS, J. (1996): «*Asturica Augusta*: recientes investigaciones sobre su implantación y desarrollo urbano», *Los Finisterres atlánticos en la Antigüedad*. Gijón, 135-155.
- GARCÍA MARCOS, V.; MORILLO CERDÁN, A.; CAMPOMANES, E. 2007: «Nuevos planteamientos sobre la cronología del recinto defensivo de *Asturica Augusta* (Astorga, León)», *Congreso Internacional La Hispania de Teodosio*, vol. 2. Segovia, 515-531.
- GARCÍA SÁNCHEZ, J. 1975: *Teoría de la immissio*. Madrid.
- GARCÍA-DILS DE LA VEGA, S. 2009: *Intervención Arqueológica Puntual en el patio norte de la Iglesia Mayor de la Santa Cruz de Écija - Sevilla. Memoria preliminar*. Informe inédito depositado en la Delegación Provincial de la Consejería de Cultura de la Junta de Andalucía en Sevilla.
- GARCÍA-DILS DE LA VEGA, S. 2010: «El urbanismo de *colonia Augusta Firma Astigi* (Écija – Sevilla). Muralla, viario y red de saneamiento», *Romula* 9, 85-116.
- GARCÍA-DILS DE LA VEGA, S.; ORDÓÑEZ AGULLA, S. 2006: «*Colonia Augusta Firma*: viario y espacios forenses. Anexo: Actualización de la *Carta Arqueológica Municipal de Écija (C.A.M.E.)*», *Astigi Vetus* 2, 7-49.
- GARCÍA-DILS DE LA VEGA, S.; SÁEZ FERNÁNDEZ, P.; ORDÓÑEZ AGULLA, S.; GARCÍA VARGAS, E. 2004: «Plaza de Armas de Écija. Recuperación de un espacio urbano marginal», *Actas del II Congreso Internacional sobre Fortificaciones. Conservación y difusión de entornos fortificados (Alcalá de Guadaíra, 2003)*. Alcalá de Guadaíra, 63-77.

- GARCÍA-DILS DE LA VEGA, S.; ORDÓÑEZ AGULLA, S.; RODRÍGUEZ GUTIÉRREZ, O. 2007: «Nuevo templo augusteo en la colonia Augusta Firma Astigi (Écija – Sevilla)», *Romula* 6, 75-114.
- GARCÍA-DILS DE LA VEGA, S.; ORDÓÑEZ AGULLA, S.; RODRÍGUEZ GUTIÉRREZ, O. 2009: «La casa del *Oscillum* en Astigi. Aspectos edilicios», R. Cruz-Auñón Briones; E. Ferrer Albelda (coord.), *Estudios de Prehistoria y Arqueología en homenaje Pilar Acosta Martínez*. Sevilla, 521-544.
- GARCÍA-ENTERO, V. 2005: Los *balnea* domésticos –ámbito rural y urbano– en la *Hispania* romana, Anejos de AEspA XXXVII. Madrid.
- GARCÍA Y BELLIDO, A. 1960: *Colonia Aelia Augusta Italica*. Madrid.
- GARNEY, P. 1976: «Urban property investment», M.I. Finley (ed.), *Studies in Roman property*. Cambridge, 123-136.
- GARRIGUET MATA, J.A. 1999: «Reflexiones en torno al denominado Foro de Altos de Santa Ana y los comienzos del culto dinástico en Colonia Patricia Corduba», *AAC* 10, 87-113
- GASPAR, A.; GOMES, A. 2007: «As muralhas de Olisipo - o troço junto ao Tejo», A. Rodríguez Colmenero; I. Rodà de Llanza (eds.), *Murallas de ciudades romanas en el occidente del imperio. Lucus Augusti como paradigma*. Lugo, 687-697.
- GELICHI, S. 2000: «L'eliminazione dei rifiuti nelle città romane del Nord Italia tra antichità ed altomedioevo», X. Dupré Raventós; J.A. Remolà Vallverdú (eds.), *Sordes Urbis: la eliminación de residuos en la ciudad romana: actas de la reunión de Roma (15-16 noviembre de 1996)*. Roma, 13-23.
- GENIN, M. 2007: *La Graufesenque (Millau, Aveyron). Sigillées lisses et autres productions*, vol. II. Santander.
- GIL, M.S. LINEROS, R.; CARDENETE, R.; GÓMEZ, T.; RODRÍGUEZ, I., 1987: «Informe de las excavaciones arqueológicas en el solar de José Arpa num. 3 (Carmona, Sevilla)», *AAA* 1986, III. Sevilla, 361-370.
- GIMENO MARTÍNEZ, B. 2007 (coord.): *Arqueología Aragonesa 1995-2005*. (Libro y CD-ROM). Zaragoza.
- GIMENO MARTÍNEZ, B. 2008 (coord.): *Arqueología Aragonesa 2006*. (CD-ROM). Zaragoza.
- GOGUEY, D. 2001-2002: «Nuisances urbaines selon les auteurs latins. Confrontation avec les données de quelques villes gallo-romaines», *Caesarodunum* XXXV-XXXVI, 255-273.
- GOLVIN, J.C. 1988: *L'Amphithéâtre romain*. Paris.
- GÓMEZ ESPELOSÍN, F.J.; PÉREZ LARGACHA, A.; VALLEJO GIRVÉS, M. 1994: *Tierras fabulosas de la Antigüedad*. Alcalá de Henares.
- GÓMEZ SUCEDO, M.T. 2004: «Excavaciones arqueológicas de urgencia en c/ San Marcos nº 2 de Carmona (Sevilla)», *AAA* 2001, III. Sevilla, 878-890.
- GÓMEZ URDÁÑEZ, C. 1997: «La empresa de Pedro Cerbuna y la Arquitectura de su tiempo», A. San Vicente; E. Serrano (coords.), *Memorial de la Universidad de Zaragoza por Pedro Cerbuna de Fonz, en el IV centenario de su muerte 1597-1997 (Catálogo de la Exposición y Estudios)*. Zaragoza, 41-63.
- GONZÁLEZ ACUÑA, D. 2007: *Forma Urbis Hispalenses. El urbanismo de la ciudad romana de Hispalis a través de los testimonios arqueológicos*. Tesis doctoral inédita, Universidad de Sevilla.
- GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, E. 2008: «El abastecimiento de agua y la red de saneamiento en *Lucus Augusti* (Lugo)», *IV Congreso de las Obras Públicas en la Ciudad Romana (Lugo-Guitiriz, 2008)*. Madrid, 191-209.
- GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, E.; CARREÑO GASCÓN, M.C. 1998: «La capital del extremo noroeste hispánico: *Lucus Augusti* y su tejido urbano a la luz de las últimas intervenciones arqueológicas», A. Rodríguez Colmenero (coord.), *Los orígenes de la ciudad en el noroeste Hispánico. Actas del Congreso Internacional (Lugo 15-18 de mayo de 1996)*. Lugo, 1171-1208.
- GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, E.; CARREÑO GASCÓN, M.C. 2007: «Las puertas romanas de la muralla de Lugo. Los datos arqueológicos», A. Rodríguez Colmenero; I. Rodà de Llanza (eds.), *Murallas de ciudades romanas en el occidente del imperio. Lucus Augusti como paradigma*. Lugo, 257-280.
- GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, E.; FERRER SIERRA, S.; HERVÉS RAIGOSO, F.; ALCORTA IRASTORZA, E.; 2002: «Muralla romana de *Lucus Augusti*: nuevas aportaciones a su estudio y conocimiento», A. Morillo Cerdán (coord.), *Arqueología Militar Romana en Hispania*, Anejos de Gladius 5. Madrid, 591-608.
- GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, J. 1986: «The lex Iritana: a new copy of the Flavian Municipal Law», *JRS* LXXVI, 147-243.
- GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, J. 1991: *Corpus de inscripciones latinas de Andalucía II, Sevilla, 2*. Sevilla.
- GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, R. 1997: *Las estructuras ideológicas del Código de Justiniano*, Anejos de Antigüedad y Cristianismo IV, Murcia.
- GONZÁLEZ SOUTELO, S.; CARREÑO GASCÓN, M.C. 2008: «Evidencias de un posible complejo termal público en la ciudad romana de *Lucus Augusti*», *Actas do IV Congreso de Arqueología Peninsular (Faro, 2004)*. Faro, 233-239.

- GONZÁLEZ TASCÓN, I.; VELÁZQUEZ, I. 2005: *Ingeniería romana en Hispania. Historia y técnicas constructivas*. Madrid.
- GONZÁLEZ TASCÓN, I.; VÁZQUEZ DE LA CUEVA, A. Y RAMÍREZ SÁDABA, J.L. 1994: *El acueducto romano de Caesar Augusta, según el manuscrito de Juan Antonio Fernández (1752-1814)*. Oviedo.
- GOUDINEAU, C. 1968: *La céramique arétine lisse (Fouilles de l'École Française de Rome à Bolsena (Poggio Moscini) 1962-1967)*, vol. IV, *Melanges d'Archéologie et d'Histoire Supplement 6*. Roma.
- GRIMAL, P. 1969: *Les Jardins Romains*, Paris.
- GUILLERMO MARTÍNEZ, M. 2003: «Antigua Fábrica de La Luz, Cartagena», *XIV Jornadas de Patrimonio Histórico y arqueología de la Región de Murcia*. Murcia, 79-81.
- GUIRAL PELEGRÍN, C. 1997: «Un basurero romano en Madrid», *Espacio, tiempo y forma, Serie I, Prehistoria y arqueología* 10, 479-525.
- GUITART DURÁN, J. 1994: «Un programa de fundacions urbanes a la Hispania Citerior del principi del segle I a.C.», *La ciutat en el món romà. XIV Congrés Internacional d'Arqueologia Clàssica*, Vol I. Tarragona, 205-213.
- GUITART DURÁN, J.; PADRÓS MARTÍ, P.; FONOLLÀ, A. 1994: «Aproximació a l'esquema urbanístic fundacional de la ciutat romana de Baetulo (Badalona)», *La ciutat en el món romà. XIV Congrés Internacional d'Arqueologia Clàssica*, Vol II. Tarragona, 188-191.
- GURT ESPARRAGUERA, J.M. 2000-2001: «Transformaciones en el tejido de las ciudades hispanas durante la Antigüedad Tardía: dinámicas urbanas», *Zephyrus* 53-54, 443-471.
- GURT ESPARRAGUERA, J.M.; HIDALGO PRIETO, R. 2005: «L'urbanisme a la ciutat hispana al llarg de l'Antiguitat Tardana», *VI Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica (Valencia, 2003)*. Barcelona, 121-150.
- GUTIÉRREZ GONZÁLEZ, F.J. 2009: «La excavación arqueológica del nº 8 de la calle Cinco de Marzo (patio de la Diputación Provincial de Zaragoza). Primera fase». *Salduie* 6, 350-387.
- GUTIÉRREZ LLORET, S. 1993: «De la civitas a la *madina*: destrucción y formación de la ciudad en el sureste de Al-Andalus. El debate arqueológico», *IV Congreso de Arqueología Medieval Española*, vol. I. Alicante, 13-35.
- GUTIÉRREZ LLORET, S. 1996: «Le città della Spagna tra romanità e islamismo», G.P. Brogiolo (ed.), *Early Medieval Towns in the Western Mediterranean (Ravello, 1994)*, Documenti di Archeologia 10. Mantova, 55-66.
- GUTIÉRREZ LLORET, S.; ABAD CASAL, L. 2001: «Fortificaciones urbanas altomedievales del Tolmo de Minateda (Hellín, Albacete, España): el baluarte occidental», *Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500): Actas do simpósio Internacional sobre Castelos*. Lisboa Palmela, 133-143.
- HANOUNE, R. 2001-2002: «*Amoenitas urbium?* Quelques textes en réaction», *Caesarodunum* XXXV-XXXVI, 287-293.
- Heraldo de Aragón* 2009: «Descubiertos restos árabes y romanos en el solar del antiguo cine Goya». Zaragoza, 10 (11 de Septiembre).
- HERAS MORA, F.J.; OLMEDO GRAGERA, A.B. (en prensa): «Dos nuevos monumentos funerarios en Augusta Emerita. Primer avance de los resultados de la intervención de la calle Almendralejo nº 41, Mérida (Badajoz, España)», *Actas del XVII International Congress of Classical Archaeology: «Meetings between cultures in the Ancient Mediterranean» (Roma, 22 a 26 de septiembre de 2008)*.
- HERAS MORA, F.J.; PEÑA JURADO, A. 2011: «Un taller de reciclado de mármoles en Mérida. Su valoración histórica a través de los residuos de talla», *Roma y las provincias: modelo y difusión*. Vol. II Roma, 1047-1052.
- HERNÁNDEZ DÍAZ, J.; SANCHO CORBACHO, A.; COLLANTES DE TERÁN, F. 1951: *Catálogo arqueológico y artístico de la provincia de Sevilla*, tomo III. Sevilla.
- HERNÁNDEZ-GASCH, J. 2005: «The Castellum of Barcino: from its Early Roman Empire origins as a monumental public place to the Late antiquity fortress», *Quarhis* 2, 74-91.
- HERNÁNDEZ ORTEGA, R. 2008: «Intervención arqueológica en la calle Campos, nº 9. Cartagena», *XIX Jornadas de Patrimonio Histórico*. Murcia, 267-268.
- HERNÁNDEZ PARDOS, A. en prensa: «Los vidrios romanos del P.E.R.I. C/ Las Armas de Zaragoza», *II Jornadas sobre el vidrio romano en Hispania (La Granja [Segovia], 8-9 noviembre 2007)*.
- HERNÁNDEZ RAMÍREZ, J. 1998: «Las cloacas de Emerita Augusta», *Congreso Ciudades históricas vivas, ciudades del pasado: pervivencia y desarrollo (Mérida, enero 1997)*, vol. 2. Mérida, 433-448.
- HERNÁNDEZ RAMÍREZ, J. 1998a: *Augusta Emerita. Estructura urbana*. Badajoz.
- HERNÁNDEZ VERA, J.A.; NÚÑEZ MARCÉN, J. 2000: «La ordenación del espacio de la Zaragoza prerromana y romana», *Salduie*, 181-202.

- HERREROS HERNÁNDEZ, A. 1995: *Estudio del material anfórico de la plaza del Negrito*, Beca de Catalogación de Fondos Arqueológicos Municipales. Valencia.
- HESNARD, A. 1980: «Un dépôt augustéen d'amphores à la Longarina, Ostie», *MemAmAc* XXXVI, 141-156.
- HIDALGO PRIETO, R. 1993: «Nuevos datos sobre el urbanismo de Colonia Patricia Corduba: excavación arqueológica en la calle Ramírez de las Casas-Deza 13», *AAC* 4, 91-134.
- HIDALGO PRIETO, R. 1996: *Espacio público y espacio privado en el conjunto palatino de Cercadilla (Córdoba): el aula central y las termas*. Sevilla.
- HOBSON, B. 2009: *Latrinae et foricae. Toilets in the Roman World*. London.
- HOBSON, B. 2009a: *Pompeii, Latrines and Down Pipes. A Discussion and Photographic Record of Toilet Facilities in Pompeii*, BAR S2041. Oxford.
- HODGE, A.T. 1992: *Roman aqueducts and water supply*. London.
- HODGES, R.; WHITEHOUSE, D. 1983: *Mohammed, Charlemagne and the Origins of Europe*. London.
- HOFFMAN, M.A. 1974: «The social context of trash disposal in an Early Dynastic Egyptian town», *American Antiquity* 39, 35-50.
- HOPE, V.M.; MARSHALL, E. (eds.) 2000: *Death and disease in the ancient city*. London.
- HOPKINS, J.N.N. (2007): «The Cloaca Maxima and the monumental manipulation of water in Archaic Rome», *The Waters of Rome* 4.
- HUGHES, J.D. 1975: *Ecology in Ancient Civilizations*. Albuquerque (N.M.).
- HUGHES, J.D. 1994: *Pan's Travail. Environmental Problems of the Ancient Greeks and Romans*. Baltimore.
- HUGUET ENGUITA, E. 2006: «La ceràmica fina d'època romana de l'abocador de la Plaça del Negret (València)», *APL* XXVI, 349-380.
- ÍÑIGUEZ ALMECH, F. 1959: «La Muralla romana de Zaragoza», *V Congreso Nacional de Arqueología (Zaragoza, 1957)*. Zaragoza, 253-268.
- IZQUIERDO, P. 1997: «Barcino i el seu litoral: una aproximació a les comunicacions marítimes d'època antiga a la Laietànie», J. Roca (ed.), *La formación del cinturó industrial de Barcelona*, vol. 1. Barcelona, 13-21.
- JAILLETE, P. 2005: «Il n'y a plus de saisons: lieu commun, climat et décadence dans la Antiquité tardive», *Caesarodunum* XXXIX, 309-335.
- JANSEN, G.C.M. 1991: «Water systems and sanitation in the houses of Herculaneum», *Mededelingen van het Nederlands Instituut te Rome* 50, 145-166.
- JANSEN, G.C.M. 1997: «Private Toilets at Pompeii: Appearance and Operation», *Sequence and Space in Pompeii*. Oxford, 121-134.
- JANSEN, G.C.M. 2000: «Systems for the Disposal of Waste and Excreta in Roman Cities. The Situation in Pompeii, Herculaneum and Ostia», X. Dupré Raventós; J.A. Remolà Vallverdú (eds.), *Sordes Urbis: La eliminación de residuos en la ciudad romana. Actas de la reunión de Roma (15-16 de noviembre de 1996)*. Roma, 37-49.
- JANSEN, G.C.M. (ed.) 2000a: *Cura Aquarum in Sicilia*. Leiden.
- JASHEMSKI, W.F. 1979: *The gardens of Pompeii, Herculaneum and the Villas destroyed by Vesuvius*. New Rochelle (N.Y.).
- JIMÉNEZ FERNÁNDEZ, M.C. 2002: *Baetulo. La ceràmica de vernís negre. Una contribució a l'estudi de la romanització a la Laietana*. Badalona.
- JIMÉNEZ HERNÁNDEZ, A.; BUZÓN ALARCÓN, M.; CARRASCO GÓMEZ, I. 2006: «Hallazgo de una calzada romana en la excavación arqueológica realizada en c/ Tello nº2 (Écija)», *Astigi Vetus* 2, 51-54.
- JIMÉNEZ HERNÁNDEZ, A.; BUZÓN ALARCÓN, M.; CARRASCO GÓMEZ, I. 2009: «Actividad Arqueológica Preventiva en c/ Tello nº 2. Écija (Sevilla)», *AAA 2004*, I. Sevilla, 3188-3194.
- JIMÉNEZ MARTÍNEZ, A. 1973: «Los acueductos de Baelo Claudia (Bolonía, Cádiz)», *Habis* 4, 273-293.
- JIMÉNEZ SALVADOR, J.L.; RIBERA I LACOMBA, A. 2005: «La topografía religiosa de Valentia romana», *Historia de la Ciudad IV. Memoria Urbana*. Valencia, 17-34.
- JIMÉNEZ SALVADOR, J.L.; RUIZ LARA, M.D.; MORENO ALMENARA, M. 1996: «Nuevos avances en el conocimiento sobre el urbanismo de Colonia Patricia Corduba en el sector ocupado por el templo romano», *AAC* 7, 115-140.
- JIMÉNEZ SANCHO, A. 2010: «Intervención Arqueológica Preventiva en Plaza de la Constitución nº 11, Santiponce (Sevilla)», *AAA 2005*. Sevilla, 3042-3055.
- JIMÉNEZ SANCHO, A. en prensa: «Seguimiento Arqueológico en c/ Nuestra Señora del Rosario, 24 (Santiponce, Sevilla)», *AAA 2008*. Sevilla.
- JOLIVET, S. 2008: *Historique de la gestion des déchets à Dijon. Catalogue*. Dijon.
- JOLIVET, V. 1997: «Croissance urbaine et espaces verts à Rome», C. Virlouvet (ed.), *La Rome impériale. Démographie et logistique*. Roma, 193-208.
- JORDÁN MONTES, J. 1996: «Espacio sagrado, espacio profano en la mentalidad del emperador Honorio», *Actas de las Jornadas La sede de Elo 1400 años de su fundación. «El Espacio religioso y profa-*

- no en los territorios urbanos de Occidente (siglos v-vii)*» (*Elda, abril 1991*), *Alebus* 6, 289-318.
- JORDÁN FUENTES, J. 1997: «Las curias en el reinado de Honorio (395-423 d.C.). Tradición y mutación en el mundo urbano de la Tardoantigüedad», *Antigüedad y Cristianismo* XIV, 97-113
- JULIÀ, R.; RIERA, S. 2010: «Usos del sòl i activitats productives a Barcelona a partir de l'anàlisi paleoambiental de la llacuna litoral medieval del Pla de Palau», *Quarhis* 6, 165-177.
- KEMP, B.J. 1984: *Amarna Reports I*. London.
- KEMP, B.J. 1996: *El antiguo Egipto*. Barcelona.
- KNAPP, R. 1986: «La Vía Heraklea», *Emerita* 59.1, 102-122.
- KOPPEL, E.M.; RODÀ DE LLANZA, I. 2007: «La escultura», F. Beltrán Lloris (coord.), *Ciudades romanas de Hispania. Las capitales provinciales 4. Zaragoza. Colonia Caesar Augusta*. Roma, 109-122.
- KRAUTHEIMER, R. 2002: *Tre capitali cristiane. Topografi a e politica*. Milano.
- LA FIGUERA, L. de 1927: «El monasterio del Santo Sepulcro de Zaragoza», *Arquitectura* 95 (año IX), 83-90.
- LA ROCCA HUDSON, C. 1986: «Dark Ages a Verona. Edilizia privata, aree aperte e strutture pubbliche in una città dell'Italia settentrionale», *Archeologia Medievale* 13, 31-78.
- LAÍZ REVERTE, M.D., BERROCAL CAPARRÓS, M.C. 1991: «Un vertedero tardío en C/ Duque, 33». Arte, sociedad, economía y religión durante el Bajo Imperio y la Antigüedad Tardía, *Antigüedad y Cristianismo* VIII, 321-340.
- LANCHA, J.; LE ROUX, P.; ROUILLARD, P. 1982: «Chronique. La dix-septième campagne de fouilles de la Casa de Velázquez à Belo en 1982 (Bolonía, province de Cadix)», *Mélanges de la Casa de Velázquez* XIX, I, 401-432.
- LANCIANI, R. 1888: *Ancient Rome in the Light of Recent Discoveries*. Boston-New York.
- LAUBENHEIMER, F. 1991: «Les vides sanitaires et les amphores de la Porte d'Orée à Frejus», *Gallia* 48, 229-266.
- LE GALL, M.J. 1970: «Les rites de fondation des villes romaines», *Bulletin de la Société Nationale des Antiquaires de France*, 292-307.
- LE ROUX, P. 1995: *Romains d'Espagne. Cités et politique dans les provinces II siècle av. JC - III siècle ap. JC*. Paris.
- LECHUGA GALINDO, M. 1993: «La presencia púnica en Cartagena. Testimonios Numismáticos», *Home-natge al Dr. Leandre Villaronga*, Acta Numismática 21-22-23. Barcelona, 155-165.
- LEÓN ALONSO, P. 1977-78: «Notas sobre técnica edilicia en Itálica», *AEspA* 50-51, 143-163.
- LEÓN ALONSO, P. 1982: «Calle de Santo Domingo», *Itálica (Santiponce, Sevilla)*, EAE 121. Madrid, 243-255.
- LEPELLEY, G. 1994: «Le musée des statues divines. La volonté de sauvegarder le patrimoine artistique païen à l'époque théodosienne», *Cah. Archeol.* 42, 5-15.
- LEVEAU, Ph. 1992: «L'eau dans les villes d'Aquitaine», *Villes et agglomérations urbaines antiques du Sud-Ouest de la Gaule. Histoire et archéologie (Bordeaux, 13-15 septembre 1990)*. Bordeaux, 259-281.
- LÉVI-PROVENÇAL, E. 1938: *La Péninsule Ibérique au Moyen Âge d'après le Kitāb ar-rawḍ al-Mi'mār fī ḥabar al-aḡṭār d'Ibn 'Abd al-Mun'im al-Ḥimyarī*. Leiden.
- LEWIS, A.D.E. 1989: «Ne quis in oppido aedificium detegito», J. González Fernández (ed.), *Estudios sobre Urso Colonia Iulia Genetiva*. Sevilla, 41-56.
- LEWIS, N. 1983: *Life in Egypt under Roman rule*. Oxford.
- LIEBESCHUETZ, W. 2000: «Rubbish Disposal in Greek and Roman Cities», X. Dupré Raventós; J.A. Remolà Vallverdú (eds.): *Sordes Urbis. La eliminación de residuos en la ciudad romana. Actas de la reunión de Roma (15-16 de noviembre de 1996)*. Roma, 51-61.
- LINEROS, R. 2005: «Urbanismo romano de Carmona I», *CAREL* 3, 987-1033.
- LINEROS, R.; DOMÍNGUEZ, E. 1987: «Excavaciones arqueológicas de urgencia en Carmona (Sevilla)», *AAA 1985*, III. Sevilla, 326-329.
- LÓPEZ FLORES, I.; TINOCO MUÑOZ, J. 2007: «Resultados antropológicos de campo de la necrópolis romana hallada en c/ Bellidos, 18 (Écija, Sevilla)», *Caesaraugusta* 78, 609-630.
- LÓPEZ MELERO, R. 1997: «Enterrar en Urso (Lex Ursonensis LXXIII-LXXIV)», *Studia Historica, Historia Antigua* 15, 105-118.
- LÓPEZ MULLOR, A. 1989: *Las cerámicas romanas de paredes finas en Cataluña*. Barcelona.
- LÓPEZ MULLOR, A.; MARTÍN I MENÉNDEZ, A. 2008: «Las ánforas de la Tarraconense», D. Bernal Casasola, D.; A. Ribera i Lacomba (eds.), *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*, Universidad de Cádiz. Cádiz, 689-724.
- LÓPEZ ROSIQUE, M.C.; BERROCAL CAPARRÓS, M.C. 2002: «Excavaciones arqueológicas de urgencia en c/ San Francisco, nº 8, esquina callejón de Zorrilla (Cartagena)», *XIII Jornadas de Patrimo-*

- nio Histórico y Arqueología de la Región de Murcia*. Murcia, 51-52.
- LÓPEZ ROSIQUE, M.C.; SOLER HUERTAS, B.; BERROCAL CAPARRÓS, M.C. 2001: «Excavación de urgencia en el solar de la calle Jara n.º 17. Cartagena», *XII Jornadas de Patrimonio Histórico y Arqueología Regional*. Murcia, 61-62.
- LUENGO MARTÍNEZ, J.M. 1953: «Astorga (León). Exploración de las cloacas romanas», *Noticiario Arqueológico Hispánico* II, 143-152.
- LUEZAS PASCUAL, R.A.; SÁENZ PRECIADO, M.P. 1989: *La cerámica romana de Varea*. Logroño.
- LUZÓN NOGUÉ, J.M. 1982: «Consideraciones sobre la urbanística de la ciudad nueva de Itálica», *Itálica (Santiponce, Sevilla)*, EAE 121. Madrid, 75-95.
- LUZÓN NOGUÉ, J.M.; MAÑAS ROMERO, I. 2007: «El agua en Itálica: soluciones hidráulicas y abastecimiento de la ciudad», J. Mangas; S. Martínez Caballero (eds.), *El agua y las ciudades romanas*. Móstoles, 237-256.
- LLOBET TRAMUNS, C.; PADRÓS MARTÍ, P. 1987: *Memòria d'excavació d'urgència Carrer Fluvià 33 (Hort Fluvià) Baetulo*. Badalona, inédito.
- MACÍAS LÍÑEZ, M. 1929: *Mérida Monumental y Artística (Bosquejo para su estudio)*. Barcelona (2ª ed.).
- MACÍAS I SOLÉ, J.M.; REMOLÀ VALLVERDÚ, J.A., 2000: «Tarraco visigoda: caracterización del material cerámico del siglo VII d.C», *V Reunión de Arqueología Cristiana Hispánica (Cartagena, 1998)*. Barcelona, 485-497.
- MADRID BALANZA, M.J. 2004: «Primeros avances sobre la evolución urbana del sector oriental de Carthago Nova. PERI CA-4/Barrio Universitario», *Mastia* 3, 31-70.
- MADRID BALANZA, M.J.; NOGUERA CELDRÁN, J.M.; VELASCO ESTRADA, V. 2009: «Baño y ocio: las termas del Foro», *Arx Hasdrubalis. La ciudad reencontrada. Arqueología del Cerro del Molinete/Cartagena*. Murcia, 90-114.
- MADRID BALANZA, M.J.; VIZCAÍNO SÁNCHEZ, J. 2008: «La «Casa del Estudiante», Barrio Universitario de Cartagena (PERI CA-4)», *XIX Jornadas de Patrimonio Cultural de la Región de Murcia*. Murcia, 255-256.
- MADRID BALANZA, M.J.; VIZCAÍNO SÁNCHEZ, J. en prensa: «La necrópolis oriental de Carthago Spartaria. Dinámica de un espacio funerario entre el Bajo Imperio y la Antigüedad Tardía», *Contextos funeraris a la Mediterrània nord-occidental (Segles V-VIII), Taula Rodona Sant Cugat del Vallès, del 1 al 3 de octubre de 2009*.
- MALISSARD, A. 1996: *Los romanos y el agua*. Barcelona.
- MANACORDA, D. 2000: «Sui «mondezzari» di Roma tra antichità e età moderna», X. Dupré Raventós; J.A. Remolà Vallverdú (eds.), *Sordes Urbis: la eliminación de residuos en la ciudad romana: actas de la reunión de Roma (15-16 noviembre de 1996)*. Roma, 63-73.
- MARIMÓN, R. 1980: *Los residuos sólidos urbanos. Análisis de un servicio municipal*. Barcelona.
- MARÍN BAÑO, C. 1996: «Informe de la excavación del solar de la calle Cuatro Santos n.º 17. Cartagena», *Memorias de Arqueología* 5. Murcia, 263-276.
- MARÍN BAÑO, C. 1998: «Segunda intervención arqueológica en la calle Cuatro Santos, n.º. 17, de Cartagena», *Memorias de Arqueología* 7. Murcia, 224-229.
- MARÍN BAÑO, C.; DE MIQUEL SANTED, L.E. 1995: «Obras hidráulicas en Carthago Nova», *XXI Congreso Nacional de Arqueología (Teruel, 1991)*, vol. III. Zaragoza, 1165-1182.
- MARÍN BAÑO, C.; DE MIQUEL SANTED, L.E. 2000: «Niveles tardorromanos y bizantinos en la vertiente septentrional inferior del monte Concepción de Cartagena», *V Reunión de Arqueología Cristiana Hispánica (Cartagena, 1998)*. Barcelona, 363-370.
- MARÍN JORDÁ, C.; MATAMOROS DE VILLA, C. 1994: «Época romana. Desde sus orígenes en la época republicana a la antigüedad tardía», *Hallazgos Arqueológicos en el Palau de les Cortes*. Valencia, 37-275.
- MARÍN JORDÁ, C.; RIBERA I LACOMBA, A. 1999: *Las termas romanas de la Almoína (Valencia)*, Quaderns de difusió arqueològica 3. Valencia.
- MARÍN JORDÁ, C.; RIBERA I LACOMBA, A. 1999a: «Un edificio público bajo-imperial del foro de Valentia», *Revista d'Arqueologia de Ponent* 9, 277-290.
- MARÍN JORDÁ, C.; RIBERA I LACOMBA, A. 2002: «La realidad arqueológica de la fundación de Valencia: magia, basureros y cabañas», J.L. Jiménez Salvador; A. Ribera i Lacomba (eds.), *Valencia y las primeras ciudades romanas de Hispania*, Grandes temas arqueológicos 3, Valencia, 287-297.
- MARÍN JORDÁ, C. Y RIBERA LACOMBA, A. 2010: *Las termas de la época romana republicana de l'Almoína (Valencia)*, Quaderns de difusió arqueològica 7, Valencia.
- MÁRQUEZ MORENO, C., 1998: *La decoración arquitectónica de Colonia Patricia*. Córdoba.
- MÁRQUEZ MORENO, C., 1998a: «Acerca de la función e inserción de las plazas en Colonia Patricia», *Empúries* 51, 63-78.
- MÁRQUEZ PÉREZ, J. 2006: *Los Columbarios: arquitec-*

- tura y paisaje funerario en Augusta Emerita, Ataecina 1. Mérida.*
- MÁRQUEZ PÉREZ, J. 2008: «Las áreas funerarias de Augusta Emerita entre los siglos I y III d.C.», J. Mangas; M.A. Novillo (eds.), *El territorio de las ciudades romanas*. Granada, 443-470.
- MÁRQUEZ PÉREZ, J. 2010: «Los suburbios de Augusta Emerita en perspectiva diacrónica», D. Vaquerizo (ed.), *Las Áreas Suburbanas en la Ciudad Histórica. Topografía, usos, función*. Córdoba, 135-152.
- MÁRQUEZ PÉREZ, J.; PÉREZ MAESTRO, C. 2005: «El primer *puticuli* documentado en Augusta Emerita: contextualización topográfica y cronológica», *Mérida excav. arqueol.* 2002 8, 533-545.
- MÁRQUEZ VILLORA, J.C.; MOLINA VIDAL, J. 2005: *Del Hiberus a Carthago Nova. Comercio de alimentos y epigrafía anfórica grecolatina*, Instrumenta 18. Barcelona.
- MARTIN, S.D. 1989: *The Roman jurists and the organization of private building in the Late Republic and Early Empire*. Bruxelles.
- MARTÍN BUENO, M.; REKLAITYTE, I.; SÁENZ PRECIADO, J.C.; URIBE AGUDO, P. 2007: «Baños y letrinas en el mundo romano: el caso del *Balneum* de la *Domus 1* del barrio de las termas de *Bilbilis*», *Zephyrus* 60, 221-239.
- MARTÍN CAMINO, M. 1986: «*Carthago Nova*, la andadura romana», *Historia de Cartagena IV**. Murcia, 359-367.
- MARTÍN CAMINO, M. 1997: «Calle Serreta, números 8-10-12», *Memorias de Arqueología. Excavaciones arqueológicas en Cartagena (1982-1988)*. Murcia, 74-94.
- MARTÍN CAMINO, M. 1998: «Un contexto cerámico de finales del s. III a.C.: El vertedero púnico de la Plaza de San Ginés (Cartagena)», *Les façies ceràmiques d'importació a la costa ibèrica, les Balears i les Pitiüses durant el segle III a. C i la primera meitat del segle II a. C.*, Arqueo Mediterrània 4. Barcelona, 9-28.
- MARTÍN CAMINO, M. 2006: «La curia de Carthago Nova», *Mastia* 6, 61-84.
- MARTÍN CAMINO, M.; ORTIZ MARTÍNEZ, D.; PORTÍ DURÁN, M.; VIDAL NIETO, M. 2001: «La *Domus* de la *Fortuna*: un conjunto arquitectónico doméstico de época romana en la calle del Duque», *La casa romana en Carthago Nova. Arquitectura privada y programas decorativos*. Murcia, 21-52.
- MARTÍN CAMINO, M.; PORTÍ DURÁN, M.; ORTIZ MARTÍNEZ, D. 1999: «Calle Subida de San Diego número 19 (Cartagena, 1999)», *Memorias de Arqueología* 14, 281-296.
- MARTÍN CAMINO, M.; ROLDÁN BERNAL, B. 1986: «Aspectos arqueológicos y urbanísticos de la Cartagena Púnica», *Historia de Cartagena IV**. Murcia, 107-149.
- MARTÍN CAMINO, M.; ROLDÁN BERNAL, B. 1986: «Informe de la excavación de urgencia en la Plaza de San Ginés, esquina calle del Duque (Cartagena). Año 1990», *Memorias de Arqueología* 5, 249-261.
- MARTÍN CAMINO, M.; ROLDÁN BERNAL, B. 1997: «Informe de los trabajos arqueológicos realizados en la Calle San Antonio el Pobre», *Memorias de Arqueología. Excavaciones arqueológicas en Cartagena (1982-1988)*. Murcia, 42-51.
- MARTÍN CAMINO, M.; ROLDÁN BERNAL, B. 1997a: «Calle Serreta, números 8-10-12», *Memorias de Arqueología. Excavaciones arqueológicas en Cartagena (1982-1988)*. Murcia, 73-94.
- MARTÍN CAMINO, M.; ROLDÁN BERNAL, B. 1997b: «Calle Caridad. Esquina San Cristóbal la Corta», *Memorias de Arqueología. Excavaciones arqueológicas en Cartagena (1982-1988)*. Murcia, 162-173.
- MARTÍN CAMINO, M.; ROLDÁN BERNAL, B. 1997c: «Informe de los trabajos arqueológicos realizados en la Calle San Antonio el Pobre», *Memorias de Arqueología. Excavaciones arqueológicas en Cartagena (1982-1988)*. Murcia, 42-51.
- MARTÍN CAMINO, M.; ROLDÁN BERNAL, B. 1997d: «Plaza San Ginés Número 1, Esquina Calle del Duque», *Memorias de Arqueología. Excavaciones arqueológicas en Cartagena (1982-1988)*. Murcia, 126-128.
- MARTÍN LÓPEZ, C. 1990: *Córdoba en el siglo XIX. Modernización de una trama histórica*. Córdoba.
- MARTÍNEZ ANDREU, M. 1997: «Calle Serreta, número 9», *Memorias de Arqueología. Excavaciones arqueológicas en Cartagena (1982-1988)*. Murcia, 262-263.
- MARTÍNEZ ANDREU, M.; SAN MARTÍN MORO, P.A. 1997: «Calle del Duque, números 11 y 13», *Memorias de Arqueología. Excavaciones arqueológicas en Cartagena (1982-1988)*. Murcia, 266-267.
- MARTÍNEZ RODRÍGUEZ, F. 1989: «Las cerámicas béticas de imitación tipo Peñaflor: bases para el estudio de un nuevo grupo cerámico de época altoimperial», *Boletín de la Asociación de Amigos de la Arqueología* 26, 60-65.
- MARTÍNEZ SÁNCHEZ, A.; DE MIQUEL SANTED, L.E. 2004: «Programa decorativo de los pavimentos marmóreos del área foral de Carthago Nova», *La decoración arquitectónica en las ciudades romanas de Occidente*. Murcia, 485-499.
- MARTINS, M.; DELGADO, M. 1989-90: «Historia e Ar-

- queología de uma cidade en devir: *Bracara Augusta*», *Cadernos de Arqueología* 6-7, 11-39.
- MATEOS CRUZ, P. 1995: «Arqueología de la Tardoantigüedad en Mérida: Estado de la cuestión», *Los últimos romanos en Lusitania*, Cuadernos Emeritenses 10. Mérida, 125-152.
- MATEOS CRUZ, P. 1999: *La basílica de Santa Eulalia de Mérida*. *Arqueología y Urbanismo*, Anejos de AEspA XIX. Madrid.
- MATEOS CRUZ, P. 2000: «*Augusta Emerita*, de capital de la *Diocesis Hispaniarum* a sede temporal visigoda», G. Ripoll; J.M. Gurt (eds), *Sedes regiae (ann. 400-800)*. Barcelona, 491-501.
- MATEOS CRUZ, P. (ed.) 2006: *El «Foro Provincial» de Augusta Emerita: un Conjunto Monumental de Culto Imperial*, Anejos de AEspA XLII. Madrid.
- MATEOS CRUZ, P.; ALBA CALZADO, M. 2000: «De *Emerita Augusta* a *Marida*», L. Caballero Zoreda; P. Mateos Cruz (eds.), *Visigodos y Omeyas, Un debate entre la Antigüedad Tardía y la Alta Edad Media*, Anejos de AEspA XXIII. Madrid 143-168.
- MATEOS CRUZ, P., AYERBE VÉLEZ, R., BARRIENTOS VERA, T. y FEJOO MARTÍNEZ, S. 2002: «La gestión del agua en *Augusta Emerita*», *Empúries* 53, 67-88.
- MATUTE Y GAVIRIA, J. 1827: *Bosquejo de Itálica o apuntes que juntaba para su historia*. Sevilla.
- MAYER OLIVÉ, M.; RODÀ DE LLANZA, I. 1986: «La epigrafía republicana en Cataluña. Su reflejo en la red viaria», *Epigrafía hispánica de época romano-republicana*. Zaragoza, 157-170.
- MELCHOR GIL, E. 1994: *El mecenazgo cívico en la Bética. La contribución de los evergetas a la vida municipal*. Córdoba.
- MÉLIDA ALINARI, J.R. 1915: «El teatro romano de Mérida», *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos* 32, 1-38.
- MÉLIDA ALINARI, J.R. 1919: *El anfiteatro romano de Mérida. Memoria de las excavaciones practicadas de 1916 a 1918*, Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades 23. Madrid.
- MÉLIDA ALINARI, J.R. 1921: *El anfiteatro y el circo romanos de Mérida. Memoria de las excavaciones practicadas en 1919 y 1920*, Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades 39. Madrid.
- MÉLIDA ALINARI, J.R. 1925: *Catálogo Monumental de España. Provincia de Badajoz (1907-1910)*, vol. I. Madrid.
- MÉLIDA ALINARI, J.R. 1925a: *El circo romano de Mérida. Memoria de las excavaciones practicadas de 1920 a 1925*, Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades 72. Madrid.
- MÉLIDA ALINARI, J.R.; MACÍAS LIÁÑEZ, M. 1932: *La posescena del teatro romano de Mérida, Memoria de las excavaciones practicadas en 1929-1931 con una nota sobre el circo*, Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades 118. Madrid.
- MENCHÓN I BES, J.J.; MACÍAS I SOLÉ, J.M.; MUÑOZ MELGAR, A. 1994: «Aproximació al procés transformador de la ciutat de Tarraco. Del baix imperi a l'edat mitjana», *Pyrenae* 25, 225-243.
- MÉNDEZ GRANDE, G.; ALBA CALZADO, M. 2004: «Un conjunto de hornos cerámicos romanos situados junto al río *Ana*. Intervención arqueológica realizada en un solar de la Avda. de Lusitania, esquina con la C/ Dámaso Alonso (1ª Fase)», *Mérida excav. arqueol.* 2001 7, 307-332.
- MÉNDEZ GRANDE, G. 2005: «Nuevos datos para el conocimiento arquitectónico de la zona extramuros de la ciudad. Intervención arqueológica parcial realizada en el solar nº 27 de la calle Marquesa de Pinares (Mérida)», *Mérida excav. arqueol.* 2002 8, 67-87.
- MÉNDEZ ORTIZ, R. 1988: «El tránsito a la dominación bizantina en Cartagena: Las producciones cerámicas de la Plaza de los Tres Reyes», *Antigüedad y Cristianismo* V, 31-151.
- MÉNDEZ ORTIZ, R. 1997: «Calle San Francisco número 8», *Memorias de Arqueología. Excavaciones arqueológicas en Cartagena (1982-1988)*. Murcia, 28-30.
- MERRIFIELD, R. 1987: *The archaeology of ritual and magic*. London.
- MEZQUÍRIZ, M.A. 1997-1998: «Hallazgo de un vertebrado de época Alto Imperial en *Pompaelo*», *Trabajos de Arqueología Navarra* 13, 49-73.
- MIRÓ, C.; PUIG, F. 2000: «Edificios termales públicos y privados en *Barcino*», *II Coloquio Internacional de Arqueología en Gijón, Termas Romanas en el Occidente del Imperio (Gijón 1999)*. Gijón, 171-178.
- MIRÓ, C.; ORENGO, H. 2010: «El cicle de l'aigua a *Barcino*. Una reflexió en torn a les noves dades arqueològiques», *Quarhis* 6, 109-133.
- MIZIARA, R. 2008: «For a history of garbage», *INTERFACEHS - A Journal on Integrated Management of Occupational Health and the Environment*, vol. 3-1.
- MOITA, I. 1968: «Achados de época romana no subsolo de Lisboa», *Revista Municipal* 116-117, 33-71.
- MOITA, I. 1970: «Teatro Romano de Lisboa», *Revista Municipal* 124-125, 7-37.
- MOITA, I. 1994: *O Livro de Lisboa*. Lisboa.
- MONTALVO FRÍAS, A.M.; GIJÓN GABRIEL, M.E.; SÁNCHEZ PALENCIA, F.J. 1997: «Circo romano de Mérida.

- Campana de 1995», *Mérida excav. arqueol. 1994-1995* 1, 245-258.
- MOPU 1982: *Gestión de residuos urbanos*. Madrid.
- MORA REYES, J.A. 2004: *El problema de la basura en la ciudad de México*. México D. F.
- MORENA LÓPEZ, J.A.; Botella Ortega, D. 1998: «Actuaciones arqueológicas de urgencia en el extremo meridional del casco histórico de Córdoba: el sector de la Ribera», *AAC* 9, 131-166.
- MORO NAVAS, D.; GÓMEZ ZAMORA, P. 2007: «Un decumano secundario en la excavación arqueológica de urgencia en la calle San Francisco, 16-22, Cartagena», *XVIII Jornadas de Patrimonio Cultural. Intervenciones en el Patrimonio Arquitectónico, Arqueológico y Etnográfico de la Región de Murcia*. Murcia, 101-103.
- MOSTALAC CARRILLO, A. 1994: «La red de cloacas de Caesar Augusta», *La ciutat en el món romà. XIV Congrés Internacional d'Arqueologia Clàssica. Vol II*. Tarragona, 301-302.
- MOSTALAC CARRILLO, A.; PÉREZ-CASAS, J.A. 1989: «La excavación del Foro de Caesar Augusta», *AA.VV., La Plaza de la Seo. Zaragoza. Investigaciones Histórico-Arqueológicas*. Zaragoza, 81-155.
- MOSTALAC CARRILLO, A., PAZ PERALTA J.A.; AGUAROD OTAL, M.C. 1985: «Hallazgos arqueológicos en Zaragoza», dentro de la ponencia de M. Beltrán Lloris, A. Mostalac Carrillo, J.A Paz Peralta; M.C. Aguarod: «La Arqueología urbana en Zaragoza», *Arqueología de las Ciudades modernas superpuestas a las antiguas (Zaragoza, 1983)*. Madrid, 73-109.
- MUÑOZ VICENTE, A.; GARCÍA JIMÉNEZ, I.; PRADOS MARTÍNEZ, F. 2009: «Espacios jerarquizados y áreas funerarias en la necrópolis oriental de Baelo Claudia (Tarifa, Cádiz). Nuevas perspectivas de estudio», *Jorge Bonsor y la recuperación de Baelo Claudia (1917-1921). Catálogo de la Exposición*. Sevilla, 59-77.
- MURCIA MUÑOZ, A.J. 1999: «Poblamiento rural romano en el Campo de Cartagena: el tránsito de los siglos II al III d.C.», *XXIV Congreso Nacional de Arqueología (Cartagena 1997)*, vol. IV. Murcia, 221-226.
- MURCIA MUÑOZ, A.J. 2005: «Materiales pertenecientes a los ajueres domésticos altoimperiales de Carthago Nova», *Verdoly* 9, 177-194.
- MURCIA MUÑOZ, A.J. 2007: «Vasos a molde de época altoimperial en Carthago Nova: las producciones del Mediterráneo oriental», *Mastia* 6, 91-104.
- MURCIA MUÑOZ, A.J.; VIZCAÍNO SÁNCHEZ, J.; GARCÍA LORCA, S.; RAMALLO ASENSIO, S.F. 2005: «Conjuntos cerámicos tardíos de las excavaciones en el teatro romano de Cartagena», *1st International Conference on Late Roman Coarse Wares, Cooking Wares and Amphorae in the Mediterranean: Archaeology and Archaeometry (Barcelona, 14-16 March 2002)*, BAR Int.Ser. 1340. Oxford, 1-36.
- MURILLO REDONDO, J.F. 2004: «Topografía y evolución urbana», X. Dupré Raventós (ed.), *Las capitales provinciales de Hispania*, vol. 1, *Córdoba. Colonia Patricia Corduba*. Roma, 39-54.
- MURILLO REDONDO, J.F., CARRILLO DÍAZ-PINÉS, J.R.; MORENO ALMENARA, M.; RUIZ LARA, M.D.; VARGAS CANTOS, S. 2002: «Los monumentos funerarios de Puerta de Gallegos. Colonia Patricia Corduba», D. Vaquerizo (ed.), *Espacio y usos funerarios en el Occidente romano*, vol. 2. Córdoba, 141-201.
- MURILLO REDONDO, J.F.; VENTURA, A.; CARMONA, S.; CARRILLO, J.R.; HIDALGO, R.; JIMÉNEZ, J.L., MORENO, M.; RUIZ, D. 2001: «El circo oriental de Colonia Patricia», T. Nogales; F.J. Sánchez Palencia (eds.), *El circo en Hispania romana*. Madrid, 57-74.
- MURILLO REDONDO, J.F.; JIMÉNEZ SALVADOR, J.L. 2002: «La fundación de Córdoba», J.L. Jiménez; A. Ribera A. (eds.), *Valencia y las primeras ciudades romanas de Hispania*, Grandes Temas Arqueológicos 3. Valencia, 183-193.
- NICOLET, C 1987: «La table d'Heraclée et les origines du cadastre romain», *L'Urbs. Espace urbain et histoire (Ier siècle av.J.-C. - IIIe siècle ap.J.-C.)*. Roma, 1-25.
- NIVEAU, A.M. 2001: «Pozos púnicos en las necrópolis de Cádiz: Evidencias de prácticas rituales funerarias», *Rivista di Studi fenici* XXIX.2, 183-230.
- NOGALES BASARRATE, T.; MÁRQUEZ PÉREZ, J. 2002: «Espacios y tipos funerarios en Augusta Emerita», D. Vaquerizo (ed.), *Espacio y usos funerarios en el Occidente romano*, vol. 1. Córdoba, 113-144.
- NOGUERA CELDRÁN, J.M. 2002: «Un edificio del centro monumental de Cartago Nova. Análisis arquitectónico-decorativo e hipótesis interpretativas», *JRA* 15, 63-96.
- NOGUERA CELDRÁN, J.M.; SOLER HUERTAS, B.; MADRID BALANZA, M.J.; VIZCAÍNO SÁNCHEZ, J. 2009: «El foro de Carthago Nova. Estado de la cuestión», *Fora Hispaniae. Paisaje urbano, arquitectura, programas decorativos y culto imperial en los foros de las ciudades hispanorromanas*, Monografías del Museo Arqueológico de Murcia 3. Murcia, 217-302.
- OLEIRO, J.M.B. 1992: *Conimbriga, Casa dos Repuxos. Corpus dos mosaicos romanos de Portugal*. Conimbriga.

- ORDÓÑEZ AGULLA, S. 1988: *Colonia Augusta Firma Astigi*. Écija.
- ORTON, C.; TYERS, P.; VINCE, A. 1997: *La cerámica en arqueología*. Barcelona.
- OSWALD, F. 1931: *Index of Potters Stamps on Terra Sigillata «Samian Ware»*, Avignon (reed. 1983).
- PADRÓS MARTÍ, P. 1985: *Baetulo, arqueología urbana, 1975-1985*. Badalona.
- PADRÓS MARTÍ, P. 1998: «El suministro de agua y la red de colectores en la ciudad romana de Baetulo (Badalona)», A. Rodríguez Colmenero (coord.), *Los orígenes de la ciudad en el noroeste Hispánico. Actas del Congreso Internacional (Lugo 15-18 de mayo de 1996)*. Lugo, 599-621.
- PADRÓS MARTÍ, P. 2001: «La circulació monetària a la ciutat de Baetulo (Badalona) durant el segle I a.C.», *Moneda i vida urbana: IV Curs d'Història Monetària de Hispania*. Barcelona, 65-88.
- PADRÓS MARTÍ, P.; SÁNCHEZ GIL DE MONTES, J. 2007: *Memòria de la intervenció arqueològica al subsòl de la plaça de Font i Cussó (Badalona, Barcelonès) 2005*. Badalona, inédito.
- PADRÓS MARTÍ, P.; COMAS, M.; BOSCH DE DORIA, M.; MUÑOZ, V. 2004: «Baetulo. La ciutat romana i el seu territori. Intervencions arqueològiques període 1996-2001», *Actes Jornades d'Arqueologia i Paleontologia 2001*, vol. 2. Barcelona, 362-374.
- PALMA GARCÍA, F. 2001: «Intervención arqueológica realizada en el solar de la c/ Lope de Vega, 6. Ampliación al conocimiento del trazado viario romano de Mérida», *Mérida excav. arqueol. 1999* 5, 225-241.
- PALMA GARCÍA, F. 2004: «Ocupación medieval islámica en el cerro del Calvario. Intervención arqueológica realizada en el nº 31 de la calle Calvario», *Mérida excav. arqueol. 2001* 7, 199-207.
- PALMA GARCÍA, F. 2004a: «Secuencia ocupacional de un espacio extramuros de la *Colonia Augusta Emerita*. Intervención arqueológica realizada en el solar nº 44 de la calle Augusto», *Mérida excav. arqueol. 2001* 7, 129-154.
- PALMA GARCÍA, F. 2005: «Una posible *domus*, cerca del foro de la *Colonia*, y su reutilización en época tardoantigua. Intervención arqueológica realizada en un solar de la C/ Viñeros, 12 (Mérida)», *Mérida excav. arqueol. 2002* 8, 247-260.
- PALMA GARCÍA, F. 2009: «Solar de la calle Viñeros, 17», R. Ayerbe Vélez; T. Barrientos Vera; F. Palma García (eds.), *El Foro de Augusta Emerita. Génesis y evolución de sus recintos monumentales*, Anejos de AEspA LIII. Mérida, 331-366.
- PANCIERA, S. 2000: «Nettezza urbana a Roma: organizzazione e responsabilità», X. Dupré Raventós; J.A. Remolà Vallverdú (eds.), *Sordes Urbis: la eliminación de residuos en la ciudad romana: actas de la reunión de Roma (15-16 noviembre de 1996)*. Roma, 95-105.
- PARIS, P.; BONSOR, G.; LAUMONIER, A.; RICARD, R.; MERGELINA, C. de 1923: *Fouilles de Belo (Bologna, province de Cadiz, 1917-1923). La ville et ses dépendances*. Paris.
- PARLADÉ, A. 1921: *Excavaciones en el anfiteatro de Itálica (1920-1921)*, Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades 37. Madrid.
- PARLADÉ, A. 1923: *Excavaciones en el anfiteatro de Itálica (1921-1922)*, Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades 51. Madrid.
- PARLADÉ, A. 1925: *Excavaciones en el anfiteatro de Itálica (1922-1924)*, Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades 70. Madrid.
- PARLADÉ, A. 1934: *Excavaciones en Itálica. Campañas de 1925 a 1932*, Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades 127, 7. Madrid.
- PAROLI, L.; VENDITTELLI, L. (eds.) 2004: *Roma dall'antichità al medioevo II: contesti tardoantichi e altomedievali*. Milano.
- PARSONS, H.B. 1906: *The disposal of municipal refuse*. New York.
- PASCUAL, P.; RIBERA, A.; ROSELLÓ, M.; MAROT, T. 1997: «València i el seu territori: contextos ceràmics de la fi de la Romanitat a la fi del califat (270-1031)», *Contextos ceràmics d'època romana tardana i de l'alta edat mitjana (segles IV-X)*, Arqueo Mediterrània 2. Barcelona, 179-202.
- PASCUAL BERLANGA, G.; RIBERA I LACOMBA, A. 2000: «El consumo de productos béticos en Valentia y su entorno: la continuidad de una larga tradición», *Congreso Internacional Ex Baetica Amphorae. Conservas, aceite y vino de la Bética en el Imperio Romano (Écija-Sevilla, 1998)*. Écija, 565-576.
- PAZ PERALTA, J. 1991: «Excavación del solar de la calle Antonio Agustín angular a las calles la Cadena y Félix Garcés», *Arqueología Aragonesa 1988-1989*. Zaragoza, 301-305.
- PELEG, Y. 2000: «The characteristics of water distribution in Roman towns», G.C.M. Jansen (ed.), *Cura aquarum in Sicilia*. Leiden, 241-245.
- PELLICER CATALÁN, M. 1982: «Excavaciones en Itálica (1978-1979). Muralla, cloacas y cisterna», *Itálica (Santiponce, Sevilla)*, EAE 121. Madrid, 205-224.
- PENA GIMENO, M.J. 1998: «Consideraciones sobre el estatuto jurídico de Valentia», *Papeles del Laboratorio de Arqueología de Valencia* 22, 303-319.
- PENA GIMENO, M.J. 2002: «Problemas históricos en

- torno a la fundación de *Valentia*», J.L. Jiménez Salvador; A. Ribera i Lacomba (eds.), *Valencia y las primeras ciudades romanas de Hispania*, Grandes Temas Arqueológicos 3. Valencia, 267-278.
- PEÑA, J.L.; ESCUDERO, F.; RUBIO, V.; CONSTANTE, A.; PELLICER, F. 2009: «Geoarchaeological contributions concerning the Roman city wall of Caesaraugusta in the sector of the Santo Sepulcro (Zaragoza, Spain)», M. de Dapper, F.; Vermeulen, S.; Deprez; D. Taelman (eds.), *Old man river Geoarchaeological aspects of rivers and river plains*. Gante, 541-551.
- PEREIRA MENAUT, G. 1979: *Inscripciones romanas de Valentia*, Trabajos Varios del Servicio de Investigación Prehistórica 64. Valencia.
- PEREIRAS MAGARIÑOS, B. 2003: *Informe de la excavación arqueológica en el pazo de Sangro-Orbán (Travesía de Miño, nº 6, Lugo)*, Informe inédito depositado en la Dirección Xeral de Patrimonio Cultural de la Xunta de Galicia.
- PÉREZ BALLESTER, J.; SAN MARTÍN MORO, P.A.; BERTOCAL CAPARRÓS, M.C. 1995: «El anfiteatro romano de Cartagena (1967-1992)», J.M. Álvarez Martínez; J.J. Enríquez Navascués (coords.), *El anfiteatro en la Hispania romana. Coloquio Internacional (Mérida, 1992)*. Mérida, 91-118.
- PÉREZ MAESTRO, C. 2007: «Un área de vertedero/*puticulum* de época altoimperial localizado extramuros en la zona noreste de la ciudad», *Mérida excav. arqueol. 2004*, *Memoria* 10, 153-169.
- PÉREZ PAZ, A. 2010: «Abastecimiento, distribución y saneamiento de aguas», *Itálica- Santiponce. Ciudades Romanas de Hispania*, 99-104.
- PÉREZ-CASAS, J.A., 1991: «Excavaciones arqueológicas en la Plaza de La Seo de Zaragoza. Campaña de 1988», *Arqueología Aragonesa 1988-1989*. Zaragoza, 291-296.
- PÉREZ-CASAS, J.A. 1991a: «Excavaciones arqueológicas en la calle de San Valero de Zaragoza. Campaña de 1989», *Arqueología Aragonesa 1988-1989*. Zaragoza, 311-313.
- PÉREZ-CASAS, J.A. 1992: «Excavación de cimentaciones de carácter monumental, en el sector meridional del foro de Caesaraugusta (C. del Cisne, Zaragoza)», *Arqueología Aragonesa 1990*. Zaragoza, 179-182.
- PICARD, J.C. 1989: «Ce que les textes nous apprennent sur les équipements et le mobilier liturgique nécessaires pour le baptême, dans le sud de la Gaule et l'Italie du nord», *XI Congrès International d'Archéologie Chrétienne (Lyon, Vienne. Grenoble, Genève, Aoste, 1986)*. Roma, 1451-1468.
- PIMENTA, J. 2006: *As ânforas romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)*. Lisboa.
- PIMENTA, J.; CALADO, M.; LEITÃO, M. 2005: «Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: as ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça», *Revista Portuguesa de Arqueologia* 8-2, 313-334.
- PIMENTA, J.; CALADO, M.; SILVA, R.B. 2010: «Sobre a ocupação pré-romana de Olisipo: A Intervenção Arqueológica Urbana da Rua de São Mamede ao Caldas N.º 15», *Actas do VI Congresso Internacional de Fenícios e Púnicos (Lisboa, 2005)*, Lisboa, 165-175.
- POMEROY, S.B. 1981: «Demography and exposure of girls in Athens», *Phoenix* 35, 316-331.
- POMEROY, S.B. 1986: «Copronyms and the exposure of infants», R.S. Bagnall; A.A. Schiller; M.V. Harris (eds.): *Studies in Roman Law in memory of A. Arthur Schiller*. Dallas, 147 ss.
- PORTÍ DURÁN, M. 1991: «Estudio de la fauna del depósito tardoantiguo de la calle Duque 33 de Cartagena», *Antigüedad y Cristianismo* VIII, 341-352.
- PUERTA LÓPEZ, C.; PADRÓS MARTÍ, P. 1984: *Memòria de les excavacions arqueològiques realitzades en el solar nº 45-53 del carrer d'en Lladó (Badalona)*. Badalona, inédito.
- PUERTA LÓPEZ, C.; PADRÓS MARTÍ, P. 1985: *Memòria de l'excavació arqueològica al carrer Lladó nº 45-53 (Badalona)*. Badalona, inédito.
- PUERTAS TRICAS, R. 1975: *Iglesias hispánicas (siglos IV al VIII). Testimonios literarios*. Madrid.
- PUIG, F.; RODÀ DE LLANZA, I. (2007) «Las murallas de *Barcino*. Nuevas aportaciones al conocimiento de la evolución de sus sistemas defensivos», A. Rodríguez Colmenero; I. Rodà de Llanza (eds.), *Murallas de ciudades romanas en el occidente del imperio. Lucus Augusti como paradigma*. Lugo, 3-33.
- QUEVEDO SÁNCHEZ, A.; GARCÍA ABOAL, V. 2008: «Los niveles de abandono de la curia de Carthago Nova (s.II d.C.)», *Actes du Congrès de la SFECAG (L'Escala-Empúries, 2008)*. Marseille, 503-527.
- RAMALLO ASENSIO, S.F. 2000: «Arquitectura doméstica en ámbitos urbanos entre los siglos V y VIII», L. Caballero Zoreda; P. Mateos Cruz (eds.), *Visigodos y Omeyas, Un debate entre la Antigüedad Tardía y la Alta Edad Media*, Anejos de AEspA XXIII. Madrid 367-384.
- RAMALLO ASENSIO, S.F.; MURCIA MUÑOZ, A.J. 2010: «*Aqua et lacus* en *Carthago Nova*. Aportaciones al estudio del aprovisionamiento hídrico en época romana», *ZPE* 172, 249-258.
- RAMALLO ASENSIO, S.F.; RUIZ VALDERAS, E. 2009: «El

- diseño de una gran ciudad del sureste de Iberia. Quart Hadast», *Phönizisches und punisches Städtewesen. Akten der internationalen Tagung in Rom vom 21 bis 23 Februar 2007, Iberia Archaeologica* 13. Mainz-Rhein, 529-544.
- RAMALLO ASENSIO, S.F.; RUIZ VALDERAS, E. 2010: «Carthago de Hispania, emporio comercial del mediterráneo occidental», *Simulacra Romae II. Rome, les capitales de province (capita provinciarum) et la création d'un espace commun européen. Une approche archéologique*. Reims, 1-24.
- RAMALLO ASENSIO, S.F.; MURCIA MUÑOZ, A.J.; VIZCAÍNO SÁNCHEZ, J. 2010: «Carthago Nova y su espacio suburbano. Dinámicas de ocupación en la periferia de la *ciuitas*», D. Vaquerizo (ed.), *Las Áreas Suburbanas en la Ciudad Histórica. Topografía, usos, función*. Córdoba.
- RAMALLO ASENSIO, S.F.; VIZCAÍNO SÁNCHEZ, J. 2007: «Evolución del sistema defensivo de Cartagena durante la Antigüedad». A. Rodríguez Colmenero; I. Rodà de Llanza (eds.), *Murallas de ciudades romanas en la occidente del imperio. Lucus Augusti como paradigma*. Lugo, 483-522.
- RASCÓN MARQUÉS, S.; POLO LÓPEZ, J.; PEDREIRA CAMPILLO, G.; ROMÁN VICENTE, P. 1995: «Contribución al conocimiento de algunas producciones en hueso de la ciudad hispanorromana de *Complutum*: el caso de las *acus crinales*», *Espacio Tiempo y Forma, serie I, Prehistoria y Arqueología* 8, 295-340.
- RATHJE, W.L. 1974: «The garbage project: a new way of looking at the problems of archaeology», *Archaeology* 27.4, 236-241.
- RATHJE, W.L.; MCCARTHY, M. 1977: «Recycling and variability in contemporary garbage», S. South (ed.), *Research strategies in historical archaeology*. London, 261-286.
- RATHJE, W.L.; MURPHY, C. 1993: *Rubbish: the archaeology of garbage*. New York.
- RAYA, M.; MIRÓ, C. 1989-90: «Excavació arqueològica a la plaça de Sant Miquel», *Tribuna d'Arqueologia 1989-90*, 157-158.
- REIS, M.P. 2004: *Las termas y balnea romanos de Lusitania*, Studia Lusitana 1. Madrid.
- REIS, M.P. 2009: «Tanques, fontes e espelhos de água nos *fora lusitanos*», T. Nogales Basarrate (eds.), *Ciudad y foro en Lusitania Romana*, Studia Lusitana 4, 285-314.
- REIS, M.P.; CORREIA, V.H. 2006: «Jardins de Conimbriga: arquitectura e gestão hidráulica», J.-P. Morel; J. Juan Tresserras; J.C. Matamala (Eds.), *The Archaeology of Cropfields and gardens*. Bari, 293-311.
- REMESAL RODRÍGUEZ, J. 1979: *La necrópolis Sureste de Baelo*. EAE 104. Madrid.
- REMOLÀ VALLVERDÚ, J.A. 2000: «Sobre la interpretación arqueológica de los vertederos», X. Dupré Raventós; J.A. Remolà Vallverdú (eds.), *Sordes Urbis: la eliminación de residuos en la ciudad romana: actas de la reunión de Roma (15-16 noviembre de 1996)*. Roma, 107-121.
- REMOLÀ VALLVERDÚ, J.A. 2000a: *Las ánforas tardo-antiguas en Tarraco (Hispania tarraconensis). Siglos IV-VII d.C.* Barcelona.
- RIBAS, M. 1977: *Necrópolis romana en La Basílica de Santa María del Mar de Barcelona*. Barcelona.
- RIBEIRO, J.C. 1994: «Felicitas Iulia Olisipo - Algumas considerações em torno do catálogo Lisboa Subterrânea», *Almadan II- 3 (Especial Região de Lisboa)*, 75-95.
- RIBERA I LACOMBA, A. 1981: «Las marcas de terra sigillata de *Valentia*», *Saguntum* 16, 209-246.
- RIBERA I LACOMBA, A. 1995: «Una peculiar fosa de fundación en *Valentia*», *Saguntum* 29, 187-195.
- RIBERA I LACOMBA, A. 1998: *La fundació de València. La ciutat a l'època romanorepublicana (segles II-I a. de C.)*, Estudios Universitarios 71. Valencia.
- RIBERA I LACOMBA, A. 1998a: «The discovery of a monumental circus at *Valentia* (Hispania Tarraconensis)», *JRA* 11, 318-337.
- RIBERA I LACOMBA, A. 2000: «*Valentia* siglos IV y V: el final de una ciudad romana», A. Ribera i Lacomba (ed.), *Los Orígenes del cristianismo en Valencia y su entorno*, Grandes temas arqueológicos 2. Valencia, 19-32.
- RIBERA I LACOMBA, A. 2002: «El urbanismo de la primera *Valentia*», J.L. Jiménez Salvador; A. Ribera i Lacomba (eds.), *Valencia y las primeras ciudades romanas de Hispania*, Grandes temas arqueológicos 3. Valencia.
- RIBERA I LACOMBA, A. 2005: «Sant Vicent i l'arqueologia de València», *XII Simposio de Teología Histórica. San Vicente Mártir: servidor y testigo. En el XVII Centenario de su martirio (Valencia, 2004)*. Valencia, 45-69.
- RIBERA I LACOMBA, A., 2006: «The roman foundation of Valencia. The town in the roman republic period (II-I centuries BC)», *JRA Supplementary Series* 62, 75-89.
- RIBERA I LACOMBA, A. 2007: «*Valentia (Hispania Citerior)*, una fundación itálica de mediados del siglo II a. C. Novedades y complementos», J. Uroz Sáez; J.M. Noguera Celdrán ; F. Coarelli (eds.), *Iberia e Italia: modelos romanos de integración*

- territorial. Actas del IV congreso internacional hispano-italiano histórico-arqueológico (Murcia, 2006)*. Murcia, 169-198.
- RIBERA I LACOMBA, A. 2008: «La primera topografía cristiana de Valencia (*Hispania Carthaginiensis*)», *Rivista di Archeologia Cristiana* LXIII, 377-434.
- RIBERA I LACOMBA, A. 2009: «La fundación de Valencia: un apéndice de Italia y Campania en la Hispania del siglo II a. C.», *Oebalus* 4. Roma, 41-78.
- RIBERA I LACOMBA, A. 2010: «Depósitos rituales de Valentia (Hispania): de la primera fundación republicana (138 a. C.) a la segunda augustea», Di Giuseppe, H.; Serlorenzi, M. (eds.), *I riti del costruire nelle acque violate (Roma, 2008)*. Roma, 269-294.
- RIBERA I LACOMBA, A. en prensa: «Los Horrea de Valentia. De la República al Imperio», *Horrea Hispaniques la question du stockage en Méditerranée Romaine. Colloque international, (Madrid, 2009)*, Casa de Velazquez. Madrid.
- RIBERA I LACOMBA, A.; CALVO GÁLVEZ, M. 1995: «La primera evidencia arqueológica de la destrucción de Valentia por Pompeyo», *JRA* 8, 19-40.
- RIBERA I LACOMBA, A.; GRAU ALMERO, E.; MARÍN JORDÁ, C. 2002: «La fundación de Valencia y su impacto en el paisaje», *Historia de la ciudad II. Territorio, sociedad y patrimonio*. Valencia, 29-54.
- RIBERA I LACOMBA, A.; JIMÉNEZ SALVADOR, J.L. 2000: «La fundación de la ciudad. Urbanismo y arquitectura de la Valencia romana y visigoda». *Historia de la ciudad I. Recorrido histórico por la arquitectura y el urbanismo de la ciudad de Valencia*. Valencia, 9-37.
- RIBERA I LACOMBA, A.; MARÍN JORDÁ, C. 2003: «Las importaciones itálicas del nivel de fundación (138 a.C.) de la ciudad romana de Valentia», *Rei Creatariae Romanae Fautorum* 38, 287-294.
- RIBERA I LACOMBA, A.; ROSSELLÓ MESQUIDA, M. 1998: *L'Almoína: el nacimiento de la Valentia cristiana*, Quaderns de difusió arqueològica 5. Valencia.
- RIBERA I LACOMBA, A.; ROSSELLÓ MESQUIDA, M. 2007: «Contextos cerámicos de mediados del siglo V en Valencia y sus alrededores», *LRCW2. Late Roman Coarse Ware, Cooking Wares and Amphorae in the Mediterranean. Archaeology and Archaeometry*, BAR Int.Ser. 1662, 189-198.
- RIBERA I LACOMBA, A.; SALAVERT LEÓN, J.V. 2005: «El depósito monetar de s. III de las excavaciones de la calle Roc Chabàs de Valencia», *Tesoros monetarios de Valencia y su entorno*, Grandes temas arqueológicos 4. Valencia, 141-154.
- RIBERA I LACOMBA, A.; SORIANO SÁNCHEZ, R. 1987: «Enterramientos de la Antigüedad Tardía en Valentia», *Lucentum* VI, 139-164.
- RIBERA I LACOMBA, A.; TSANTINI, E. 2008: «Las ánforas del mundo ibérico», D. Bernal Casasola; A. Ribera i Lacomba (eds.), *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*. Cádiz, 617-634.
- RICCIARDI, M.A.; SCRINARI, V. 1996: *La civiltà dell'Acqua in Ostia Antica*. Roma.
- ROBINSON, O.F. 1992: *Ancient Rome. City Planning and Administration*. London-New York.
- ROCA ROUMENS, M. 1976: *Sigillata Hispánica producida en Andújar (Jaén)*. Jaén.
- RODÀ DE LLANZA, I. (dir.) 2004: *Aqua Romana. Técnica humana y fuerza divina. Catálogo de la exposición*. Barcelona.
- RODERO PÉREZ, S. 2004: «Evolución de la topografía urbana al este de la puerta Piscatoria: I.A.U. en la Posada de la Herradura», *AAC* 15, 173-206.
- RODRÍGUEZ ALMEIDA, E. 1984: *Il Monte Testaccio*. Roma.
- RODRÍGUEZ ALMEIDA, E. 2000: «Roma, una città self-cleaning?», X. Dupré Raventós; J.A. Remolà Vallverdú (eds.), *Sordes Urbis: la eliminación de residuos en la ciudad romana: actas de la reunión de Roma (15-16 noviembre de 1996)*. Roma, 123-127.
- RODRÍGUEZ HIDALGO, J.M. 1994: «Nueva visión de la Itálica de Adriano», *Actas del XIV Congreso Internacional de Arqueología Clásica. La ciudad en el mundo romano*. Tarragona, vol. 2, 364-365.
- RODRÍGUEZ MARTÍN, F.G. 2004: «El paisaje urbano de Augusta Emerita: reflexiones en torno al Guadiana y las puertas de acceso a la ciudad», *Revista Portuguesa de Arqueología* 7, II, 365-406.
- RODRÍGUEZ MARTÍN, F.G. 2006: *Materiales de un alfar emeritense: Paredes finas, lucernas, sigillatas y terracotas*, Cuadernos Emeritenses 11. Mérida.
- RODRÍGUEZ NEILA, J.F. 1988: «Aqua publica y política municipal romana», *Gerión* 6, 223-252.
- RODRÍGUEZ NEILA, J.F. 1996: *Ecología en la Antigüedad Clásica*. Madrid.
- RODRÍGUEZ NEILA, J.F. 1999: «El trabajo en las ciudades de la Hispania Romana», *El trabajo en la Hispania Romana*. Madrid, 9-117.
- RODRÍGUEZ NEILA, J.F. 1999a: «Problemas medioambientales y de salubridad pública en las ciudades romanas», *Las ordenanzas de limpieza de Córdoba (1489) y su proyección*. Córdoba, 25-38.
- RODRÍGUEZ RODRÍGUEZ, I.; VERA CRUZ, E.; ROMERO PAREDES, C.; CARRASCO GÓMEZ, I. 2003: «Intervención Arqueológica de Urgencia en Avda. Dr. Fleming nº 33-35 de Écija. Sevilla». *AAA 2003*, III.2. Sevilla, 364-371.

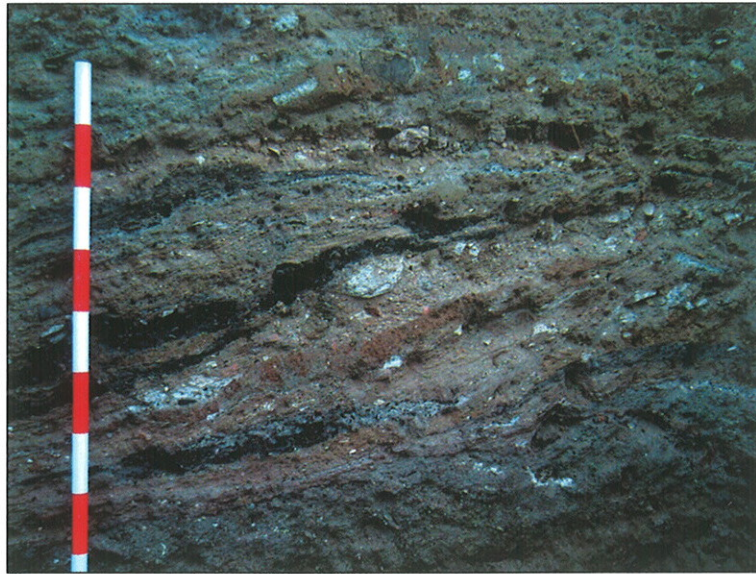
- RODRÍGUEZ TEMIÑO, I. 1987: «Excavación de urgencia en Plaza de Puerta Cerrada, 9. Écija (Sevilla)», *AAA 1986*, III. Sevilla, 388-396.
- RODRÍGUEZ TEMIÑO, I. 1988: «Excavaciones en c/ Mas y Prat, 23 y Almenillas, 5. Écija. Sevilla», *AAA 1987*, III. Sevilla, 632-638.
- RODRÍGUEZ TEMIÑO, I. 1988a: «Notas acerca del urbanismo de la *colonia Augusta Firma Astigi*», *Actas del I Congreso sobre Historia de Écija*. Écija, 101-123.
- RODRÍGUEZ TEMIÑO, I. 1990: «Pervivencia de alineaciones de época romana en el tejido urbano actual de Écija (Sevilla)», *Archeologia Medievale*, 613-623.
- RODRÍGUEZ TEMIÑO, I. 1991: «La casa urbana hispanorromana en la *colonia Augusta Firma Astigi*. Écija. Sevilla», *La casa urbana hispanorromana*. Zaragoza, 345-353.
- RODRÍGUEZ TEMIÑO, I.; NÚÑEZ PARIENTE DE LEÓN, E. 1987: «Excavaciones urbanas de urgencia en Écija (Sevilla)», *AAA 1986*, III. Sevilla, 397-402.
- ROJAS PICHARDO, F.J. 2009: «Bibliografía para el conocimiento de la ciudad hispanorromana de *Baelo Claudia*», *Aljaranda* 72, 37-51.
- ROLDÁN BERNAL, B.; DE MIQUEL SANTED, L.E. 2000: «Niveles bizantinos en el Molinete de Cartagena», *V Reunión de Arqueología Cristiana Hispánica (Cartagena, 1998)*. Barcelona, 393-402.
- ROLDÁN BERNAL, B.; LÓPEZ CAMPUZANO, M.; VIDAL NIETO, M. 1991: «Contribución a la historia económica de *Carthago Nova* durante los siglos V y VI: el vertedero urbano de la calle Palas», *Antigüedad y Cristianismo VIII*, 305-311.
- ROLDÁN BERNAL, B.; LÓPEZ CAMPUZANO, M.; VIDAL NIETO, M. 1996: «Informe arqueológico sobre la excavación de urgencia de la calle Palas nº 8 (Cartagena, 1990). Un vertedero urbano durante la antigüedad tardía», *Memorias de Arqueología* 5, 240-247.
- ROLDÁN GÓMEZ, L. 1992: *Técnicas Arquitectónicas en la Bética romana*. Tesis doctoral.
- ROLDÁN GÓMEZ, L. 1993: *Técnicas constructivas romanas en Itálica*, Monografías de Arquitectura Romana 2. Madrid.
- ROMÁN RODRÍGUEZ, J.M. 2009: «Intervención Arqueológica Preventiva en el solar nº 3 de la Plazuela Juan Facúndez de Carmona, (Sevilla)», *AAA 2004*, I. Sevilla, 3132-3157.
- ROMÁN RODRÍGUEZ, J.M. 2010: «Evidencias funerarias de la Edad del Bronce en Carmona: I.A.P en el solar nº 1 de la calle Torre del Oro, Carmona (Sevilla)», *AAA 2004*, II. Sevilla, 1000-1050.
- ROMÁN RODRÍGUEZ, J.M. en prensa: «Intervención Arqueológica Preventiva en el solar nº 10 de la calle Flamencos, Carmona, (Sevilla)», *AAA 2006*. Sevilla.
- ROMÁN RODRÍGUEZ, J.M. en prensa: «Prehistoria en el Picacho: Excavación arqueológica preventiva en Ronda del Cenicero, Carmona (Sevilla)», *AAA 2009*. Sevilla.
- ROMÁN RODRÍGUEZ, J.M.; CONLIN HAYES, E. 2005: «Nuevas aportaciones al poblado calcolítico de Carmona; I.A.U. en el solar nº 4 de la calle Calatrava, Carmona (Sevilla)», *AAA 2002*. Sevilla, 326-343.
- ROMÁN RODRÍGUEZ, J.M.; VÁZQUEZ PAZ, J. 2001: «Excavaciones arqueológicas de urgencia en la calle San Ildefonso número 2 de Carmona (Sevilla)», *AAA 1998*. Sevilla, 464-483.
- ROMÁN RODRÍGUEZ, J.M.; VÁZQUEZ PAZ, J. 2005: «Excavaciones arqueológicas en el solar nº 2 de la calle Calatrava de Carmona (Sevilla)», *AAA 2002*. Sevilla, 344-362.
- ROMÁN RODRÍGUEZ, J.M.; VÁZQUEZ PAZ, J. 2005a: «Nuevas estructuras romanas de carácter monumental en *Carmona*: I.A.U en el solar nº 20 de la calle Hermanas de la Cruz de Carmona (Sevilla)», *AAA 2002*. Sevilla, 369-393.
- ROMÁN RODRÍGUEZ, J.M.; VÁZQUEZ PAZ, J. 2006: «Estructuras prerromanas en el barrio de San Blas: I.A.U. en el solar nº 51 de la calle San Teodomiro, Carmona (Sevilla)», *AAA 2003*. Sevilla, 301-327.
- ROMERO PAREDES, C.; CARRASCO GÓMEZ, I.; VERA CRUZ, E. 2001: *Informe sobre la vigilancia arqueológica realizada en un solar sito en la calle Arroyo número 33 de Écija (Sevilla)*. Informe inédito depositado en la Delegación Provincial de la Consejería de Cultura de la Junta de Andalucía en Sevilla.
- ROMERO PAREDES, C.; CARRASCO GÓMEZ, I.; VERA CRUZ, E. 2005: «Intervención Arqueológica de Urgencia en c/ Virgen de la Piedad nº16, c/ Regidor y c/ Olivares. Écija (Sevilla)», *AAA 2002*, III.2. Sevilla, 443-454.
- ROMERO PAREDES, C.; CARRASCO GÓMEZ, I.; VERA CRUZ, E. 2006: «Intervención Arqueológica de Urgencia en el soterramiento de contenedores de residuos domiciliarios y selectivos. Écija (Sevilla)», *AAA 2003*, III.2. Sevilla, 372-387.
- ROMERO PAREDES, C.; BARRAGÁN VALENCIA, M.C.; BUZÓN ALARCÓN, M. 2006a: «Sobre una *domus* romana en la plaza de Santo Domingo de Écija», *Astigi Vetus* 2, 55-73.
- ROMERO PAREDES, C.; BUZÓN ALARCÓN, M.; BARRAGÁN VALENCIA, M.C. 2009: «Intervención Arqueológica

- Preventiva realizada en un solar sito en plazuela de Santo Domingo 5 y 7. Écija. Sevilla», *AAA 2004*, I. Sevilla, 3177-3187.
- RUIZ NIETO, E. 2006: «Informe-memoria de la intervención arqueológica en la c/ Duque de Hornachuelos 8 (Córdoba)» *AAA 2003*, I. Sevilla, 254-265.
- RUIZ VALDERAS, E. 1997: «Los niveles de abandono del siglo II d.C. en Cartagena: los contextos de la calle Jara nº 12», *XXIII Congreso Nacional de Arqueología (Elche 1995)*. Elche, 503-512.
- RUIZ VALDERAS, E. 1998: «Excavaciones en Cartagena: El solar de la calle Jara nº 12», *Memorias de Arqueología 7*, 232-242.
- RUIZ VALDERAS, E.; GARCÍA CANO, C. 2001: «El contexto arqueológico de destrucción del programa ornamental del Teatro», *El programa ornamental del Teatro Romano de Cartagena*. Murcia, 197-206.
- RUIZ VALDERAS, E.; DE MIQUEL SANTED, L.E. 2003: «Novedades sobre el foro de Carthago Nova: el togado *capite velato* de la Calle Adarve», *Mastia 2*, 267-281.
- SÁEZ FERNÁNDEZ, P.; ORDÓÑEZ AGULLA, S.; GARCÍA VARGAS, E.; GARCÍA-DILS DE LA VEGA, S. 2001: «Cinco inscripciones romanas inéditas de Écija (Sevilla)», *Habis 32*, 337-352.
- SÁEZ FERNÁNDEZ, P.; ORDÓÑEZ AGULLA, S.; GARCÍA VARGAS, E.; GARCÍA-DILS DE LA VEGA, S. 2004: *Carta Arqueológica Municipal de Écija. 1. La ciudad*. Sevilla.
- SÁEZ FERNÁNDEZ, P.; ORDÓÑEZ AGULLA, S.; GARCÍA-DILS DE LA VEGA, S. 2008: «Colonias romanas y municipalización flavia. ¿Conflicto de intereses?», J. Mangas; M.A. Novillo (eds.), *El territorio de las ciudades romanas*. Madrid, 155-175.
- SALIOU, C. 1994: *Les lois des bâtiments. Voisinage et habitat urbain dans l'Empire romain*. Beyrouth.
- SALIOU, C. 2003: «Le nettoyage des rues dans l'Antiquité: fragments de discours normatifs», P. Ballet; P. Cordier; N. Dieudonné-Glad (dirs.), *Le ville et ses déchets dans le monde romain: rebuts et recyclages. Actes du Colloque de Poitiers (19-21 septembre 2002)*. Montagnac, 37-49.
- SALOM I GARRETA, C., 2006, «El *auguraculum* de la Colonia Tarraco: *Sedes inaugurationis coloniae Tarraco*», *AEspA 79*, 69-88.
- SAN MARTÍN MORO, P.A. 1983: «Cartagena: conservación de yacimientos arqueológicos en el casco urbano», *Arqueología de las Ciudades modernas superpuestas a las antiguas (Zaragoza, 1983)*. Madrid, 335-355.
- SAN MARTÍN MORO, P.A. 1985: «Nuevas aportaciones al plano arqueológico de Cartagena», *Museo de Zaragoza. Boletín 4*, 131-149.
- SÁNCHEZ BARRERO, P.D. 2010: *Itinerarios y caminos romanos en el entorno emeritense*. Ataecina 6. Mérida.
- SÁNCHEZ BARRERO, P.D.; MARÍN GÓMEZ-NIEVES, B. 2000: «Caminos periurbanos de Mérida», *Mérida excav. arqueol. 1998 4*, 549-569.
- SÁNCHEZ GIL DE MONTES, J. 2010: *Memòria de la intervenció arqueològica a la plaça Font i Cussò (Badalona, Barcelonès). Abril-juliol de 2010*. Badalona, inédito.
- SÁNCHEZ SÁNCHEZ, G.; NODAR BECERRA, R. 1999: «Reflexiones sobre las casas suburbanas en Augusta Emerita. Estudio preliminar», *Mérida excav. arqueol. 1997 3*, 367-386.
- SÁNCHEZ VELASCO, J. 1999: «El acceso norte al teatro romano de Córdoba. Secuencia estratigráfica y estudio de materiales», *AAC 10*, 115-159.
- SÁNCHEZ VELASCO, J. 2002: «Evidencias arqueológicas de un taller de mosaicos en Córdoba», *Empúries 52*, 289-306.
- SÁNCHEZ VELASCO, J. 2006: *Elementos arquitectónicos de época visigoda en el Museo Arqueológico de Córdoba. Arquitectura y urbanismo en la Córdoba visigoda*, Series del Museo Arqueológico de Córdoba 1. Córdoba.
- SÁNCHEZ VELASCO, J. 2006a: «Hipótesis de ubicación de un anfiteatro extramuros en Colonia Patricia Corduba y localización de la sede del Concilio Provincial de la Bética», *Spal 15*, 313-338.
- SANTOS JENER, S. 1955: *Memoria de las excavaciones del Plan Nacional realizadas en Córdoba (1948-1950)*. Madrid.
- SÁSTAGO, conde de (Vicente Fernández de Córdoba y Alagón) 1796: *Descripcion de los Canales Imperial de Aragon i Real de Tauste ... por el actual Protector por S. Magestad de ambos Canales, el Conde de Sastago*. Zaragoza.
- SCOBIE, A. 1986: «Slums, sanitation and mortality in the Roman world», *Klio 68*, 399-435.
- SEPÚLVEDA, E.; FERNANDES, L. 2009: «As marcas em terra sigillata de tipo itálico do teatro romano de Lisboa (campanhas 2005/2006)», *Revista Portuguesa de Arqueologia 12-1*, 139-168.
- SEPÚLVEDA, E.; GOMES, N.; SILVA, R.B. 2003: «A Intervenção Arqueológica urbana da Rua dos Douroadores/Rua de São Nicolau (Lisboa): 1- A terra sigillata», *Revista Portuguesa de Arqueologia 6-2*, 401-414.
- SEPÚLVEDA, E.; VALE, A.; SOUSA, V.; SANTOS, V.; GUERRERO, N. 2002: «A cronologia do circo de Ollisipo: a Terra Sigillata», *Revista Portuguesa de Arqueologia 5-2*. Lisboa, 245-275.

- SERLORENZI, M.; DI GIUSEPPE, H. 2009: «La via Campana. Aspetti topografici e rituali», *Suburbium ii. Il Suburbio di Roma dalla fine dell'età monarchica alla nascita del sistema delle ville (V-II sec. a.C.). Atti del Convegno (Roma, 2005)*. Roma, 573-598.
- SERRA, S. 2008: *Núcleo Museológico do Castelo de São Jorge. Catálogo*. Lisboa.
- SERRA RÁFOLS, J.C. 1939: «Excavaciones en Baetulo (Badalona) y descubrimiento de la puerta NE de la ciudad», *Ampurias I*. Barcelona, 268-289.
- SERRANO ABRIL, J.C. 2006: *Las estructuras hidráulicas romanas de la ciudad de Valencia (siglos II a.C.-V d.C.)*. Beca de Catalogación, Inventario y Estudio de los Fondos Arqueológicos Municipales, curso 2004-2005. Valencia.
- SERRANO MARCOS, M.L. 1998: *Memoria preliminar de las excavaciones arqueológicas realizadas en el solar recayente a la Plaza Cisneros nº 6 y calle Zapateros nº 9 de Valencia*. Memoria de Intervención Arqueológica depositada al Servei d'Investigacions Arqueològiques Municipals de Valencia (SIAM). València.
- SERRANO MARCOS, M.L. 2000: «Hallazgos arqueológicos de la Plaza Cisneros nº 6 de Valencia», *L'arqueologia fa ciutat: les excavacions de la Plaça de Cisneros (catálogo de la exposición)*. Valencia, 9-22.
- SERRANO RAMOS, E. 2000: *Cerámica común romana: siglos II a.C. a VII d. C. materiales importados y de producción local en territorio malacitano*. Málaga.
- SILLIÈRES, P. 1977: «Belo, important marché espagnol de la céramique de la Graufesenque», *Caesarodunum* 12, 436-446.
- SILLIÈRES, P. 1997: *Baelo Claudia. Una ciudad romana de la Bética*. Collection de la Casa de Velázquez 61. Madrid.
- SILVA, P.; BORJA, F.; ZAZO, C.; GOY, J.L.; BAJARDÍ, T.; DE LUQUE, L.; LARIO, J.; DABRIO, C.J. 2005: «Archaeoseismic record at the ancient Roman city of Baelo Claudia (Cádiz, south Spain)», *Tectonophysics* 408, 129-146.
- SILVA, P.; REICHERTER, K.; LARIO, J.; GRÜTZNER, C.; RODRÍGUEZ-PASCUA, M.A.; PÉREZ, R.; GINER-ROBLES, J.L.; BARDAJÍ, T.; GOY, J.L.; ZAZO, C.; GARCÍA, I.; MUÑOZ, A. 2009: «Archaeoseismological records at Baelo Claudia», *Palaeoseismicity and Active Tectonic during the Quaternary in the Gibraltar Strait (Betic Cordillera, South Spain), Field Trips Guide, 1st INQUA-IGCP 567 International Workshop on Earthquake Archaeology and Palaeoseismology (Baelo Claudia, Cádiz, septiembre 2009)*. Madrid, 10-25.
- SILVA, R.B. 2000: «As sepulturas de Calçada do Garcia e o urbanismo de Olisipo», *Actas do 3º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Almada, Fevereiro 1997)*. Almada, 193-205.
- SILVA, R.B. 2005: «*Marcas de oleiro*» em terra sigillata da Praça da Figueira (Lisboa): uma contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (séc.I a.C.-séc.II d.C.). Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Arqueologia especialização em Arqueologia Urbana na Universidade do Minho (policopiado). Braga.
- SILVA, R.B. en prensa: «Arqueologia Viária na Praça da Figueira (Lisboa)», *Actas do Colóquio A rede viária romana na Península de Lisboa*. Vila Franca de Xira.
- SINTAS MARTÍNEZ, E.; MARTÍNEZ ANDREU, M. 1997: «Calle Serreta número 3», *Memorias de Arqueología. Excavaciones arqueológicas en Cartagena (1982-1988)*. Murcia, 176-185.
- SORIANO SÁNCHEZ, R. 2000: «La figura histórica de la San Vicente Mártir», A. Ribera i Lacomba (ed.), *Los Orígenes del cristianismo en Valencia y su entorno*, Grandes temas arqueológicos 2. Valencia, 33-38.
- SORIANO GONZALVO, F.J.; SORIANO SÁNCHEZ, R. 2000: «Los lugares vicentinos de la ciudad de Valencia», A. Ribera i Lacomba (ed.), *Los Orígenes del cristianismo en Valencia y su entorno*, Grandes temas arqueológicos 2. Valencia, 39-48.
- STAMBAUGH, J.H. 1988: *The Ancient Roman City*. Baltimore.
- STYLOW, A.U. 1990: «Apuntes sobre el urbanismo de la Corduba romana», W. Trillmich; P. Zanker (eds.), *Stadt und Ideologie. Die Monumentalisierung hispanischer Städte zwischen Republik und Kaiserzeit*. München, 259-282.
- SUÁREZ ESCRIBANO, L. 2006: «Primeros restos de la muralla de L. Possi en la excavación arqueológica de la C/ Caballero 13-17, Cartagena», *XVII Jornadas de Patrimonio Histórico, Intervenciones en el Patrimonio Arquitectónico y Arqueológico de la Región de Murcia*. Murcia, 203-204.
- SUAU, L.; TRAVESET, A. 2009: *Memòria de la intervenció arqueològica al jaciment de la Plaça de la Vila Romana de Badalona 2006 (Badalona, Barcelonès)*. Febrer 2006-octubre 2006. Badalona, inédito.
- SUS, M.L. de 1994: «Excavación arqueológica realizada en el solar de la Pza. de Santa Cruz nº 13-15. Zaragoza», *Arqueología Aragonesa 1992*. Zaragoza, 199-201.
- TARRATS, F. 2000: «Tárraco, topografía urbana y arqueología de los vertederos», X. Dupré Raven-

- tós; J.A. Remolà Vallverdú (eds.), *Sordes Urbis: la eliminación de residuos en la ciudad romana: actas de la reunión de Roma (15-16 noviembre de 1996)*. Roma, 129-137.
- TCHOBANOGLIOUS, G.; THEISEN, H.; VIGIL, S. 1996: *Gestión integral de residuos sólidos*. Madrid.
- TED'A 1989: *Un abocador del segle v d.C. en el Fòrum Provincial de Tàrraco*, Memòries d'Excavació 2. Tarragona, 1989.
- TEJEIRO Y SANFIZ, B. 1888: *Ligeros apuntes sobre la importancia de la ciudad de Lugo durante la dominación romana*. Lugo.
- TINOCO MUÑOZ, J. 2004: «Informe de la I.A.U. en el sector E-38. 1 Fase, residencial 'La Algodonera' de Écija, Sevilla», AAA 2001, III.2. Sevilla, 908-919.
- TINOCO MUÑOZ, J. 2005: «Intervención Arqueológica de Urgencia en c/ Bellidos 18, Écija (Sevilla)», AAA 2002, III.2. Sevilla, 470-486.
- TINOCO MUÑOZ, J.; LÓPEZ FLORES, I. 2001: «Aproximación al estudio de la necrópolis de Poniente en la Colonia Augusta Firma», *Astigi Vetus* 1, 149-152.
- TSIOLIS, V.G. 1997: «Las restricciones de la producción tegularia en la Lex Vrsonensis», *Studia Historica, Historia Antigua* 15, 119-136.
- TÖLLE-KASTENBEIN, R. 1993: *Archeologia dell'acqua. La cultura idraulica nel mondo classico*. Milano.
- TORRES SÁNCHEZ, R. 1986: «Evolución de la población de Cartagena durante la época de los Austria (siglos XVI-XVII)», *Historia de Cartagena* VII. Murcia, 29-94.
- TRAPERO PARDO, J. 1960: «Hallazgos en las obras de la Plaza de Sta. M.^a de Lugo», *Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos de Lugo* VII, 95 ss.
- TRIVIÑO GALLEGU, C. 2005: «Vigencia del sistema romano de abastecimiento: aproximación a la calidad del agua en época romana», *Arqueología Romana en Toletum: 1985-2004. Puesta en valor de las Termas Romanas de la Plaza de Amador de los Ríos*, Los Monográficos del Consorcio 1. Toledo, 145-153.
- ÜBERA, J.L.; LLERGO, Y.; ROMÁN, J.M. 2002: «Estudio Palinológico del complejo hipogeo de la calle San Felipe 1^a, Carmona (Sevilla)», *Revista Polen* 13.
- VALENCIA RODRÍGUEZ, R. 1988: «Los territorios de la cora de Écija en época árabe», *Actas del I Congreso sobre Historia de Écija*. Écija, 315-335.
- VAN ANDRINGA, W., 2002: *La religión en Gaule romaine. Piété et politique (I^{er}-III^e siècle apr. J.-C.)*. Paris.
- VAN DER WERFF, J.H. 1989: «Sekundäre Graffiti auf römischen Amphoren», *AKB* 19, 361-376.
- VAN VAERENBERGH, J. 2006: «The Latrines in and near the Roman Baths of Italy. A nice compromise with a Bad Smell», G. Wiplinger (ed.), *Cura Aquarum in Ephesus*, vol. II. Leiden, 453-459.
- VAQUERIZO GIL, D. 2005: «Arqueología de la Corduba Republicanana», E. Melchor; J. Mellado; J.F. Rodríguez (eds.), *Julio César y Corduba: tiempo y espacio en la campaña de Munda (49-45 a.C.)*. Córdoba, 165-205.
- VARELA Y ESCOBAR, M.; TAMARIT-MARTEL Y TORRES, A. 1892: *Bosquejo histórico de la muy noble y muy leal Ciudad de Écija*. Écija.
- VARGAS CANTOS, S.; MORENO ALMENARA, M. 2004: «Los hornos romanos de cerámica del viaducto de El Pretorio (Córdoba)», *Actas del Congreso Internacional FIGLINAE BAETICAE. Talleres alfareños y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C.- VII d.C.)*, BAR Int.Ser. 1266, II. Oxford, 673-676.
- VÁZQUEZ DE LA CUEVA, A.; GONZÁLEZ TASCÓN, I. 1988: «El abastecimiento de agua romana a Caesar-augusta», *Anas* 1, 35-66.
- VÁZQUEZ SEIJAS, M. 1939: *Lugo bajo el Imperio romano*, Lugo.
- VENTURA VILLANUEVA, A. 1996: *El abastecimiento de agua a la Córdoba romana, II. Acueductos, ciclos de distribución y urbanismo*. Córdoba.
- VENTURA VILLANUEVA, A.; CARMONA BERENGUER, S. 1992: «Resultados sucintos de la excavación arqueológica de urgencia en los solares de la calle Blanco Belmonte n° 4-6 y Ricardo de Montis 1-8. Córdoba. El trazado del Cardo Máximo de la Colonia Patricia Corduba», *AAC* 3, 199-242.
- VERA CRUZ, E.; CABRERA BARRIGÜETE, J.J. 2009: «Intervención Arqueológica Preventiva realizada en Avenida de Andalucía n° 41 y calle Barquete de Écija. Sevilla», *AAA 2004*, I. Sevilla, 3195-3207.
- VERNHET, A. 1976: «Creation flavienne de six services de vaisselle à la Graufesenque», *Figlina* 1, 13-27.
- VEYRAC, A. 2006: *Nîmes Romaine et l'Eau*. Paris.
- VIDAL ENCINAS, J.M.; MARCOS CONTRERAS, G. 2002-2003: «Una construcción romana singular y unas pequeñas termas en el área suburbana de León», *Lancia* 5, 121-137.
- VIDAL NIETO, M. 1997: «Calle Cuatro Santos número 40», *Memorias de Arqueología. Excavaciones arqueológicas en Cartagena (1982-1988)*. Murcia, 188-200.
- VIDAL NIETO, M.; DE MIQUEL, L.E. 1988: «El abandono de una casa romana en Cartagena (solar C. Cuatro Santos, n° 40)», *Antigüedad y Cristianismo* V, 435-448.

- VIDAL NIETO, M.; DE MIQUEL, L.E. 1991: «Nuevos hallazgos romanos en Cartagena: la calzada romana en la calle Cuatro Santos», *XX Congreso Nacional de Arqueología (Santander, 1989)*. Zaragoza, 379-383.
- VIDAL NIETO, M.; VIZCAÍNO SÁNCHEZ, J.; QUEVEDO SÁNCHEZ, A. 2006: «Un nuevo tramo de decumano en Cartagena», *AnMurcia* 22, 181-192.
- VIEIRA DA SILVA, A. 1944: *Epigrafia de Olisipo-sub-sídios para a história da Lisboa romana*. Lisboa.
- VILLANUEVA SANDINO, F.; MENDOZA CASTELLS, F. 1991: *Plan Especial de Protección, Reforma Interior y Catálogo del Centro Histórico de Écija. Documento de aprobación inicial. Memoria*. Documento de planeamiento inédito depositado en el Área de Urbanismo del Ayuntamiento de Écija.
- VIZCAÍNO SÁNCHEZ, J. 1999: «Transformaciones del urbanismo tardoantiguo en Cartagena. El caso de los vertederos», *AnMurcia* 15, 87-98.
- VIZCAÍNO SÁNCHEZ, J. 2002: «Reutilización de material en la edificación tardoantigua. El caso de Cartagena», *Mastia* 1, 207-220.
- VIZCAÍNO SÁNCHEZ, J. 2009: *La presencia bizantina en Hispania (siglos VI-VII). La documentación arqueológica*, Antigüedad y Cristianismo XXIV. Murcia.
- VIZCAÍNO SÁNCHEZ, J. 2010: «El poblamiento rural en el Sureste hispano durante la Antigüedad Tardía», *Poblamiento rural romano en la Región de Murcia*. Murcia, 99-139.
- VIZCAÍNO SÁNCHEZ, J.; PÉREZ MARTÍN, I. 2008: «Unigüentarios bizantinos con sello epigráfico en Carthago Spartaria», *AEspA* 81, 151-176.
- WARD-PERKINS, B. 1984: *From Classical Antiquity to the Middle Ages. Urban Public Building in Northern and Central Italy, AD 300-850*. Oxford.
- WICKHAM, C. 1989: «Italy and the Early Middle Ages», *The Birth of Europe: Archaeology and Social Development in the First Millennium A.D.* Roma, 140-151.
- WILSON, A. 1997: *Water management and usage in Roman North Africa. A social and technological study*. Oxford.
- WOLF, L. 2000: «Rubbish disposal in greek and roman cities», X. Dupré Raventós; J.A. Remolà Vallverdú (eds.), *Sordes Urbis: la eliminación de residuos en la ciudad romana: actas de la reunión de Roma (15-16 noviembre de 1996)*. Roma, 51-61.
- YAVETZ, Z. 1958: «The living conditions of the urban plebs in Rome», *Latomus* 17, 500-517.
- ZANDA, E.; BETORI, E. 2002: «Laminetta aurea con iscrizione greca e testimonianze di un «evento rituale» lungo l'antica Via Fulvia (Villa del Foro-Al)», *Quaderni della Soprintendenza Archeologica del Piemonte* 19, 51-66.



ISBN 978 - 84 - 00 - 09345 - 7



9 788400 093457



JUNTA DE EXTREMADURA
Vicepresidencia Segunda de Asuntos Económicos y
Consejería de Economía, Comercio e Innovación



Unión Europea
Fondo Europeo de
Desarrollo Regional

"Una manera de hacer Europa"